UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

BRUNA CEZARIO SOARES

A EVIDENCIALIDADE EM WA'IKHANA (TUKANO ORIENTAL): UMA PROPOSTA FUNCIONAL-TIPOLÓGICA

Rio de Janeiro
2019

BRUNA CEZARIO SOARES

A EVIDENCIALIDADE EM WA'IKHANA (TUKANO ORIENTAL): UMA PROPOSTA FUNCIONAL-TIPOLÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Kristine Stenzel

Rio de Janeiro
2019

CIP - Catalogação na Publicação

C676e

Cezario Soares, Bruna
A EVIDENCIALIDADE EM WA'IKHANA (TUKANO ORIENTAL): UMA PROPOSTA FUNCIONAL-TIPOLÓGICA / Bruna Cezario Soares. -- Rio de Janeiro, 2019.
142 f.

Orientadora: Kristine Stenzel.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2019.

1. Evidencialidade. 2. Língua Wa'ikhana. 3. Línguas Tukano Oriental. 4. Linguística funcional tipológica. I. Stenzel, Kristine, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

A EVIDENCIALIDADE EM WA'IKHANA (TUKANO ORIENTAL): UMA PROPOSTA FUNCIONAL-TIPOLÓGICA

Bruna Cezario Soares
Orientadora: Kristine Stenzel

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística

Examinada por:

_____
Presidente, Professora Doutora Kristine Stenzel
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Professor Doutor Diogo Pinheiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Professora Doutora Luciana Sanchez Mendes
Universidade Federal Fluminense

_____
Professora Doutora Karen Sampaio, Suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Professor Doutor Diego Oliveira, Suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
25 de fevereiro de 2019

Aos meus pais, à minha irmã e ao meu amor

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por todas as oportunidades que tive para chegar até aqui e por ter colocado na minha vida tantas pessoas incríveis que apoiam minhas escolhas e meu trabalho. Em segundo lugar, agradeço a minha família por todo suporte, incentivo e amor que me deram durante toda a minha vida. Principalmente, aos meus pais. A minha mãe, obrigada por ser quem sempre colocou meus estudos em primeiro lugar, quem me ensinou a importância do ensino público e da pesquisa nas universidades e quem me inspira a ser uma pesquisadora e futura linguista. E ao meu pai, obrigada por ter me ajudado e encorajado a escolher esse caminho e por sempre estar ao meu lado.

Agradeço ao meu amor, Leonardo, que me acompanhou de perto desde que decidi iniciar essa jornada. Obrigada por apoiar todas as minhas escolhas, por aguentar todas as crises e por ficar horas no telefone comigo, quando eu estava em campo morrendo de saudade.

Muito obrigada a Kris, minha orientadora maravilhosa, que me acolheu no seu projeto de pesquisa e me ensinou não apenas muito conteúdo, mas também a ser mais idependente e tomar minhas próprias decisões (tanto na pesquisa, quanto na vida).

Agradeço a minha parceira de grupo de pesquisa, Kristina. Foi muito bom fazer trabalhos em grupos, dividir hipóteses e análises e viajar para campo com você!

Sou grata ao CNPq. Graças a essa instituição pude me dedicar exclusivamente a esse trabalho durante estes últimos dois anos.

Muito obrigada aos amigos que fiz neste mestrado. Vocês me ajudaram a não me sentir sozinha, me deram forças nos momentos mais difíceis e fizeram tudo ficar mais leve e divertido! Agradeço também a todos os professores da UFRJ que me acompanharam nessa jornada.

Por fim, sou infinitamente grata a equipe de documentação Wa’ikhana, em especial, aos meus consultores Edgar Cardoso, Dinísio Nogueira e Pedro Fonseca Góes. Obrigada por toda dedicação, paciência e atenção, sem vocês esse trabalho não existiria.

“I would walk into the jaws of hell itself, if it were a path of my own choosing.”

– Katherine Arden, *The Bear and the Nightingale*

RESUMO

A EVIDENCIALIDADE EM WA'IKHANA: UMA PROPOSTA FUNCIONAL-TIPOLÓGICA

Bruna Cezario Soares

Orientadora: Professora Doutora Kristine Stenzel

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Este trabalho consiste em uma descrição e análise da evidencialidade, categoria gramatical que indica fonte de informação, na língua Wa'ikhana (Tukano Oriental), sob a ótica da tipologia-funcional. A partir da análise de quatro narrativas orais, dados escritos e dados elicitados, identificou-se a forma e a função dos evidenciais desta língua, que foram divididos em quatro categorias: VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO e REPORTADO. Portanto, são descritos a semântica de cada categoria e os diferentes contextos em que os evidenciais ocorrem. Também são mostrados os papéis de cada tipo de evidencial em relação ao valor de certeza do falante na língua, argumentando-se que evidencialidade e modalidade epistêmica não são a mesma categoria, apesar de intimamente conectados.

Palavras-chave: evidencialidade, Wa'ikhana, línguas Tukano Oriental, linguística funcional-tipológica

ABSTRACT

EVIDENTIALITY IN WA'IKHANA (EASTERN TUKANOAN): A FUNCTIONAL-TYPOLOGY APPROACH

Bruna Cezario Soares

Orientadora: Professora Doutora Kristine Stenzel

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

This work is a description and analysis of evidentiality, a grammatical category that expresses source of information, in Wa'ikhana (Eastern Tukanoan), in a functional-typological framework. From the analysis of four oral narratives, written data, and elicited data, the forms and functions of the Wa'ikhana's evidentials were identified and divided into four categories: VISUAL, INFERENTIAL, ASSERTION and REPORTED. The semantics of each category and the different contexts in which evidentials occur are described. It also shows the roles of each type of evidential in relation to the degree of speaker certainty in the language, arguing that evidentiality and epistemic modality are not the same category, although they are closely connected.

Keywords: evidentiality, Eastern Tukanoan languages, Wa'ikhana, functional typology

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 16

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A TIPOLOGIA E LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO 21

2.1. A perspectiva tipológica 21

2.2 Diálogo entre a Tipologia e o Funcionalismo: habilidades e a língua 23

2.3. Iconicidade, motivação e marcação 25

2.4. As construções 27

2.5. O inventário de construções 29

3. EVIDENCIALIDADE 31

3.1. Estudos tipológicos sobre evidencialidade: conceitos e debates 31

3.1.1. Evidencialidade e modalidade epistêmica 31

3.1.2. O que pode ser considerado um evidencial 34

3.1.3. Os diferentes sistemas de evidenciais 35

3. 2. Estudos tipológicos sobre evidencialidade em línguas Tukano Oriental 35

3.2.1. Evidenciais em tuyuka 36

3.2.2. A evidencialidade em línguas Tukano Oriental 37

3.2.3. A hierarquia de evidenciais 39

3.2.4 aspecto vs. tempo dos evidenciais nas línguas Tukano Oriental 40

3.2.5. Primeiras análises da evidencialidade na língua Wa'ikhana 43

4. METODOLOGIA 46

4.1. O acervo de dados, as narrativas e os softwares utilizados 46

4.2. Viagens de campo 48

4.2.1. Oficina pedagógica: primeira viagem de campo 48

4.2.2. Análise colaborativa e coleta de dados elicitados: segunda viagem de campo 51

4.3. Análise qualitativa dos evidenciais em Wa'ikhana 54

4.4. Apresentação dos dados 54

5. PERFIL TIPOLÓGICO DE WA'IKHANA 56

5.1. Algumas características fonológicas de Wa'ikhana 56

5.1.1. Pré-aspiração 56

5.1.2. As variações do fonema /d/ 56

5.1.3. Nasalidade 57

5.1.4. Tom 57

5.2. Ordem de constituintes na cláusula 58

5.3. Alinhamento 59

5.4. Pronomes pessoais 60

5.5. Morfologia nominal 62

5.5.1. O morfema *-do* 62

5.5.2. Gênero: feminino e masculino 63

5.5.3. Classificadores 64

5.6. Morfologia verbal 65

5.6.1. Modalidade da cláusula 65

5.6.2. Modo e aspecto da cláusula 69

5.6.3. Negação *-eda* 71

5.6.4. Serializações 73

6. OS EVIDENCIAIS EM WA'IKHANA 75

6.1. A categoria VISUAL 77

6.2. A categoria INFERENCIAL 81

6.3. A categoria PRESUMIDO 91

6.3.1 evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO 92

6.3.2. Evidencial PRESUMIDO SUPOSTO 96

6.4. A categoria REPORTADO 97

6.4.1. Evidencial REPORTADO PRÓXIMO 98

6.4.2. Evidencial REPORTADO DISTANTE 101

6.5. Os morfemas *-dʉ* e *-ti* 103

6.6. As categorias contínuas: o caso dos evidenciais VISUAL e PRESUMIDO 106

7. OS EVIDENCIAIS EM WA'IKHANA E A MODALIDADE EPISTÊMICA 111

7.1. A modalidade epistêmica e a semântica dos evidenciais em Wa'ikhana 111

7.2. Os evidenciais e o morfema dubitativo *-bo* 117

7.3. A hierarquia dos evidenciais em Wa'ikhana 119

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 122

REFERÊNCIAS 125

APÊNDICE – NARRATIVA *O GRITO DO MACACO* 131

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1.1 Mapa da região da bacia do Uaupés, destacando o território Wa'ikhana e as cidades Iauaretê e São Gabriel da Cachoeira.....17
Figura 1.2 Classificação da família tukano/ The Tukano Language Family 18
Figura 2.1 Contínuo de construções gramatais 28
Figura 2.2 Esquema de uma construção.....39
Figura 4.1 Print do programa ELAN.....47
Figura 4.2 Análise da narrativa *O grito do macaco* no FleX.....48
Figura 4.3 Professor Wa'ikhana Marcelino Cordeiro e participantes da oficina de Gramáticas Pedagógicas apresentando seus trabalhos.....49
Figura 4.4 Participantes da oficiana de Gramáticas Pedagógicas apresentando seus trabalhos.....50
Figura 4.5 Colaboradores Edgar Cardoso e Dionísio Nogueira trabalhando comigo na sede do ISA, em São Gabriel da Cachoeira.....51
Figura 4.6 Professor Dorvalino Chagas, Edgar Cardoso e eu trabalhando no ISA, em São Gabriel da Cachoeira.....52
Figura 4.7 Professor Dorvalino Chagas com colaboradores Edgar Cardoso e Dionísio Nogueira.....52
Figura 6.1 Construções que motivam as propriedades da construção evidencial.....90
Figura 6.2 Representação das categorias evidenciais VISUAL e PRESUMIDO e suas interseções 109

Quadro 3.1 Evidenciais de Wa'ikhana segundo Waltz.....43
Quadro 3.2 O paradigma de evidenciais do sub-tronco: Kotiria-Wa'ikhana.....44
Quadro 5.1 Pronomes pessoais em Wa'ikhana.....61
Quadro 5.2 Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana.....65
Quadro 5.3 Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana.....69
Quadro 5.4 Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana.....71
Quadro 6.1 Os evidenciais em Wa'ikhana.....75
Quadro 6.2 Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana.....76
Quadro 7.1 Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana.....117

LISTA DE GLOSAS

ANPH	anafórico
AFFEC	afetado
ATTRIB	atributivo
AUM	aumentativo
CLF	classificador
CONTR	contrastivo
COP	cópula
DEIC	dêitico
DIST	distal
DUR	durativo
EMPH	ênfase
FEM	feminine
FRUS	frustrativo
INDF	indefinido
INS	instrumental
IPFV	imperfectivo
IRR	irrealis
LOC	locativo
NEG	negação
NMLZ	nominalizador
NVIS	(evidencial) não-visual
PFV	perfectivo
PL	plural

POSS	possessivo
PRES	(evidencial) presumido
PROG	progressivo
PROX	próximo
REP	(evidencial) reportado
SG	singular
SGF	singular feminino
SWRF	*switch reference*
VBZ	verbalizador
VIS	(evidencial) visual

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo descrever e analisar o sistema de evidenciais da língua Wa'ikhana (também conhecida como Piratapuyo), da família Tukano Oriental, dentro de uma perspectiva funcional-tipológica (GIVÓN, 2001; CROFT, 2003; PAYNE, 2006). Aikhenvald (2004: 1) define evidencialidade como a categoria gramatical que indica a fonte de informação de uma declaração. Em aproximadamente um quarto das línguas do mundo (AIKHENVALD, 2004: xii), essa fonte de informação deve ser especificada por elementos gramaticais, conhecidos como evidenciais. As línguas da família Tukano Oriental (TO), em particular, têm complexos sistemas de evidenciais (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 357).

Línguas como Português, em que evidencialidade não é uma categoria gramaticalizada nem obrigatória, têm estratégias para expressar fonte de informação, por exemplo, através de verbos como em "**vi** que Maria saiu" ou "**ouvi** que Maria saiu". Já nas línguas TO, a evidencialidade é obrigatoriamente indicada nos verbos finitos (no modo *realis*) normalmente por meio de um sufixo, como podemos ver nos exemplos abaixo.

(1) *wʉlia ponuta ihidi, kaadu*

wʉú-díá	*~púdo-ta*	*ihí-**di***	*kaá-dú*
voar-CLF:redondo	tamanho-EMPH	COP-**VIS.PFV.2/3**	gavião-AUM

‘(Eu vi que) Era do tamanho de um avião, o gavião grande.’ [*O grito do macaco*]

(2) *tikido namono do'atido ñioti*

tí-kʉ́dó	*~dabó-do*	*do’á-tí-dó*	*~dií-**~yótí***
ANPH-SG	esposa-SG	doença-VBZ-SG	PROG-**REP:PRÓX**

‘A mulher dele está doente. (Ele, o marido, disse).’

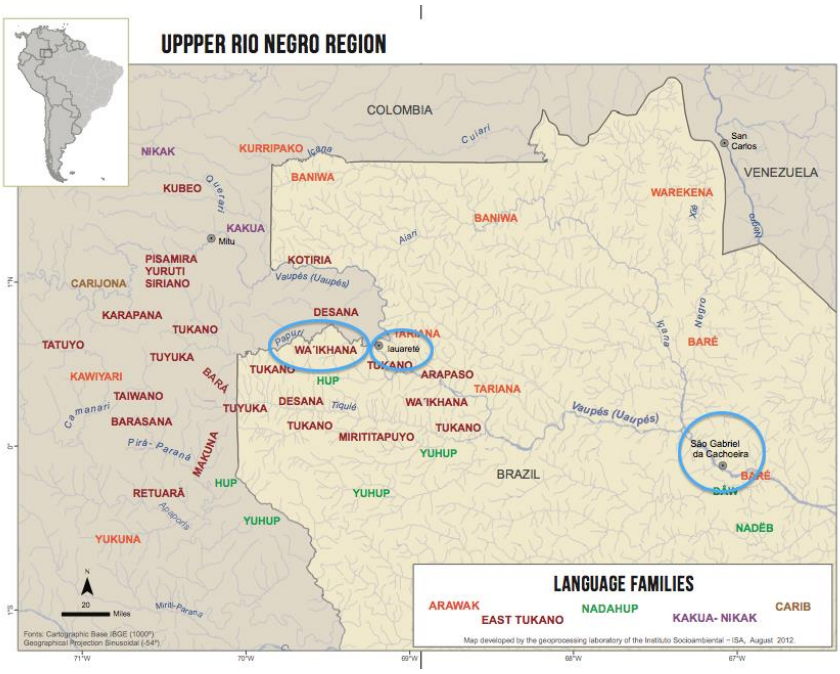
Na minha pesquisa, a análise da evidencialidade em Wa'ikhana foi feita em comparação funcional-tipológica com sistemas de evidenciais de outras línguas da família Tukano Oriental, principalmente Kotiria (Wanano), por ser uma língua geneticamente muito próxima de Wa'ikhana, e também porque um dos trabalhos que inspirou essa pesquisa foi a análise funcional-tipológica da evidencialidade de Kotiria, por Stenzel (2006, 2008a e 2013). Alguns dos sistemas de evidenciais das línguas amazônicas já descritos que foram utilizados para comparação tipológica no meu trabalho, além dos trabalhos sobre Kotiria citados acima, são: a análise de evidenciais em Barasana, por Gomez-Imbert (1997); Tatuyo, por Gomez-Imbert

(1986); em Desano, por Silva (2012, 2016); em Tuyuka, por Barnes (1984), recentemente, também em Tuyuka, por Vlcek (2016).

Em minha análise, identifiquei quatro categoriais de evidenciais na língua Wa'ikhana, a saber, VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO e REPORTADO, as quais se subdividem em categoriais menores. O objetivo da minha pesquisa foi descrever a forma e a função desses evidenciais, seguindo os princípios da tipologia-funcional. Desse modo, buscamos mostrar os diferentes contextos semântico-pragmáticos em que os evidenciais ocorrem e sua conexão com outras categorias gramaticais como aspecto e modalidade, por exemplo.

O povo Wa'ikhana vive na fronteira entre o Brasil e a Colômbia. Cerca de 75% da população reside no Brasil, na região do Alto Rio Negro, (1325 indivíduos) e 25% no departamento do Vaupés na Colômbia (400 indivíduos)[1]. Seu território cobre parte do rio Papurí e seus afluentes, como o igarapé Makú Paraná. No entanto, grandes levas de migrações fizeram os Wa'ikhana se dispersarem desse território e irem para a cidade de Iauaretê – na confluência do Papurí com o Uaupés –, para comunidades do médio rio Uaupés, para São Gabriel da Cachoeira e para comunidades ao sul de São Gabriel, no Rio Negro (STENZEL, 2005: 22).

Figura 1.1 – Mapa da região da bacia do Uaupés, destacando o território Wa'ikhana e as cidades Iauaretê e São Gabriel da Cachoeira.



Fonte: EPPS & STENZEL, 2013. (Marcações minhas.)

[1] Fonte: Povos Indígenas do Brasil <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pira-tapuya>, acessado 10/09/2018.

O número exato de falantes de Wa'ikhana é desconhecido, entretanto considera-se que a língua está ameaçada, devido a mudanças sócio-históricas na região (STENZEL, 2005). Alguns dos principais fatores que desfavorecem o uso da língua Wa'ikhana nas últimas três décadas são (i) a intensa migração de famílias Wa'ikhana das suas aldeias originárias para lugares como a comunidade indígena de Iauaretê, outras comunidades ao longo do Uaupés e também para as cidades de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel (ambas fora da TI Alto Rio Negro); e (ii) o crescente uso da língua Tukano como língua franca na região. Durante esta pesquisa participei da *Oficina de Gramáticas Pedagógicas Kotiria e Wa'ikhana*, que faz parte de um projeto que se propõe a desenvolver materiais didáticos para o uso dos professores em escolas indígenas, com objetivo de revitalizar e manter o patrimônio linguístico.

A família linguística TO, maior sub-ramo da família Tukano, é composta por dezesseis línguas ainda faladas, dentre elas Wa'ikhana, Barasana, Desano, Kotiria, Kubeo, Tukano e Tuyuka (STENZEL, 2013: 3-4). As línguas TO compartilham tipologicamente muitas características fonológicas, morfológicas e sintáticas. A língua geneticamente mais próxima de Wa'ikhana é a língua Kotiria (Wanano). As duas formam um sub-ramo específico, como mostra a figura 1.2.

Figura 1.2 – Classificação da família tukano/ The Tukano Language Family

Fonte: CHACON, 2014: 282

A literatura sobre a língua Wa'ikhana é bastante restrita, existem alguns trabalhos como o estudo muito preliminar sobre a fonologia da língua, de Klumpp & Klumpp (1973); um trabalho comparativo com Wanano (Kotiria) de Waltz (2002); o trabalho sobre verbos seriais comparativo com Kotiria, de Stenzel (2007); um dicionário com uma *sketch-grammar*, de Waltz (2012) e um estudo sobre traços laringais em Kotiria e Wa'ikhana, de Stenzel & Demolin (2013). Além disso, durante meu mestrado, foi publicado um artigo sobre o evidencial

INFERENCIAL da língua Wa'ikhana, o qual consiste em uma construção sintática (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018), e uma análise comentada de uma narrativa oral em Wa'ikhana (STENZEL & CEZARIO, *no prelo*). Um dos objetivos da presente dissertação, portanto, foi contribuir para descrição linguística de Wa'ikhana, sendo a primeira análise mais abrangente dos evidenciais dessa língua.

A metodologia utilizada nesta pesquisa consite em uma análise qualitativa de um *corpus*. Os dados provêm do ACERVO LINGUÍSTICO-CULTURAL DO POVO WA'IKHANA, que contém um arquivo digital com listas de palavras, materiais escritos, e mais de 40 aúdios e vídeos. Além disso, durante este mestrado participei de duas viagens de campo para a cidade de São Gabriel da Cachoeira, durante as quais pude aprimorar minhas análises junto de consultores falantes e coletar mais dados.

Este texto se organizará em diferentes etapas. No segundo capítulo, apresento de modo mais detalhado a abordagem tipológica-funcional. Pretendo demonstrar os principais pontos da teoria e a relação com as tedênciais mais recentes do funcionalismo – a Linguística Funcional Centrada no Uso (*Usage-Based Theory*).

No terceiro capítulo, discorro sobre os principais trabalhos tipológicos existentes sobre evidencialidade. Aponto os diferentes estudos que serviram de base para este trabalho e quais os conceitos que norteiam minha análise.

No quarto capítulo, exponho a metodologia utilizada. Exibo detalhes do acervo de dados, os tipos de dados que foram priorizados e como foi feita análise sob a ótica da tipologia funcional, relato sobre minhas viagens de campo à São Gabriel da Cachoeira e mostro como os dados analisados nesta pesquisa serão apresentados.

O quinto capítulo consiste em um perfil tipológico da língua Wa'ikhana. Descrevo as principais características da língua, necessárias para o entendimento dos dados existentes na minha análise.

O capítulo 6 traz a descrição e análise das diferentes categoriais de evidenciais na língua em estudo. Apresento minha análise das categoriais de evidenciais e suas principais caterísticas semântico-pragmáticas, seguindo o modelo da tipologia funcional. Também aponto as diferenças e semelhanças do sistema de evidenciais em Wa'ikhana para sistemas de evidenciais de outras línguas da família TO. A relação dos evidenciais de Wa'ikhana e a marcação de modalidade epistêmica na língua é apresentada no capítulo 7.

No último capítulo, faço uma síntese da análise feita neste trabalho e comento quais são os próximos passos para pesquisa futuras. Em seguida, são apresentadas as referências

bibliográficas. Por fim, no apêndice, trago uma das narrativas analisadas durante minha pesquisa, que faz parte dos dados utilizados nesta dissertação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A Tipologia e Linguística Funcional Centrada no Uso

Este trabalho é desenvolvido sob à ótica da abordagem da tipologia que se alia aos princípios do funcionalismo (CROFT, 2003: 2). Consideramos a tendência funcionalista mais recente denominada Linguística Funcional Centrada no Uso, ou Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 2003), que une as tradições das pesquisas do funcionalismo norte-americano da Costa Oeste, com representantes como Talmy Givón, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros, e da Linguística Cognitiva, com representantes, como George Lakoff, Ronald Langcker, Adele Goldberg, William Croft etc. (CEZARIO & CUNHA, 2013: 14). Na seção 2.1, apresento a perspectiva tipológica e seus principais conceitos; na seção 2.2, discuto as relações entre a tipologia e a Linguística Funcional; na seção 2.3, exponho alguns conceitos fundamentais para a perspectiva funcional-tipológica; na seção 2.4, discorro sobre o conceito de construção dentro da visão da Linguística Funcional Centrada no Uso, que dialoga com a Gramática das Construções, e, por fim, na seção 2.5, explico a proposta do inventário de construções para a Gramática de Construções.

2.1. A perspectiva tipológica

A tipologia é uma abordagem empírica que se baseia em comparações entre línguas, buscando generalizações que possam indicar **universais linguísticos** (CROFT, 2003: 1-2). O início da tipologia como busca desses universais se iniciou com Greenberg (1963), em *Universals of Language*, que se inspirou e continuou a tradição comparativa de Roman Jakobson (1929, 1958) e da Escola de Praga – um grupo de linguísticas que, na primeira metade do século XX, analisava línguas como sistemas de unidades funcionais (VELUPILLAI, 2012: 2).

O conceito de universais usado pela tipologia é bem diferente do usado pelo gerativismo. Os universais para a Linguística Gerativa estariam relacionados à existência da Gramática Universal. A teoria gerativa, iniciada por Noam Chomsky, propõe a existência de um dispositivo inato à cognição humana (chamado de Gramática Universal ou GU), que seria responsável pela linguagem humana (CARNIE, 2013: 26). A GU seria o estágio inicial de aquisição da linguagem, antes do contato da criança a língua de seu ambiente. A partir dos estímulos da língua para a qual a criança será exposta a GU filtra esse input e gera conhecimento linguístico na mente do falante (KENEDY, 2013: 96). A GU, portanto, é composta por dois conjuntos de informações – os Princípios e os Parâmetros –, que são responsáveis pelas semelhanças e diferenças existentes nas línguas do mundo. Os universais para a Linguística

Gerativa seriam os Princípios, ou seja, aquilo que é comum a todas as línguas e que estaria ativado na GU desde o nascimento da criança, já os Parâmetros seriam um conjunto de possíveis variações nas línguas que seriam ativados a partir do input da língua a que o falante é exposto (KENEDY, 2013: 97).

Para a tipologia, os universais são generalizações que emergem a partir de comparações entre línguas. A tipologia se baseia num método empírico, observando um grande número de dados para chegar a conclusões indutivas (CROFT, 2003: 5), ao contrário do gerativismo, que se propõe a descobrir os Princípios universais a partir de uma análise profunda de um pequeno número de línguas (FANSELOW, 2001: 15406). Portanto, os universais para a tipologia não fazem parte de um dispositivo inato da cognição humana como no gerativismo, eles são hipóteses que podem variar conforme mais línguas são estudadas.

A tipologia tem um enorme impacto nos trabalhos de linguística descritiva, uma vez que as generalizações e classificações dos trabalhos tipológicos podem ser fundamentais para um pesquisador entender a língua em que está trabalhando. Assim, a abordagem tipológica pode funcionar como uma teoria linguística descritiva. Dryer (2006: 207) argumenta que teorias linguísticas descritivas são aquelas cujo objetivo é mostrar como as línguas são de fato, portanto, essas teorias devem fornecer ferramentas para possíveis descrições adequadas de línguas individuais. A partir da comparação translinguística e da busca de padrões entre as estruturas de diferentes línguas, a tipologia é capaz de identificar e classificar diferentes estruturas existentes nas línguas (DIXON, 2010: 5).

A abordagem tipológica tem sido associada a perspectiva funcionalista através da história (GIVÓN, 2001: 20), sendo por vezes denominada tipologia-funcional (CROFT, 2003). Croft (2003: 6) destaca duas características distintivas da tipologia-funcional: o papel crucial da comparação translinguística e o fato de se considerar que há uma relação entre a forma e função nas línguas. Busca-se então descrever os fenômenos linguísticos de uma língua tendo como base suas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. Desse modo, a escolha deste modelo teórico para a minha pesquisa se justifica, pois os principais objetivos deste trabalho são de (i) descrever os evidenciais em Wa'ikhana, com base em comparações com a expressão dessa mesma categoria em outras línguas, e (ii) explicar possíveis relações explicativas entre as formas e funções dessas estruturas.

2.2. Diálogo entre a tipologia e o funcionalismo: habilidades e a língua

Tanto para tipologia quanto para o gerativismo, a explicação para os universais linguísticos seria baseada em **habilidades** universais da cognição humana. Para o gerativismo, como vimos, essas habilidades seriam específicas da linguagem e fariam parte do dispositivo inato com o qual os seres humanos nascem; já para a tipologia, seguindo os **modelos cognitivo-funcionais**, o que seria inato e universal seriam algumas capacidades cognitivas humanas não especificamente linguísticas – como, por exemplo, a capacidade de categorizar (ver seção 2.2).

A Linguística Funcional Centrada no Uso denomina essas habilidades cognitivas, inatas aos seres humanos, **processos cognitivos de domínio geral**. Em *Language, Usage and Cognition*, Bybee (2010: 7) argumenta que, antes de procurarmos a existência de processos específicos da linguagem, é preciso descobrir como os outros processos cognitivos afetam a linguagem. Assim, é possível cercar a procura de processos que seriam de fato apenas da linguagem e também situar a linguagem num contexto maior, que seria o do comportamento humano.

Bybee (2010) apresenta cinco processos cognitivos de domínio geral: categorização, memória rica, encadeamento *(chunking*), analogia e associação transmodal. A autora argumenta que podem existir outros processos cognitivos envolvidos na linguagem, mas escolhe estes para dar destaque. Em minha análise, o processo cognitivo mais relevante foi a categorização, desse modo, neste capítulo a priorizaremos.

A **categorização**, de todos esses processos, é a mais difusa, já que interage com todos os outros. Categorizar as coisas faz parte do nosso entendimento de mundo, ou seja, da relação humana com o mundo físico e social e com o seu intelecto. Lakoff (1987: 5) afirma que não há nada mais básico do que a categorização dos nossos pensamentos, ações e discurso. Toda vez que vemos algo como um tipo de alguma coisa, por exemplo, um tipo de árvore, estamos categorizando.

O processo de categorizar acontece também no universo linguístico, quando palavras e sintagmas e suas partes componentes são reconhecidas e associadas às representações mentais armazenadas. Desse modo, formam-se categorias e estas são a base do sistema linguístico – sejam fonemas, morfemas, palavras, sintagmas ou construções sintáticas (BYBEE, 2010: 7) –, que são acessadas quando produzimos ou entendemos um enunciado (LAKOFF, 1987: 6).

As categorias formadas a partir desse processo cognitivo (não apenas linguísticas), portanto, têm representantes prototípicos, que reuniriam os traços mais recorrentes dos elementos que formam aquela categoria, e representantes menos prototípicos, que teriam menos

traços em comum com os protótipos. Os elementos mais prototípicos são denominais "centrais" e os menos prototípicos "marginalizados" (LAKOFF, 1987: 15; GIVÓN, 2001: 34). Rosch (1973, 1975 apud GIVÓN, 2001: 31), em seu estudo sobre a categorização, propõe que as categorias não teriam limites claros, ou seja, formariam um contínuo na cognição humana. Portanto, os elementos mais marginalizados em uma categoria ocupariam um espaço intercategorial, que faria fronteira com outras categorias. Ferrari (2011: 39) afirma:

> (i) as categorias não representam divisões arbitrárias de entidades do mundo, mas surgem baseadas em capacidades cognitivas da mente humana; (ii) categorias de cores, formas, mas também organismos e objetos concretos, são ancoradas em protótipos conceitualmente salientes que desempenham papel crucial na formação dessas categorias; e (iii) as fronteiras das categorias cognitivas são imprecisas, de modo que categorias vizinhas não são separadas por limites rígidos, mas há uma zona de intersecção.

O entendimento de categorização é fundamental para o atual trabalho, pois os evidenciais encontrados foram classificados em quatro categorias VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO e REPORTADO, com base em comparações com línguas parentes e em critérios propostos por estudos tipológicos sobre evidenciais, como Aikhenvald (2004). No entanto, muitas vezes um evidencial de uma mesma categoria pode ser encontrado desempenhando diversas funções – algumas mais prototípicas, outras não, como é o caso do evidencial VISUAL (ver capítulo 6, seção 6.1 e 6.6). O evidencial pode ser usado mais prototipicamente para indicar que a fonte da informação na qual o falante baseia uma declaração é ou foi de fato visual ou diretamente experienciado, ou menos prototipicamente, indicando que a fonte de informação foi somemente experienciada, por exemplo.

Memória rica é o processo que está associado ao armazenamento mental de experiências linguísticas, o que inclui detalhes fonéticos de palavras e frases, contextos de uso, significados e inferências dos enunciados. E é através da categorização que a memória rica é mapeada em representações existentes. A memória para formas linguísticas é representada em exemplares, construídos a partir de elementos da língua que são experienciados e considerados idênticos.

Encadeamento (*chunking*) é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas acabam formando uma unidade complexa. Esse processo de domínio-geral explica porque as pessoas excutam melhor tarefas cognitivas e neuromotores depois de um tempo de prática. Na linguagem, *chunking* é a base da formação das construções. Sequências de palavras (ou morfemas) que são repetidas são "empacotadas" na cognição e acessadas como uma unidade só. A interação de *chunking* com a categorização proporciona a sequências

convencionais diferentes níveis de composicionalidade e de possíveis análises, ou seja, diferentes contextos de uso.

Analogia é o processo através do qual novos enunciados são criados a partir de enunciados que o falante já experienciou. Neste processo também há categorização, pois os enunciados já experienciados precisam estar alinhados em categorias para que sejam criados novos enunciados.

Associação transmodal é o processo que fornece a conexão entre forma e significado. Considerando que, para o modelo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, as construções são as unidades básicas de uma língua, é através da associação transmodal que a forma de uma construção[2] (seja ela um morfema, uma palavra ou uma construção sintática) é associada ao seu significado.

2.3. Iconicidade, motivação e marcação

Apresento a seguir alguns conceitos básicos compartilhados pela tipologia e pela Linguística Funcional. É importante relembrar que alguns desses conceitos foram revisitados por estudos funcionais mais recentes, denominados de Linguística Funcional Centrada no Uso.

a) Iconicidade e motivação

Como já mencionado anteriormente, a tipologia-funcional considera que há uma correlação entre a forma e função nas línguas, ou seja, que há uma motivação entre elas. Givón (2001: 34) afirma que a visão funcionalista tem como base a hipótese de que a gramática é adaptavelmente motivada e, logo, não é arbitrária. A língua, dessa forma, é organizada da mesma forma que a conceitualização humana do mundo. Assim, o princípio da iconicidade postula que uma construção gramatical reflete, de alguma forma, a estrutura de seu significado (CEZARIO & CUNHA, 2013: 22).

Algumas construções são mais icônicas do que outras, ou seja, refletem mais claramente essa correlação entre forma e significado. Em outros casos, essa relação não é nítida, as construções aparentando ser arbitrárias na sincronia. Givón (1984; 2001: 34-35) apresenta três subprincípios da iconicidade: quantidade, proximidade e ordenação linear.

O subprincípio de *quantidade* estabelece que quanto maior a quantidade de informação, maior será a forma, pois haverá necessidade de mais elementos para codificar aquela

---

[2] O conceito de “construção” para essa visão teórica será discutido de forma mais abrangente na seção 2.4.

informação. Croft (2003: 204) afirma que conceitos que são expressos por estruturas gramaticais mais simples, em geral, são cognitivamente mais primários e conceitos expressos por estruturas mais complexas tendem a ser cognitivamente mais complexos. Um exemplo para este subprincípio seria a indicação do valor "plural" da categoria gramatical de número. Na maior parte das línguas, este valor é marcado por um morfema a mais, logo sendo formalmente maior do que a expressão do valor "singular".

A *proximidade* determina que conceitos que estão mais integrados na cognição também estarão mais integrados morfossintaticamente. Bybee (1994: 11) afirma que, na cláusula (e também na morfologia das palavras), há uma tendência para que elementos semanticamente mais próximos também fiquem mais próximo na sintaxe. Um exemplo seria a relação entre um nome e um adjetivo, que além de estarem semanticamente associados (um modifica o outro), é comum que eles ocorram próximos um ao outro em uma cláusula.

Ordenação linear estipula duas tendências: (i) da informação mais topical vir primeiro na oração e (ii) da ordem dos elementos do discurso seguir a sequência temporal em que os eventos declarados são conceitualizados. Esse princípio fica muito evidente quando observamos a estrutura de uma narrativa, por exemplo, sobretudo nas suas sequências de orações coordenadas, em que a ordem dos eventos expressos na oração expressa a ordem cronológica dos acontecimentos.

O modelo construcionista apresentado por Goldberg (1995) sugere que a motivação das estruturas de uma língua também pode se internamente, ou seja, uma construção pode ser motivada por outras construções da mesma língua. As relações entre construções podem ser representadas através de uma rede com links de herança (ver seção 2.4). Nos termos de Goldberg (1995:72), "a construção A motiva a construção B, se a B herda da A"[3]. O conceito de motivação de Goldberg e consequentemente o conceito de iconicidade serão fundamentais para esta dissertação. Na análise de um dos evidenciais da língua Wa'ikhana, que não consiste em uma construção morfológica, mas sim, uma construção sintática, mostro que sua forma – aparentemente arbitrária – pode ser motivada, por meio de uma rede de links de herança, na qual apresento outras construções que motivariam a forma e a função da construção analisada (ver capítulo 6, seção 6.2).

b) Marcação

[3] No texto original, "construction A motivates construction B if B inherits from A".

Um conceito muito importante nessa linha é o da marcação, que inicialmente se deu como um refinamento da noção saussuriana de valor linguístico em oposições binárias (GIVÓN, 2001: 38). Para distinguir se uma categoria é marcada ou não-marcada os funcionalistas trabalham com três critérios:

(i) complexidade estrutural: a estrutura que expressa o valor marcada tende a ser mais complexa do que a expressão do valor não marcada;

(ii) distribuição de frequência: as estruturas marcadas tendem a ocorrer com menos frequência do que as não-marcadas;

(iii) complexidade cognitiva: uma estrutura marcada costuma ser cognitivamente mais complexa – no que diz respeito a esforço mental, demanda de atenção e/ou tempo de processamento – do que a não marcada (CUNHA *et alii*, 2015: 26).

Croft (2003: 127) aponta o problema de se tratar a marcação de forma binária, argumentando que há línguas em que a noção de número, por exemplo, não se distingue apenas por singular e plural, mas pode incluir também valores adicionais, como dual ou trial. Para explicar a diversidade de valores de uma dada categoria, ao invés de considerar apenas dois valores *absolutos*: marcado e não marcado, a tipologia considera valores *relativos*, ou seja, propõe a existência de hierarquias de marcação. Givón (2001: 39) também argumenta que o contexto discursivo pode determinar se uma estrutura é marcada ou não marcada. Desse modo, a marcação deve ser explicada considerando-se fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos.

Na análise deste trabalho são discutidas quais categorias de evidenciais são mais ou menos marcadas e qual seria sua hierarquia de marcação, considerando a proposta da tipologia apresentada anteriormente. Também mostramos como uma estrutura pode ser menos ou mais marcada, dependendo do contexto em que se encontre.

2.4. As construções

A Linguística Funcional Centrada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) considera que as unidades básicas de uma língua sejam “construções”, se alinhando aos princípios da Gramática das Construções proposta por Golberg (1995). Construções, dessa forma, seriam pareamentos de forma e significado definidos por Goldberg (2006: 4) da seguinte forma:

> Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não possa ser inteiramente previsto a partir de suas partes

> componentes ou de outras construções já estabelecidas. Adicionalmente, mesmo padrões inteiramente previsíveis podem ser armazenados, desde que ocorram com frequência suficiente.

A autora propõe que construções estão envolvidas em todos os níveis de análise gramatical. Dessa forma, as construções de uma língua podem incluir esquemas morfológicos, palavras, padrões entoacionais, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos (PINHEIRO, 2016: 29). Para a Gramática das Construções, portanto, não se considera que exista uma distinção rígida entre léxico e sintaxe. Goldberg (1995: 7) afirma que construções lexicais e construções sintáticas se distinguem no que diz respeito a sua complexidade interna, assim como na quantidade de material fonológica que é especificada. Porém tanto construções sintáticas quanto lexicais consistem em pareamentos de formas e significados. No quadro abaixo retirado de Pinheiro (2016) podemos ver esquemas de diferentes tipos de construções:

Figura 2.1 – contínuo de construções gramaticais

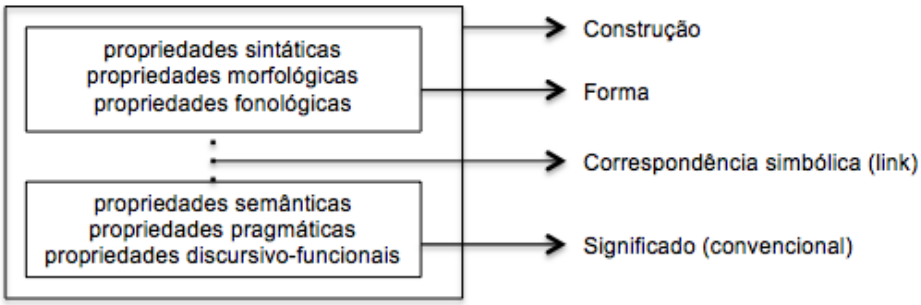
TIPO DE CONSTRUÇÃO	EXEMPLO
Palavra	Árvore
Expressão fixa	bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: *rearrumar, refazer*)
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê (ex: *que mané férias*; *que férias o quê*)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: *Réver cabeceou a bola*)
Padrão entoacional	Ascendente

Fonte: PINHEIRO, 2016: 26.

Podemos ver que as construções exibem diferentes graus de preenchimento fonológico. Elas podem ser a) completamente preenchidas, como palavras ou expressões fixas, como apresentado no quadro acima; b) parcialmente preenchidas, como os esquemas morfológicos ou padrões sintáticos semipreenchidos; ou c) podem não ter nenhum preenchimento fonológico, como o SVO ou padrões entoacionais. Além disso, algumas construções apresentam informações semânticas (como “boa-tarde”, o prefixo *des-* + radical verbal, SVO) e outras têm especificações pragmáticas (como os padrões entoacionais) no polo do significado. Apesar dessas diferenças, todas as construções são unidades simbólicas.

Croft (2001: 18) apresenta seis propriedades das construções, que são divididas em polos de forma e de significado. Como podemos ver no quadro abaixo, os modelos baseados no uso propõem que não haja uma rígida separação entre semântica e pragmática, uma vez que tanto os aspectos semânticos quanto os pragmáticos fazem parte do polo do significado.

Figura 2.2. Esquema de uma construção



Fonte: CROFT 2001: 18

Desse modo, para este trabalho consideramos que tanto os padrões morfológicos que envolvem sufixos evidenciais, como RAIZ VERBAL + EVIDENCIAL VISUAL, quanto construções sintáticas, como o evidencial inferencial, que se constitui de uma RAIZ NOMINALIZADA + CÓPULA COM EVIDENCIAL VISUAL, igualmente como construções. Afinal, os dois casos pareiam forma e significado.

2.5. O inventário de construções

Como vimos, para Linguística Funcional Centrada no Uso não existe uma grande separação entre léxico e sintaxe. Dessa forma, o conhecimento linguístico do falante consiste em um complexo inventário de construções gramaticais de vários tipos (PINHEIRO 2016: 29). Esse inventário bastante heterogêneo foi chamado de *constructicon* (HOFFMANN & TROUSDALE 2013: 3), uma fusão entre as palavras inglesas *construction* ('construção') e *lexicon* ('léxico'). O inventário de construções (*constructicon*) pode ser representado como uma rede taxonômica hierárquica formada por nós mostrando as relações associativas entre construções mais abstratas e mais concretas. Por exemplo, ao postularmos uma construção semipreenchida como JOGAR + OBJETO, também podemos postular uma construção mais concreta como "jogar bola" (que se refere a uma atividade). Os modelos construcionistas, portanto, consideram essas duas construções como interligadas em uma rede taxonômica em

que a construção mais concreta “jogar bola” representa especificação da construção mais abstrata JOGAR + OBJETO.

Neste capítulo apresentei os diferentes arcabouços teóricos que regem essa dissertação. Vimos que há uma íntima relação entre a tipologia e a Linguística Funcional – ambos compartilham conceitos como iconicidade, marcação e motivação, por exemplo – e que os modelos mais recentes do funcionalismo apresentam uma direta conexão com a Gramática das Construções. A conexão entre essas visões teóricas e os conceitos apresentados neste capítulo serão fundamentais para entendimento da minha análise. No próximo capítulo, apresentaremos trabalhos existentes sobre evidencialidade que, junto do que foi explicado neste capítulo, serviram como base para esta pesquisa.

3. EVIDENCIALIDADE

A categoria gramatical de evidencialidade é conhecida como aquela que indica a fonte de informação de uma declaração (AIKHENVALD, 2004:1). Todas as línguas têm uma forma de expressar essa fonte de informação, no entanto, apenas algumas línguas têm evidencialidade como uma categoria gramatical (AIKHENVHALD, 2004:1). Línguas, como Português, em que evidencialidade não é uma categoria gramatical utilizam-se de expressões lexicais para expressar a evidencilidade. De acordo com Machado (2017: 102), por exemplo, em Português, o verbo *ver* pode ser usado para expressar evidencialidade, como em 'Eu vi no jornal que tem outro escândalo do governo'. Já nas línguas da família Tukano Oriental (TO), por exemplo, em que há evidencialidade gramaticalizada, essa categoria é geralmente marcada por meio de morfemas que se afixam ao verbo finito (no modo *realis*), os evidenciais.

As línguas dessa família têm sistemas de evidenciais complexos e figuram entre as línguas geralmente citadas nos estudos tipológicos de evidenciais (BARNES, 1984; PALMER, 1986; WILLETT, 1988; AIKHENVALD, 2003a, 2003b, 2004; STENZEL 2008a; STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018; entre outros). O artigo 'Evidentials in Tuyuca Verb' (BARNES, 1984) – uma das primeiras contribuições para os estudos de evidencialidade em línguas TO – descreve a evidencialidade como uma categoria gramatical verbal, apresentando as cinco categorias de evidenciais existentes na língua Tuyuka[4] e suas propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas. Neste capítulo serão apresentadas e discutidas análises sobre evidencialidade que de alguma forma atuam como base teórica e/ou metodológica para minha pesquisa. Na seção 3.1, discuto conceitos de estudos tipológicos sobre evidencialidade relevantes para a análise desta dissertação e, na seção 3.2, apresento estudos tipológicos sobre evidencialidade em outras línguas da família TO.

3.1. Estudos tipológicos sobre evidencialidade: conceitos e debates

3.1.1. Evidencialidade e modalidade epistêmica

Na literatura sobre evidencialidade, existe um debate sobre a relação dessa categoria com a categoria de modalidade epistêmica. Alguns autores, como Givón (1982) e Palmer (2001), consideram que a evidencialidade está intimamente relacionada a valor de verdade e

[4] Tanto a forma Tuyuca quanto Tuyuka são usadas na literatura, porém nos estudos mais recentes da língua (VLCEK, 2016) usa-se Tuyuka, portanto, essa será a forma utilizada nessa dissertação.

certeza do falante, podendo assim ser considerada uma subcategoria de modalidade epistêmica. Já para outros, como Faller (2002), Aikhenvald (2003, 2004) e Michael (2008), evidencialidade é uma categoria gramatical separada de modalidade epistêmica, uma vez que, para eles, sua semântica básica indica "fonte de informação".

Baseando-se na análise de três línguas KinyaKuanda (Bantu), Sherpa (Tibeto-Burman) e Ute (Uto-Aztecan), Givón (1982: 26) afirma que a evidencialidade faria parte de um contínuo epistêmico. Partindo de estudos tradicionais sobre Epistemologia, via Platão, Kant e Peirce, que dividiam o "conhecimento" em três categorias de "verdade" – a verdade necessária, a verdade observada e a verdade possível – Givón (1982: 41-42) propõe um *espaço epistêmico* do falante, que se equiparia ao "conhecimento" da Epistemologia tradicional. Esse espaço epistêmico incluiria os diversos valores de certeza do falante, que seriam distribuídos em uma *escala epistêmica* – dividida em baixo valor de certeza, médio valor de certeza e alto valor de certeza do falante. O baixo valor de certeza seria aquele que o falante está se baseando em hipóteses, possibilidades, ou seja, seriam afirmações do modo *irrealis*[5]. Nesses casos, não seria possível aparecer marcadores de evidencialidade, já que o falante não estaria se baseando em nenhum tipo de evidência para aquela declaração. O médio valor de certeza seria aquele em que a evidencialidade é requerida, pois a declaração seria baseada em alguma evidência; portanto, essas seriam declarativas do modo *realis*. Já no alto valor de certeza, marcadores de evidencialidade não seriam necessários, no entanto, seria possível o uso de evidenciais que estão em uma alta posição hierárquica – por exemplo, evidenciais que marcam que o falante (e o ouvinte, em alguns casos) testemunhou a cena declarada ou a experienciou. A categoria de alto valor de certeza também inclui marcadores de um conhecimento pressuposto, em que tanto o falante quanto o ouvinte "concluíram que havia evidência anterior o suficiente para a presente transação comunicativa, então nenhuma evidência seguinte seria necessária".[6] (GIVÓN, 1982:42).

A visão de Palmer (2001) pode ser relacionada à de Givón, porque ele também afirma que evidencialidade está relacionada à atitude do falante com valor de verdade ou ao nível de

---

[5] Givón (2001) propõe que a modalidade seja expressa em modos *realis* e *irrealis*, os quais podem ser respectivamente definidos como "(...) uma ação cuja ocorrência é asseverada como correspondendo a um evento real [e] uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como tendo ocorrido num mundo contingente, ou ainda é um evento hipotético" (CUNHA, OLIVEIRA & MARTELOTTA 2015: 29).

[6] No original: "have concluded enough evidence has existed *prior* to the present communicative transaction, so that no further evidence – and challenge – are necessary".

factualidade de uma proposição (PALMER, 2001:24). Para ele, a evidencialidade seria um tipo de modalidade, que se equipararia à modalidade epistêmica,

> (…) epistemic modality and evidential modality are concerned with the speaker's attitude to the truth-value or factual status of the proposition and may thus be described as 'propositional modality'. The basic difference between epistemic modality and evidential modality is that with epistemic modality speakers make judgments about the factual status of the proposition, whereas with evidential modality they indicate what is the evidence that they have for it. (PALMER, 2001: 24)

Desse modo podemos ver que tanto Givón (1982) quanto Palmer (2001) consideram evidencialidade parte de uma categoria maior que indicaria “valor de verdade” ou “conhecimento” e que incluiria modalidade epistêmica. Para Givón, seria o “espaço epistêmico” e para Palmer, “a modalidade proposicional”.

Essa visão é refutada por alguns autores. Faller (2002: 32), em seu estudo sobre a semântica e a pragmática dos evidenciais em Cuzco Quecha, considera que evidenciais e marcadores epistêmicos formam duas categorias separadas. Aikhenvald (2004: 6) afirma que, para um morfema ser considerado um evidencial, sua semântica básica deve indicar "fonte de informação". Dessa forma, é possível que evidenciais tenham significados secundários, como confiabilidade, probabilidade e possibilidade, mas isso vai depender do contexto em que o evidencial será usado e nem sempre vai acontecer.

Michael (2008: 70-71) concorda que, em algumas línguas, os evidenciais têm uma ligação pragmática com modalidade epistêmica, entretanto, assim como Aikhenvald (2004; 2018), para ele, esse seria um valor secundário dos evidenciais, alinhando-se à visão de Floyd (1999: 26-27), que afirma que validação e evidência são independentes um do outro. Apesar de prototipicamente haver uma associação entre evidência direta com um maior comprometimento com a verdade e evidência indireta com menor comprometimento, é possível, por exemplo, que alguém veja algo e não acredite ou aceite aquilo como verdade. Desse modo, a ideia de validação, ou seja, a modalidade epistêmica, teria fortes conexões com fonte de informação, mas seriam dois conceitos diferentes. Na presente dissertação, vamos considerar evidencialidade uma categoria distinta de modalidade epistêmica, mas argumentaremos que há uma grande conexão entre o uso de certos evidenciais e comprometimento com a verdade (ver capítulo 7).

3.1.2. O que pode ser considerado um evidencial

Em seus estudos tipológicos sobre evidencialidade, Aikhenvald (2003, 2004) mostra que essa categoria pode ser expressa de várias formas. Evidenciais podem ser afixos ou clíticos em algumas línguas, em outras podem ser marcados juntos de outras categorias como aspecto ou tempo em morfemas *portmanteau*. Além disso, de acordo com a autora, não há uma restrição do tipo de língua em que a evidencialidade pode aparecer: fusional, aglutinante ou isolante. As especificações de evidencialidade podem estar ou não relacionadas a tempo, aspecto e modo da cláusula, por exemplo, um grande número de línguas só distinguem evidencialidade no passado e apenas algumas o fazem no futuro (Aikhenvald, 2004:8). Nas línguas TO, veremos que os evidenciais aparecem em certos tipos de cláusulas – declarativas do modo realis – e trazem consigo um valor de tempo/aspecto que não necessariamente é o mesmo tempo/aspecto do evento declarado (ver seção 3.2.3).

Para Aikhenvald (2004: 9), os sistemas de evidenciais que devem receber uma maior atenção nos estudos linguísticos são aqueles que formam um paradigma, por exemplo, sendo um morfema verbal, como geralmente ocorre nas línguas TO. Em algumas línguas, a evidencialidade pode ser expressa por diferentes tipos de mecanismos gramaticais sem formar uma categoria gramatical coerente, portanto, pode haver diferentes subsistemas de evidenciais na mesma língua ou pode ser que os evidenciais estejam espalhados, ou seja, não formem nenhum tipo sistema/paradigma.

A autora (*op. cit*., p. 11) considera o principal foco de seu estudo sistemas em que a evidencialidade é uma categoria codificada de forma gramatical. Dessa forma, essa categoria pode ser realizada através de morfemas presos, clíticos e palavras que pertencem a classes de palavras gramaticais, como preposições e partículas. Assim, também se excluem línguas como português ou inglês, que têm estratégias para expressar evidencialidade com uso de expressões lexicais, advérbios, etc.

Michael (2008) em sua análise da evidencialidade na língua Nanti (Aruák) desconsidera alguns dos critérios da Aikhenvald para identificação e análise de evidenciais, uma vez que, em Nanti, evidenciais não são obrigatórios nem paradigmáticos. Ele também propõe uma reformulação do conceito de evidencialidade, considerando que essa seria o *modo de acesso sensorial* a um evento, mais especificamente, "evidentials denote the mode of sensory access that the knowing subject indexed by the evidential has to an indexed event or state of affairs." (*op. cit*., p. 135).

Michael (2008: 136) também apresenta o estudo de Jakobson (1990) sobre evidenciais em Búlgaro, segundo o qual evidenciais levam em conta três eventos: o evento narrado, que é aquele descrito na declaração sobre a qual o evidencial tem escopo; o evento do discurso, que seria a situação interacional em que aquela declaração foi usada; e o evento do discurso narrado, que seria a fonte alegada do evento narrado. De acordo com Michael, generalizando essa análise, vê-se que o "evento do discurso narrado" corresponde à "fonte de informação" dos evidenciais. Tanto o conceito de *modo de acesso sensorial* apresentado por Michael quanto o estudo de Jakobson serão relevantes para parte da análise dos evidenciais em Wa'ikhana.

3.1.3. Os diferentes sistemas de evidenciais

Aikhenvald (2004) apresenta um panorama de diferentes tipos de sistemas de evidenciais existentes, na qual figuram dois grandes grupos: (i) aqueles que indicam que existe uma fonte de informação sem especificá-la, e (ii) aqueles que especificam qual é a fonte de informação, indicando se esta é visual, baseada em inferência, reportada etc. Nas línguas do tipo (i), uma declaração marcada com "evidencialidade" pressupõe que aquela fonte de informação foi adquirida indiretamente, a partir de terceiros. As línguas do tipo (ii) são divididas em diferentes subtipos, de acordo um número de fontes de informação que são especificadas (o número de diferentes evidenciais que seu sistema contém).

Sistemas mais simples do tipo (ii) contêm apenas duas especificações e sistemas mais complexos podem conter seis (ou mais) especificações de fonte de informação. Os sistemas de apenas dois evidenciais (tipo A) podem especificar: testemunho visual vs. não testemunho visual; informação que não é de primeira mão vs. todo o restante; reportado vs. todo restante. Sistemas com três evidenciais (tipo B) têm pelo menos uma especificação sensorial, sendo que esta pode ser visual ou não visual. Sistemas com quatro (tipo C) ou mais evidenciais (tipo D) têm pelo menos uma especificação sensorial e, se só houver uma, uma maior complexidade pode aparecer entre os evidenciais de inferência ou entre os reportados (Aikhenvald 2004: 65).

3. 2. Estudos tipológicos sobre evidencialidade em línguas Tukano Oriental

As línguas da família Tukano estão entre as mais conhecidas por ter evidencialidade gramaticalizada. Em especial, as línguas TO são conhecidas nos estudos de evidenciais pelos seus complexos sistemas de marcação obrigatória de fonte de informação (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 357). Portanto, pela classificação de Aikhenvald (2004: 65) citada na seção anterior, esses sistemas seriam do tipo C ou D, uma vez que podem normalmente ter

quatro ou mais evidenciais. Línguas como Kotiria (STENZEL, 2013: 272) e Tuyuka (BARNES, 1984), por exemplo, marcam cinco diferentes tipos de fontes de informação.

3.2.1. Evidenciais em Tuyuka

Um dos primeiros trabalhos publicados sobre evidencialidade em uma língua TO foi 'Evidentials in the Tuyuca Verb', de Barnes (1984). Nesta análise, a autora descreve as diferentes categorias de evidenciais da língua Tuyuka, explicando seus significados e contextos de uso. Este foi um dos primeiros estudos de evidenciais como categoria morfológica verbal e em uma língua TO, portanto, foi fundamental como ponto de partida de muitos estudos sobre evidenciais mais recentes, principalmente em línguas dessa família. Apesar de já existirem análise mais atuais e aprofundadas de evidenciais em línguas TO, o estudo de Barnes ainda é frequentemente citado na literatura sobre evidenciais, principalmente no que tange às categorias dos evidenciais e sua hierarquia.

Barnes (1984) identifica cinco categorias de evidenciais na língua Tuyuka, VISUAL, NÃO-VISUAL, INFERENCIAL, REPORTADO e PRESUMIDO[7], que são indicados por morfemas verbais que também fazem distinção de pessoa e tempo – tempo aqui não se refere ao conceito tradicional de tempo verbal, e sim a quando e como o falante teve acesso à fonte de informação do evento declarado (ver seção 3.2.3). A autora também apresenta uma hierarquia de preferência de uso dos evidenciais nessa língua, que está relacionada à importância de indicar, pela escolha do evidencial, se alguma evidência direta foi observada ou não.

A categoria VISUAL de Tuyuka para Barnes pode ser usada em três contextos: (i) para indicar estados ou eventos que o falante viu ou vê, inclusive aqueles dos quais ele participou; (ii) para compor construções sintáticas que descrevem um estado ou evento que não foi visto acontecer, mas o seu resultado final foi visto; (iii) para indicar algo que foi adquirido pela experiência de vida do falante (BARNES, 1984: 259).

Os evidenciais NÃO-VISUAIS seriam aqueles usados para indicar fontes de informação diretas que não sejam visuais. Em geral esse tipo de evidencial ocorre quando a evidência foi adquirida por meio de um som, gosto, cheiro, etc. As emoções, dores ou conhecimento adquirido de fonte não visual podem ser indicadas por esse evidencial.

---

[7]Em inglês, os termos usados por Janet Banes são "*visual*", "*nonvisual*", "*apparent*", "*secondhand*" e "*assumed*". Usamos aqui a tradução de Vlcek (2016: 53), baseada em trabalhos mais recentes sobre evidenciais em línguas TO, como Stenzel (2013).

O INFERENCIAL (*apparent*) é usado para indicar que o falante chegou a uma conclusão através de uma evidência direta. No entanto, ao contrário do evidencial VISUAL o falante não tem acesso visual ao evento em si e, sim, ao(s) resultado(s) desse evento. A autora dá um exemplo de uma sentença em que o falante diz *pisa̋na mĩnĩmãkɨ̋re nẽẽyahã-yi* '(Aparentemente) o gato pegou e comeu o pássaro.'[8] (BARNES, 1984: 260), depois de ter observado as penas do pássaro no chão.

O evidencial REPORTADO (*secondhand*) é utilizado quando a informação declarada pelo falante for um estado ou evento que ele não tem conhecimento de primeira-mão. De acordo com a autora, evidenciais reportados se referem ao passado e são usados para lendas e notícias recentes.

O PRESUMIDO[9] (*assumed*) é usado quando o falante tem um conhecimento prévio sobre um estado de coisas ou ações/comportamentos habituais e gerais. Barnes afirma que, quando o falante se refere a si mesmo no tempo presente, ele nunca usa um evidencial PRESUMIDO, e sim um VISUAL ou um NÃO-VISUAL, porque isso implicaria que ele não estaria recebendo uma informação de primeira-mão sobre ele mesmo enquanto no momento da enunciação, o que seria impossível (BARNES, 1984: 262).

O estudo de Barnes não apenas será usado como base comparativa com as categorias encontradas em Wa'ikhana nesta dissertação, mas também é de grande importância para a compreensão dos estudos mais recentes de evidenciais em línguas TO. Apesar de alguns autores apresentarem definições mais detalhadas das funções das categorias de evidenciais, muitos fazem referência ou contrastes aos conceitos da Barnes.

3.2.2. A Evidencialidade em línguas Tukano Oriental

Em "Evidentiality in Tukanoan Languages", Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 364-70) apresentam as diversas categorias de evidenciais que já foram analisadas em línguas TO, baseando-se em estudos tipológicos não apenas em línguas dessa família, mas também em estudos sobre evidencialidade em línguas ao redor do mundo (WILLETT, 1988; AIKHENVALD, 2003, 2004; GIVÓN, 1982). Os sistemas de evidenciais de línguas TO podem variar de três até seis evidenciais. Além das cinco categorias mencionadas anteriormente (VISUAL, NÃO-VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO e REPORTADO), a análise de Silva (2016: 65)

---

[8] No original, "'(Apparently) the cat caught and ate a bird'. (Said while looking at feathers on the ground.)".

[9] Também chamado de "assumido" ou "assertivo" por alguns autores.

da língua Desano ainda inclui distinção entre evidência reportada (informação adquirida de outra pessoa, de segunda-mão) e citada (quotative), que seria a categoria default para lendas e informações de terceiros, mas sem uma fonte específica (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 368).

A categoria de evidencial VISUAL é a mais frequentemente usada, sendo desse modo a menos marcada[10]. Alguns autores, como Gomez-Imbert (2007), Chacon (2012) e Silva (2012), analisam evidenciais VISUAIS como "vazio de significado", afirmando que morfemas dessa categoria contribuem apenas para flexão de pessoa e valores de tempo/aspecto. Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 364) apontam que tal análise poderia explicar o uso dos marcadores visual em construções sintáticas que expressam categorias evidenciais como o NÃO-VISUAL em Kotiria e os inferenciais em Kotiria, Wa'ikhana, Desano e Tukano. No entanto, na análise do evidencial INFERENCIAL de Wa'ikhana desta dissertação (capítulo 6), veremos que é possível motivar[11] o uso do evidencial VISUAL na construção de INFERENCIAL.

Nem todas as línguas TO possuem uma categoria evidencial NÃO-VISUAL (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 365). Em línguas em que não há essa categoria evidencial, é comum que marcadores da categoria evidencial PRESUMIDO sejam usados para indicar que a informação proveio de um som, gosto ou algo que o falante está sentindo. Este é o caso da língua Wa'ikhana (ver capítulo 6).

Os evidenciais PRESUMIDOS são uns dos mais interessantes e enigmáticos. A semântica desses evidenciais faz interseção com outras categorias, como o NÃO-VISUAL, em línguas como Tuyuka e Kotiria, como afirmado acima. Os evidenciais presumidos são usados em declarações cuja fonte de informação é uma evidência não observável, que foi adquirida por uma experiência prévia ou foi internalizada, porque é um conhecimento sobre o mundo, compartilhado pela sociedade (*op. cit*, p. 369). Em línguas que não apresentam uma categoria específica para NÃO-VISUAL o evidencial PRESUMIDO pode encobrir esse papel também, como podemos ver no exemplo da língua Kotiria abaixo.

---

[10] Para a Linguística Funcionalista, há três princípios básicos para distinguir categoriais marcadas e não marcadas: (i) estruturas marcadas geralmente têm maior complexidade estrutural que a não marcada; (ii) estruturas marcadas costumam ser menos frequentes que a não marcada; (iii) estruturas marcadas têm uma tendência a serem mais cognitivamente complexas do que a estrutura não marcada (CUNHA *et alii*, 2003: 34), ver capítulo 2, seção 2.3.

[11] Como vimos no capítulo 2, para os modelos teóricos funcionais-cognitivos, haveria uma correlação, uma motivação, entre forma e função das estruturas das línguas, ou seja, "a estrutura de uma construção gramatical reflete, de algum modo, a estrutura do conceito que ela expressa" (CEZARIO & CUNHA, 2013:22). Motivar uma estrutura seria mostrar essa correlação.

(1) *~phurí-jɨ'dɨ-a-**ka***
doer-INTENS-AFFEC-**ASSUM.IMPERV**
'Está doendo muito.' (*op. cit.*, p. 369)

Sabemos que prototipicamente evidenciais fazem parte do modo *realis* (GIVÓN, 1982: 42-43) e nas línguas TO fazem parte do paradigma da modalidade da cláusula, marcando o modo *realis*. Stenzel & Gomez-Imbert (2018), assim como Stenzel (2008a) e Gomez-Imbert (2007), no entanto, destacam que, nessa família linguística, estariam, semanticamente, numa região entre o modo *realis* e o *irrealis*, podendo estar em sentenças tanto em um modo quanto no outro. Em Kotiria, por exemplo, o PRESUMIDO imperfectivo pode coocorrer com morfemas que indicam dúvida ou desejo.

(2) *~bʉ'ʉ-re chʉ-~doka-**bo-ka***

2sg-obj comer-COMPL-**DUB-ASSERT.IMPERF**

'Nós teríamos comido você.'[12] (STENZEL, 2008a: 414).

Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 368) também destaca que nas línguas TO os evidenciais REPORTADOS e CITADOS tendem a ser afixos verbais, com exceção de Kubeo, cujo REPORTADO é um clítico que se concatena ao final do verbo. Além disso, as línguas dessa família não usam tais evidenciais para se referir a discursos indiretos, existe uma tendência a usar o discurso direto, citando o que a outra pessoa disse, junto de um verbo discente finito (*op.cit*, p. 367).

(3) *a'ríkoro yʉ'ʉre numia na, yʉ'ʉ duhtirikoro tire a'rikoro'' nia tiro.*

a'rí-kó-ró	*yʉ'ʉ́-ré*	*~dúbí-á*	*~dá*	*yʉ'ʉ́*	*dutí-ri-ko-ro*	*tí-re*
DEM.PROX-F-SG	1SG-OBJ	mulher-PL	pegar	1SG	ordenar-NMLZ-F-SG	ANPH-OBJ

a'rí-kó-ró	***~dí-a***	*tí-ró*
DEM.PROX-F-SG	**dizer**-ASSERT.PFV	ANPH-SG

'"Essa mulher é minha, a que mandei pegar," dizia ele (*Yuhpi Diani*).' (STENZEL at al., 2017: 206)

3.2.3. A hierarquia de evidenciais

Barnes (1984: 262) afirma que existe uma organização hierárquica dessas categorias de evidenciais para os falantes de Tuyuka. Portanto, as declarações seriam sempre marcadas com o mais alto nível de fonte de informação possível, seguindo a seguinte ordem: VISUAL>NÃO-VISUAL>INFERENCIAL>REPORTADO>PRESUMIDO. A partir dessa proposta, a hierarquia dos

[12] No original, "we would have eaten you up".

evidenciais em outras línguas TO foi também analisada, como o trabalho de Ramirez (1997: 141) da língua Tukano e a análise de Stenzel (2013: 294) de Kotiria. Na hierarquia de evidencias de Tukano, ao contrário da ordem do Tuyuka proposto por Barnes, Ramirez analisa o REPORTADO em um nível mais alto que o INFERENCIAL, agrupando o REPORTADO a categorias de evidência sensorial como VISUAL e NÃO-VISUAL (1997: 141). Já em Kotiria, de acordo com Stenzel (2013: 294), a ordem das categorias de evidenciais de primeira-mão é igual a de Tuyuka – VISUAL> NÃO-VISUAL> INFERENCIAL – e todas estão a cima do REPORTADO (informação de segunda-mão), no entanto, o PRESUMIDO estaria no mesmo nível do VISUAL nessa língua (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 370).

A noção de hierarquia entre categorias de evidenciais em línguas TO pode ser relacionada à análise de Givón (1982), mencionada na seção 3.2.3, sobre a escala do espaço epistêmico. Na escala apresentada evidenciais seriam apenas requeridos quando o nível de certeza fosse "médio" (GIVÓN, 1982: 42), No entanto, em línguas com evidenciais obrigatórios, como as línguas TO, evidentemente haverá ocorrência de evidenciais em todos os três casos, quando o nível de certeza for alto, médio e baixo. Desse modo, é possível que evidenciais de mais alta categoria, como VISUAL e NÃO-VISUAL, em Kotiria e Tuyuka, por exemplo, sejam usados quando o falante tenha um maior grau de certeza. Outro indício para a relação da escala dos evidênciais com a escala do espaço epistêmico é o fato de o evidencial PRESUMIDO em Kotiria estar no mesmo nível do VISUAL, como mencionado acima. Esse evindecial é por vezes utilizado para "conhecimento compartilhado", para Givón (1982: 42), esse tipo conhecimento estaria no âmbito de "alto valor de certeza" da escala epistêmica.

3.2.4 Aspecto vs. tempo dos evidenciais nas línguas Tukano Oriental

Em muitas análises de línguas TO, descreve-se que os paradigmas de evidenciais marcam valores de tempo passado/presente em algumas de suas categorias (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 377). No entanto, essa definição de "tempo" tais análises de evidenciais das línguas TO não condiz com o conceito tradicional de *tempo* – categoria que codifica passado, presente e futuro (GIVÓN, 2001: 285-86), com o tempo de discurso como ponto de referência (STENZEL, 2008a: 412-13). Para Barnes (1984), em Tuyuka, o tempo nas categorias de evidenciais INFERÊNCIA e PRESUMIDO se refere a "quando o evento ocorreu" e nas categorias VISUAL, NÃO-VISUAL e REPORTADO, a "quando o falante obteve a informação". Já para Stenzel & Gomez-Imbert, os evidenciais das línguas TO não codificam referência de tempo absoluta, mas sim mostram como e quando o falante acessou a informação de uma certa

fonte e se esse acesso ainda está disponível. Dessa forma, “tempo tem um escopo ‘evidencial’, e qualquer interpretação temporal relacionada à ação/estado predicado está restringida por esse filtro” (Stenzel & Gomez-Imbert 2018: 377).[13]

Algumas descrições de sistemas de evidenciais de línguas TO – como em Kotiria (STENZEL 2013); Tatuyo e Barasana (GOMEZ-IMBERT 1999, 2007); Kubeo (FERGUSON et al.,2000); Tuyuka (Vlcek 2016) – preferem analisar evidenciais como expressando valores aspectuais e não temporais. O aspecto, desse modo, indicaria o acesso do falante a fonte de informação do evento declarado. Evidenciais no aspecto perfectivo indicariam que o falante não tem mais acesso cognitivo à fonte de informação do evento declarado, e evidenciais no aspecto imperfectivo indicariam que o falante ainda tem acesso cognitivo a essa fonte de informação.

A distinção entre tempo e aspecto não é fácil de ser determinada, principalmente a distinção entre passado e aspecto perfectivo, cujo valores semânticos muitas vezes se sobrepõe. Em muitos casos com evidenciais, tanto o momento de ocorrência do evento quanto o acesso do falante a informação estão conectados. Por exemplo, no exemplo (3) de Kotiria o falante utiliza um evidencial VISUAL imperfectivo, pois tem acesso a fonte de informação do evento declarado, a sentença por um acaso está no presente, porque os valores de presente e imperfectivo se sobrepõem. O mesmo ocorre com o evidencial VISUAL perfectivo em (4), o falante não tem mais acesso a fonte de informação do evento declarado e a sentença também está no tempo passado.

(3) *Si* *wи’и-pи-~ka* *tatia* *bi’sa* *~di-**re***
DEM:DIST house-LOC-DIM room be-narrow be.PROG-**VIS.IMPERF.2/3**
‘Este quarto é pequeno.’ (STENZEL, 2008a: 415)

(4) *to* *wa’i-kiro* *~waha-ri-ro-dita-re*
DEF animal-SG kill-NOM-SG-only-OBJ

~sa *~da-thua-**i*** *w и’и-pи-re*
1PL:EXC carry-return-**VIS.PERF.1** house-LOC-OBJ
‘Nós trouxemos para casa apenas o animal morto.’ (*op.cit.*, p. 412)

Stenzel (2008a: 414-16), apresenta exemplos do evidencial VISUAL de Kotiria que corroboram a hipótese de que seria mais adequado descrever as distinções dos evidenciais

[13] No original, “tense has ‘evidential’ scope, and any temporal interpretations regarding the predicate action/state are constrained by this filter.”

VISUAIS como sendo de aspecto, e não de tempo. O exemplo (5) foi tirado de um texto sobre *~watia*, seres malignos que por vezes sequestram e matam humanos. As frases do exemplo ocorrem logo depois que um dos *~watia* sequestra e prende uma mulher em um tronco oco na floresta. Os filhos dela, que haviam testemunhado seu sequestro, correm e levam o pai para o tronco em que ela está presa. Quando eles chegam ao local, o pai pergunta onde a mãe está (5a) e os filhos dizem que ela está dentro do tronco (5b).

(5a) *~do'o-i* *hi-ri* *~di-a*
INT-LOC COP-INT SAY-ASSERT.PERF
'"Where is she?" (the father) asked.'
'"Onde ela está?", perguntou (o pai).'

(5b) *~o-i* ***hi-re*** *~di-a*
DEIC:PROX-LOC COP-VIS.PERF.2/3 SAY-ASSERT.PERF '
'"Here she is," (the sons) answered.'
'"Aqui está ela." (os filhos) responderam.'

Na resposta do filho, vemos que o evidencial usado é o *perfectivo* (que, para outros autores, poderia ser considerado o de tempo passado), no entanto, a mãe ainda está presa dentro do tronco. A explicação para a forma perfectiva, de acordo com Stenzel, é que o que está sendo codificado pelo evidencial é o acesso à fonte de informação daquela declaração, que neste caso não está mais disponível. Outro exemplo de uma narrativa diferente reforça a interpretação. Neste, uma mulher consegue fugir nadando de seres malignos, os seres correm até o rio e falam (6). Claramente, ela já havia escapado, como eles mesmo admitem, mas como o acesso a fonte de informação ainda estava disponível, o aspecto do evidencial usado é *imperfectivo*.

(6a) *~waku-~basi-ko* *~bʉ'ʉ* *~ya-ka* ***du'ti-ra***
think-know-FEM 2SG be.bad-EMPH escape-VIS.IMPERF.2/3
'Você escapou, mulher cruel e esperta.'

(6b) *~bʉ'ʉ* *chʉ-~doka-bo-ka*
2SG-OBJ eat-COMPL-DUB-ASSERT.PERF
'Nós iamos comer você.'

É importante destacar que, tanto nas descrições que preferem usar “tempo”, quanto nas que usam “aspecto”, o que está sendo tratado é uma característica própria do evidencial, diferente do tempo ou aspecto do evento declarado. Nestas línguas, há um slot específico (não obrigatório) para aspecto e modo do evento (ver *template* da palavra verbal na seção 3.2).

3.2.5. Primeiras análises da evidencialidade na língua Wa’ikhana

Wa’ikhana, como dissemos, é uma língua ainda pouco descrita. Os primeiros trabalhos sobre evidencialidade na língua foram de Waltz (2012) em seu dicionário da língua Wa’ikhana (Piratapuya), no qual há um *sketch-grammar* resumindo alguns dos principais aspectos estruturais da língua. Os morfemas evidenciais são analisados nessa obra como distintivos de tempo, sujeito (pessoa) e ponto de visto do falante (WALTZ, 2012: 132).

Quadro 3.1: Evidenciais de Wa’ikhana segundo Waltz

	Visual	**Não-visual**	**Indicial*** **(Inferencial)**	**Informado*** **(Reportado)**
Presente		*-aga*	*-ri jire*	*-ñohga*
Primeira pessoa	*-aja*			
Segunda/terceira pessoa	*-re*			
Passado		*-ahre (ahye)*	*-ri jire*	*-ñohti*
Primeira pessoa	*-i, ʉ, u*			
Segunda/terceira pessoa	*-ri/-di*			

Fonte: WALTZ, 2012: 132 (adaptado do espanhol).

Para Waltz, existem quatro categorias de evidenciais na língua: VISUAL, NÃO-VISUAL, INDICIAL (inferencial) e INFORMADO (reportado). Dentre esses, apenas o VISUAL teria distinções de tempo e pessoa. Em Stenzel & Gomez-Imbert (2018), há uma nova análise dos evidenciais de Wa’ikhana em comparação com os de Kotiria. Assim como nas análises de Kotiria

* Terminologia usada pelo autor, aqui adaptadoadaptada para o português. Seria bom explicar nesta nota as equivalências fonéticas do j e h nas representaçõesNa obra de Waltz <h> representa a glotal [ʔ], <j> representa [h].

(STENZEL, 2008a; 2013: 272-273) mencionadas anteriormente, Stenzel & Gomez-Imbert (2018) argumentam que os evidenciais distinguem tipo de fonte de informação, e dependendo da categoria, podem distinguir aspecto e pessoa, mas não tempo. Nessa análise, também foram encontrados quatro tipos de evidenciais, no entanto, a categoria denominada por Waltz (2012) como NÃO-VISUAL é rotulada como PRESUMIDO (*assumed*) por Stenzel & Gomez-Imbert (2018) e assim como o VISUAL, essa categoria teria diferentes formas para marcar o aspecto perfectivo e imperfectivo.

Quadro 3.2: O paradigma de evidenciais do sub-tronco: Kotiria-Wa'ikhana

	VISUAL				NÃO-VISUAL	INFERENCE	PRESUMIDO		REPORTADO	
	1P		2/3P		*koa- ta-*	*-ri hi-*				
	PERV	IMPERV	PERV	IMPERV			PERV	IMPFERV	CIT	DIF
KOT	*-i*	*-ha*	*-re*	*-ra*			*-a*	*-ka*	*-yu'ka*	*-yu'ti*
WAI	*-i/ ɨ*	*-aha*	*-di*	*-de/-re*		*-di ihi-*	*-aye*	*-aga*	*-~yo'ga*	*-~yo'ti*

Fonte: STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 377 (adaptado para o português)

As formas dos evidenciais nas duas análises são bem similares, com exceção de algumas distinções fonológicas. Nas duas análises podemos ver que o evidencial INFERENCIAL (*indicial*) é dado como não apenas um morfema, mas uma construção sintática, formada por um nominalizador *-ri/-di* seguido de uma cópula com outro evidencial afixado (construção evidencial discutida com mais profundidade no capítulo X). Waltz (2012) apresenta em seu quadro a cópula já com o slot final preenchido por um evidencial VISUAL presente (imperfectivo) *-re*, como no exemplo (7) abaixo. Stenzel & Gomez-Imbert (2018) sugerem que outras formas em diferentes pessoas e aspectos do VISUAL (ou até mesmo do PRESUMIDO, baseando-se numa comparação com a construção análoga em Kotiria) possam aparecer na mesma posição morfológica. Em (8), por exemplo, vemos um evidencial VISUAL perfectivo de 2/3 pessoa afixado à cópula nessa construção.[14]

(7) *ti-quiro* *mari-re* *duti-ri* *iji-re*
DEM-MASC nosotros.incl-COMP mandar-P.P ser/estar-EVID
'Ele nos manda.' (WALTZ, 2012: 133)

[14] No capítulo 6, será mostrado que o uso do visual de 2/3 pessoa no aspecto perfectivo é o default para essa construção, em Wa'ikhana.

(8) *i'ya-do* *~dii-di* *ihi-di*
eat-SGM be.PROG-NOMZ VIS.PERV.2/ 3
'Ele estava comendo. ([o falante] observando o homem

com um prato na mão).' (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 368)

Para descrição e análise do sistema de evidenciais em Wa'ikhana nesta dissertação iremos nos basear em análises mencionadas anteriormente que consideram que os evidenciais nas línguas TO distinguem aspecto *perfectivo* e *imperfectivo*. Partiremos também das análises comparativas com Kotiria (STENZEL, 2013), considerando os quatros evidenciais encontrados na língua como VISUAL, PRESUMIDO, INFERENCIAL e REPORTADO.

4. METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia utilizada na análise desta dissertação. Na seção 4.1, disserto sobre os dados analisados e os softwares utilizados para auxiliar na análise; na seção 4.2, discuto sobre minhas viagens de campo à cidade de São Gabriel da Cachoeira e o trabalho com os consultores falantes Wa'ikhana; na seção 4.3, comento sobre a análise qualitativa dos dados e na seção 4.4, mostro como os dados serão apresentados nesta dissertação.

4.1. O acervo de dados, as narrativas e os softwares utilizados

A metodologia usada neste trabalho foi a de análise qualitativa de um corpus de dados primários. A maior parte dos dados provém do ACERVO LINGUÍSTICO-CULTURAL DO POVO WA'IKHANA[15]. O projeto responsável pela criação desse acervo foi coordenado pela professora doutora Kristine Stenzel, entre 2007 e 2011, e recebeu auxílio financeiro do programa Endangered Languages Documentation Programme (ELDP)[16]. O acervo contém um arquivo digital com listas de palavras, materiais escritos, mais de 40 áudios e vídeos. Também tive acesso a um dicionário digital, com mais de 1500 entradas, ilustrações e áudios, que é parte do trabalho de documentação da língua Wa'ikhana, assim como dados da Gramática Pedagógica de Wa'ikhana, outros dados escritos e dados de elicitação coletados em minhas viagens de campo, que ainda não constam em nenhum acervo público.

Como estamos trabalhando com a abordagem funcional-tipológica (DRYER, 2006; CROFT, 2003; DIXON, 2010), priorizei dados primários, elicitados e de fala espontânea, priorizando narrativas orais. Para esta dissertação, foram analisadas quatro narrativas, duas sobre experiências pessoais, uma narrativa tradicional e uma narrativa inventada. As duas narrativas pessoais, intituladas *Caranã* e *O grito do macaco*, têm duração de 3m45s e 3m9s, respectivamente; a narrativa tradicional *O pajé e o curupira* têm 14m40s; e a narrativa inventada *História da canoa*, 6m27s.

As quatro narrativas já estavam com transcrição e tradução, feitas por membros da equipe de documentação Wa'ikhana, que falam a língua, no acervo. Desse modo, meu primeiro

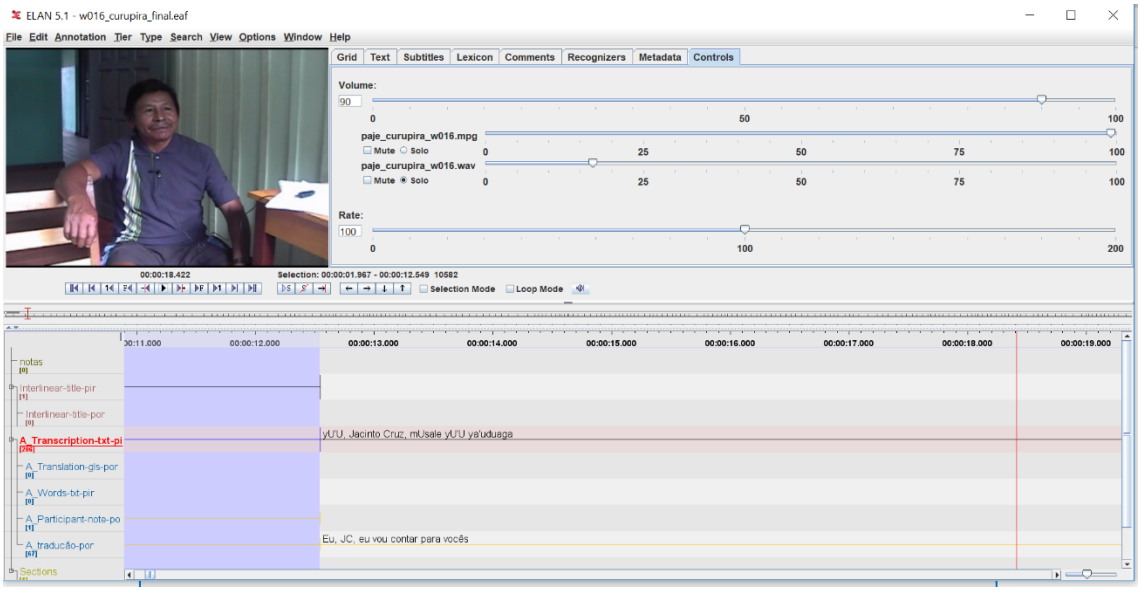
---

[15] Disponível em https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI944429

[16] Endangered Language Documentation Programme (ELDP) é um programa que financia pesquisas de documentação linguística. Os materiais documentados ficam disponíveis gratuitamente na plataforma digital Endagered Languages Archive (ELAR), que faz parte da biblioteca do SOAS (University of London).

trabalho foi transferir os vídeos e/ou áudios das narrativas e suas respectivas transcrições e traduções para o programa ELAN[17]. Este programa permite a segmentação de um arquivo de vídeo/áudio e permite anotações múltiplas, como transcrição, tradução/traduções, anotações gramaticais, etc. correspondentes a cada segmento. Como já havia transcrições e traduções feitas em outro programa, o TRANSCRIBER, esse material foi transferido para o ELAN. Na figura 4.1, abaixo, vemos um print do programa ELAN, com a narrativa *O Pajé e o Curupira* já com transcrição e tradução no ELAN.

Figura 4.1 – print do programa ELAN.

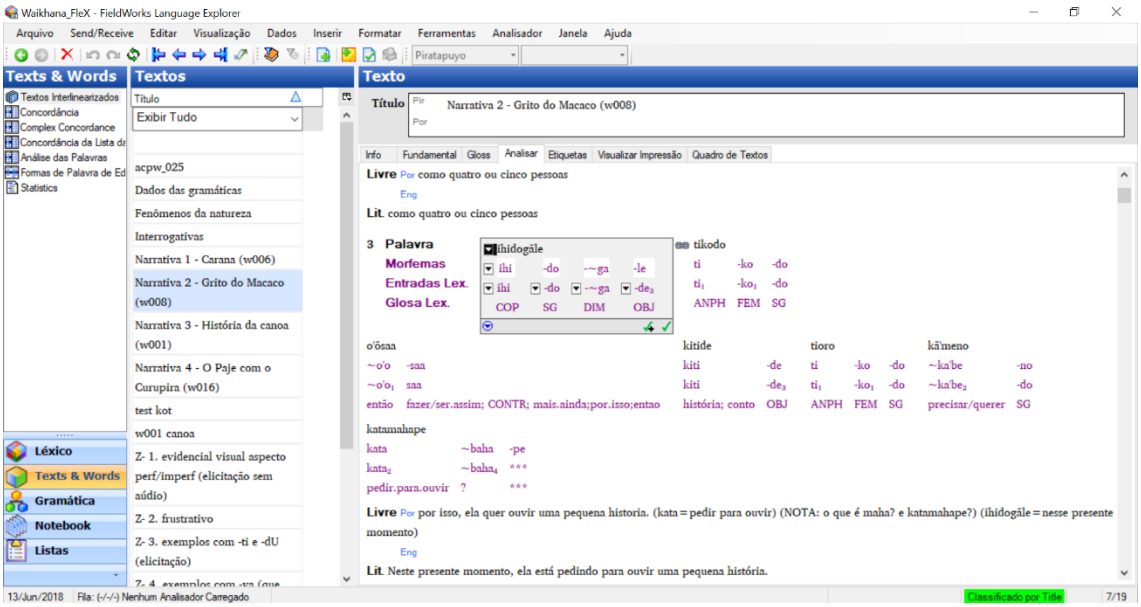


Depois disso, transferi o conteúdo transcrito e traduzido para o programa FleX[18]. Neste software é feita a análise interlinear das narrativas. Desse modo, as palavras são segmentadas em morfemas lexicais e gramaticais, que são identificados e glosados. O banco de dados lexicais digital que faz parte do acervo Wa'ikhana também foi transferido para o FleX, para possibilitar a identificação dos morfemas e o trabalho de interlinearização. Além disso, o banco de dados lexicais desse programa pode ser alimentado enquanto ele é usado. No FleX, toda vez que se indentifica um sufixo ou uma raiz, a entrada é registrada e sugerida novamente toda vez que aquele morfema aparecer, o que facilita a análise.

[17] O ELAN foi desenvolvido pelo Instituto Max Plank for Psycholinguistics e pode ser baixado gratuitamente no site: https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/download/.

[18] O Fieldworks Language Explorer (FleX) é um programa desenvolvido pelo SIL International que pode ser baixado gratuitamente online em https://software.sil.org/fieldworks/.

Figura 4.2 – Análise da narrativa *O grito do macaco* no FleX.



Esta foi a primeira parte da metodologia deste trabalho. A partir da análise interlinear das narrativas, comecei de fato a análise dos evidenciais da língua à luz dos princípios da abordagem funcional-tipológica (ver capítulo 2).

4.2. Viagens de campo

Chelliah & de Reuse (2011: 7) definem a pesquisa de campo como investigação de estruturas de uma língua através da coleta de dados primários em interação com consultadores falantes nativos. Durante esse mestrado, pude participar de duas viagens campo, que foram essenciais para a melhor compreensão e análise dos dados já existentes, assim como para uma coleta de dados de elicitação que foram baseais para este trabalho. A seguir, descrevo os trabalhos que foram feitos nas viagens de campo à cidade de São Gabriel da Cachoeira – AM.

4.2.1. Oficina Pedagógica: primeira viagem de campo

A primeira viagem de campo fez parte do subprojeto *Oficina de Gramáticas Pedagógicas de Kotiria e Wa'ikhana*, que por sua vez está incluso no projeto do Museu do Índio *Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural dos Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica*, financiado pela FUNAI em parceria com a UNESCO. O subprojeto é coordenado pela professora doutora Kristine Stenzel e meu papel nessa viagem foi dar assistência ao processo de produção dos materiais didáticos, feitos pelos falantes Kotiria e Wa'ikhana.

A oficina aconteceu durante fevereiro de 2018 na sede do Instituto Socio-Ambiental (ISA) e durou duas semanas. Nela, foram produzidas várias unidades que integrarão as gramatícas pedagógicas das duas línguas. Cada unidade foca um elemento gramatical da língua, com explicação, diversos exemplos e ilustrações criados pelos próprios falantes. O objetivo é que esse material seja usado nas escolas das comunidades Kotiria e Wa'ikhana.

Figura 4.3 – Professor Wa'ikhana Marcelino Cordeiro e participantes da oficina de Gramáticas Pedagógicas apresentando seus trabalhos.

Figura 4.4 – Participantes da oficina de Gramáticas Pedagógicas apresentando seus trabalhos.

Muitos dos exemplos elaborados para a gramática de Wa'ikhana foram utilizados como dados dessa pesquisa. Embora não sejam dados espontâneos de fala, como as narrativas orais, eles são muito relevantes, porque foram criados pelos próprios falantes (não elicitados) e estão relacionados a sua vida cotidiana. Ao todo, de Wa'ikhana, já temos mais de 10 unidades, com mais de duzentos exemplos, que incluem frases, pequenos textos e diálogos.

4.2.2. Análise colaborativa e coleta de dados elicitados: segunda viagem de campo

Figura 4.5 – Colaboradores Edgar Cardoso e Dionísio Nogueira trabalhando comigo na sede do ISA, em São Gabriel da Cachoeira.

Minha segunda viagem de campo ocorreu entre abril e maio de 2018. Fez parte do projeto *Estrutura Gramatical e Práticas Multilíngues Sob a Lente da Interação Cotidiana*, financiado pela National Science Foundation[19], também coordenado pela professora doutora Kristine Stenzel. O objetivo dessa viagem foi trabalhar as pré-análises das narrativas mencionadas anteriormente com consultores falantes de Wa'ikhana.

Meu primeiro trabalho foi passar cada frase das narrativas com os colaboradores para checar as transcrições e as traduções. Para isso, contei com três colaboradores Wa'ikhana – Dionísio Nogueira, Edgar Cardoso e Pedro Fonseca Goes. Durante essa fase, também checamos significados de palavras, morfemas e expressões desconhecidas. Muitas vezes, eu pedia para os consultores darem outros exemplos parecidos ou para trocar um elemento ou outro em uma tentativa de cercar alguma raiz ou morfema que eu não conhecia o significado.

[19] NSF Grant no. BCS-1664348.

Figura 4.6 – Professor Dorvalino Chagas, Edgar Cardoso e eu trabalhando no ISA, em São Gabriel da Cachoeira.

Figura 4.7 – Professor Dorvalino Chagas com colaboradores Edgar Cardoso e Dionísio Nogueira.

A etapa seguinte consistiu no trabalho de elicitação. Não privilegiei o uso de dados de elicitação na análise dessa dissertação, já que evidenciais são elementos gramaticais muito subjetivos que dependem muito do contexto discursivo, e por vezes a elicitação gera resultados pouco produtivos. Além disso, a abordagem teórica adotada para essa pesquisa – a tipologia-funcional – propõe um trabalho com dados reais de fala. No entanto, as elicitações foram fundamentais para (i) distinguir o significado de morfemas desconhecidos encontrados nas narrativas, (ii) conseguir dados de evidenciais menos frequentes, como o evidencial reportado e (iii) causar "acidentes" inesperados, mas muito importantes para a análise.

Por exemplo, foi através de elicitação que descobri a função de morfemas, como *-eti* e *-mi*, que indicam, respectivamente, aspecto imperfectivo da cláusula e modalidade "frustrativo". Esses morfemas já haviam aparecido nas narrativas e em exemplos da gramática pedagógica, mas foi com elicitações que consegui cercar os morfemas e identificar suas funções de forma mais precisa. Elicitei frases muito parecidas, trocando apenas a pessoa ou o tempo verbal, e pedi para o colaborador dizê-las na língua Wa'ikhana. Os exemplos abaixo foram de uma elicitação com frases nos aspectos perfectivos e imperfectivos, na qual percebi que o papel do morfema *-eti* era indicar o aspecto imperfectivo.

a)

*yи'и nihgи ihigи tini**eti**mi padиropи*

yи'и	*~di-gи*	*ihi-gи*	*~tidi-**eti**-mi-i*	*padи-do-pи*
1SG	criança-1/2SGM	COP-1/2SGM	andar-**IPFV**-FRUS-VIS.PFV.1	areia-SG-LOC

'Eu andava na praia quando eu era criança'

b) Eu andei na praia ontem.

yи'и tinii ñamika padиdopи.

yи'и	*~tidi-i*	*~yabika*	*padи-do-pи*
1SG	andar-VIS.PFV.1	ontem	areia-SG-LOC

c) Ele bebeu muito caxiri ontem.

sikido sinidиokali ihidi pa'idu ñamika

si-kido	*~sidi-dиo-ka'a-li*	*ihi-di*	*pa'idu*	*~yabika*
DEM.DIST-SG	beber-AUM(?)-DUR-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3	caxiri	ontem

d) Antigamente ele bebia muito caxiri .

*panopиle sikido siniиdi**eti**medi pa'idu*

pano-pи-de	*si-kido*	*~sidi-и-di-**eti**-me-di*	*pa'idu*
pano-LOC-OBJ	DEM.DIST-SG	beber-?-?-**IPFV**-FRUS-VIS.PFV.2/3	caxiri

e) Eu não criei essa paca

yи'и numahsoedи a'likodo semene

yʉ'ʉ	*~duu-baso-eda-ʉ*	*a'li-ko-do*	*semene*
1SG	criar-cuidar-NEG-VIS.PFV.1	DEM.PROX-FEM-SG	paca-OBJ

f) Quando eu era criança criava galinha.

*yʉ'ʉ nihgʉ ihigʉ kanaka nu**eti***

yʉ'ʉ	*~di-gʉ*	*ihi-gʉ*	*~kadaka*	*~duu-**eti**-i*
1SG	neném-1/2SGM	COP-1/2SGM	galinha	criar-**IPFV**-VIS.PFV1

Um dos evidenciais menos encontrados nas narrativas e nos dados da gramática pedagógica é o evidencial reportado -*~yoti*, evidencial que indica que a informação declarada é de segunda mão, ou seja, foi recebida pelo falante de outra pessoa. Através de elicitações, consegui mais exemplos e vi que não há distinção de pessoa ou aspecto para essa categoria de evidencial.

As elicitações também me ajudaram a descobrir "acidentalmente" morfemas como -*dʉ* 'AFFEC' e -*ti* 'AFFEC.PFV'. Ao elicitar sentenças cuja fonte de informação fosse algo sentido pelo falante, como "sentir dor" ou "sentir frio", por exemplo, esperava encontrar sempre o evidencial presumido internalizado -*aga*, que de acordo com a análise preliminar e a literatura antes vista aparecia em contextos como esse (ver capítulo 3, seção 3.2.1.). No entanto, observei que, quando a sentença se refere ao tempo passado e está na primeira pessoa, há a ocorrência de -*dʉ* ou -*ti*. Depois disso, por meio de mais elicitações percebi que esses morfemas parecem ocorrer quando o sujeito de primeira pessoa não é o agente no evento ocorrido (ver capítulo 6, seção 6.5).

4.3. Análise qualitativa dos evidenciais em Wa'ikhana

A última etapa deste trabalho foi efetivamente a análise qualitativa dos evidenciais da língua Wa'ikhana. Busquei todas as sentenças com cada categoria de evidencial e criei um arquivo texto no FleX para cada tipo de evidencial, para facilitar a comparação.

Verifiquei, então, os diferentes contextos gramaticais e discursivos nos quais cada evidencial se encontrava. Desse modo, conferi a pessoa e as categorias TAM marcados no verbo para analisar qual a relação dos evidenciais com essas categorias gramaticais (AIKHENVALD, 2004: 41-71).

4.4. Apresentação dos dados

Os dados desta dissertação são apresentados em formato interlinear com quatro linhas, representando: 1. forma ortográfica; 2. forma morfológica subjacente com segmentação e

algumas informações fonológicas, como tom e nasalidade; 3. glosas correspondentes a cada morfema da linha 2; 4. tradução livre em português. Vejamos no exemplo abaixo:

(1) *nikãta dihoboli ihi tidole* [Narrativa: *O grito do macaco*]

~ʉká-ta	*dihó-**bo**-di*	*ihí-i*	*tí-do-de*
uma-CLF:tempo	derrubar-**DUB**-NMLZ	COP-VIS.PFV.1	ANPH-SG-OBJ

'Eu o derrubaria (o macaco) de uma vez.'

Ao lado de cada dado está em colchetes a fonte do qual ele foi retirado. Como a gramática pedagógica de Wa'ikhana ainda não foi publicada ou disponibilizada em formato digital com número de páginas, apenas indico "[GP, unidade X]". Nos exemplos originários das narrativas, apresento o título da respectiva narrativa. Os dados que não têm fonte indicada são dados de elicitação.

Os três capítulos seguintes são destinados a análise dos dados da língua Wa'ikhana. No capítulo 5, procuro apresentar características gerais da língua que serão fundamentais para compreensão da análise da evidencialidade em Wa'ikhana, que será abordada nos capítulos 6 e 7.

5. PERFIL TIPOLÓGICO DE WA'IKHANA

Este capítulo consiste em um breve perfil tipológico da língua Wa'ikhana, mostrando suas características básicas. Na secção 5.1 apresento brevemente algumas características fonológicas básicas da língua fundamentais para análise e compreensão dos dados dessa dissertação. Em 5.2 comento um pouco sobre a ordem de constituintes da oração, argumentando que a ordem básica é predominantemente OV, com uma maior tendência para SOV. Na seção 5.3, apresento o alinhamento nominativo-acusativo da língua. Na seção 5.4, exponho os pronomes pessoais da língua. Na seção 5.5, serão apresentados alguns elementos básicos da morfologia nominal. Por fim, na seção 5.6 descrevo as principais características da morfologia verbal.

5.1. Algumas características fonológicas de Wa'ikhana

5.1.1. Pré-aspiração

Como vimos no capítulo anterior, os dados desta dissertação serão apresentados em quatro linhas: a primeira com a forma ortográfica, a segunda com a forma subjacente, a terceira com a glosas e a última com a tradução livre. A forma ortográfica em Wa'ikhana se assemelha bastante à forma de superfície. Destacamos algumas caraterísticas fonológicas fundamentais para entender os dados em Wa'ikhana desta dissertação. Por exemplo, em línguas da família TO, consoantes surdas em posição medial de raiz sofrem processo de pré-aspiração alofônico (STENZEL & DEMOLIN, 2013: 83). Desse modo, nos dados, na forma ortográfica a palavra aparece com a pré-aspiração e, na camada subjacente, sem a pré-aspiração. Por exemplo, a palavra *tuti* [tu^{h}ti] 'noite muito escura' teria como forma ortográfica *tuhti* e subjacente *tuti*.

5.1.2. As variações do fonema /d/

Em Wa'ikhana, o fonema /d/ em posição não-inicial alterna a pronúncia [d] ~ [ɾ] dependendo de que comunidade o falante é originário (STENZEL & CEZARIO, *no prelo*). Portanto, uma palavra como *tikodo* 'ela', pode ser pronunciada tanto como [tikodo], quanto como [tikoɾo]. A pedido dos falantes, essa variação é apontada nos dados na forma ortográfica, porém na forma sujacente é apresentado o fonema /d/.

Em morfemas formados por /d/ + vogais anteriores /i, e/, como *-di* 'VIS.PFV.2/3', 'NMZL' e 'PL' e *-de* 'OBJ' e 'VIS.IPFV.2/3', o fonema /d/ também sofre alternância. Nesses casos, /d/ é pronunciado como [l] depois de vogais não-anteriores /a, o, u, ʉ/ e como [d] após vogais

anteriores /i, e/ (*op.cit.*). Essa alternância também é representada nas formas ortográficas, o fonema /d/ é mostrado na camada subjacente.

5.1.3. Nasalidade

A nasalidade em Wa'ikhana, assim como em outras línguas Tukano Oriental, é suprassegmental, ou seja, se associa aos morfemas (lexicais e gramaticais) e não apenas a um segmento. Gomez-Imbert (2003: 4) afirma que, em Basarana (língua da mesma família), a nasalidade é um traço que se associa a unidades compostas por pelo menos dois segmentos, que formam uma sílaba, sendo estas unidades morfemas lexicais ou gramaticais. Desse modo, no nível segmental, não há contraste fonêmico entre segmentos orais e nasais como /b/ e /m/, como em línguas como Português e Francês, por exemplo. Em línguas TO, o contraste ocorre entre morfemas orais e nasais, como /*basa*/ [bahsa] 'dançar' e /~*basa*/ [mãhsã] 'gente'. As duas palavras têm a mesma sequência de segmentos, porém apenas a segunda está no contexto de associação do traço [+nasal]. Na camada subjacente dos dados (linha dois dos exemplos), represento a nasalidade com ~ antes do morfema como, por exemplo, a palavra *maa* 'igarapé', que será representada como ~*baa* e o sufixo de diminutivo -*gã* será -~*ga*. Alguns sufixos podem ser tanto nasais quanto orais, dependendo do constituinte que está seguindo (*op.cit*., p. 5).

5.1.4. Tom

Wa'ikhana também possui tom como um traço suprassegmental, característico de línguas dessa família. Em sua análise dos tons de Kotiria, língua geneticamente muito próxima, Stenzel (2013: 49) descreve a distinção de tons na língua como alto (high – H) e baixo (low – L). Cada palavra fonológica permite apenas um tom alto e há um espalhamento do tom da esquerda para direita, seguindo o tom final do padrão da raiz. Portanto, se a raiz tem um padrão tonal LH, o morfema que se afixar a ela manterá o tom alto. Algumas raízes têm o padrão tonal LHL, mas, como cada raiz tem apenas duas vogais – unidades às quais o tom é associado –, o último tom só é revelado quando um sufixo é afixado essa raiz, do contrário é impossível diferenciar raízes LH e LHL (STENZEL, 2013: 50-53). Nos dados de narrativas e na maior parte das elicitações, represento o tom alto com acento agudo e o tom baixo não é marcado. Nos dados escritos – como os da Gramática Pedagógica e algumas elicitações –, o tom não será marcado.

5.2. Ordem de constituintes na cláusula

Muitas línguas da família TO têm como ordem predominante de constituintes Sujeito-Objeto-Verbo (STENZEL, 2013: 334), como Tuyuka, Tukano e Desano. Em Wa'ikhana, assim como na língua geneticamente muito próxima Kotiria (STENZEL, 2013), podemos considerar que existe uma ordem básica OV, no entanto, a posição do sujeito depende do contexto discursivo. Em elicitações ou quando o sujeito acaba de ser apresentado em uma narrativa, ele tende a aparecer no início na cláusula, portanto, ocorre a ordem SOV, como em (1) e (2). Quando o sujeito já foi referido anteriormente, ele pode aparecer depois do verbo, como em (3), provocando a ordem OVS, ou ele pode ser oculto, como em (4).

(1) *dihsi polero diapʉ bodapag i'yare* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

S	O			V
disi	*pore-do*	*dia-pʉ*	*boda-pa-~gʉ*	*i'ya-de*
Pacu	gafanhoto-SG	rio-LOC	cair-estar.na.superfície-SW.REF	comer-VIS.IPFV.2/3

'Pacu, quando gafanhotos caem na superfice, (os) come.'

(2) *yʉ'ʉ mʉ'ʉle ka'meita* [Narrativa: *Caranã*]

S	O	V
yʉ'ʉ́	*~bʉ'ʉ́-de*	*~ka'bé-ʉ́-tá*
1SG	2SG-OBJ	precisar/querer-1SGM-IRR

'Eu vou precisar de você.'

(3) *pʉ'ʉdogãle khʉoli tikodo bʉkʉodope* [Narrativa: *Caranã*]

O	V	S	
pʉ'ʉ́-dó-~gá-lé	*kʉó-di*	*tí-kó-dó*	*bʉkʉ́-ó-dó-pé*
aturá-SG-DIM-OBJ	ter-VIS.PFV.2/3	ANPH-FEM-SG	velho/a-FEM-SG-CONTR

'A velha (esposa) tinha um aturazinho.'

(4) *dʉkʉle ñaabutiado yeedi* [Narrativa: *O grito do macaco*]

O		V
dʉkʉ́-de	*~yaá-butí-wá'á-dó*	*yeé-di*
maniva-OBJ	ser.mal-amadurecer-ir-SG	fazer-VIS.PFV.2/3

'(A cutia) estava estragando a mandioca.'

5.3. Alinhamento

Wa'ikhana tem um sistema de alinhamento nominativo-acusativo. O sujeito dos verbos intransitivos e transitivos não recebe marca morfológica e, como vimos na seção anterior, sua posição na cláusula pode variar de acordo com o contexto. Já os objetos dos verbos transitivos recebem o morfema *-de*, quando são referenciais. Nos exemplos abaixo, podemos ver que tanto os sujeitos *tikoro* e *buu*, de verbos transitivos, em (5) e (6) respectivamente, quanto o sujeito *tido* de um verbo intranstivo em (7) não recebem marcação morfológica.

(5) ***tikoro*** *wa'ide do'adi'i*

ti-ko-do	*wa'i-de*	*do'a-di*
ANPH-FEM-SG	peixe-OBJ	cozinhar-VIS.PFV.2/3

'Ela cozinhou o peixe.'

(6) *wehsepʉ*, ***buu*** *i'yali* [Narrativa: *O grito do macaco*]

wesé-pʉ	*buú*	*i'yá-di*
roça-LOC	cotia	comer-VIS.PFV.2/3

'Na roça, uma cotia estava comendo.'

(7) ***tido*** *kãnino niide*

ti-do	*~kadi-do*	*~dii-de*
ANPH-SG	dormir-SG	PROG-VIS.IMPERF.2/3

'Ele está dormindo.'

(8) *tidole phihiwa'aʉtha* [Narrativa: *Caranã*]

ti-do-de *pihi-wa'a-ʉ-ta*

ANPH-SG-OBJ convidar-ir-1/2SGM-INTNT

'Vou convidá-lo.'

Os objetos, quando referenciais, recebem a marcação *-de*, como podemos ver em (5) e (8) acima. No entanto, na língua, em alguns casos o objeto direto não receberá marca morfológica como em (9) e (10).

(9) ***wa'i*** *wehẽi ehsami*

wa'i *~wehe-gʉ* *esa-me-i*

peixe matar-1/2SGM chegar(lá)-FRUS-VIS.PFV.1

'Fui pescar (sem sucesso).'

(10) *yʉ'ʉ miale,* ***ʉlẽko****kʉʉ* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

yʉ'ʉ́ *~biá-dá* ***~ʉleko*** *kʉu-ʉ*

1SG agora-OBJ vinho.de.pupunha ter.junto-VIS.PFV.1

'Hoje eu tenho vinho de pupunha.'

Stenzel (2008b: 9) afirma que, em Kotiria, língua geneticamente muito próxima, um nome na posição pré-verbal em uma oração transitiva é interpretado como objeto mesmo se não tiver a marcação *-re* (cognato de *-de*, em Wa'ikhana). A autora demonstra que nem todos objetos diretos são marcados por *-re* (*op.cit*, p. 11), nomes, tanto animados quanto inanimados, que são genéricos ou não referenciais, não recebem o morfema ***-re***. Os exemplos (9) e (10) corroboram com essa hipótese, já que, nos dois casos há nomes indefinidos, e é apenas a posição pré-verbal que indica que esses nomes devem ser interpretados como os objetos sintáticos dos verbos.

5.4. Pronomes pessoais

No quadro abaixo, apresento os pronomes pessoais em Wa'ikhana. Pronomes nessa língua podem ocorrer tanto como argumentos verbais, como em (11), quanto na construção de posse, adjacente ao nome possuído, como em (12). Os pronomes de terceira pessoa na língua

são derivados do anafórico *ti*, que, ao receber morfemas de gênero e número, tem função de pronome, dessa forma, nesta dissertação glosaremos esses casos como em (13).

Quadro 5.1 – pronomes pessoais em Wa'ikhana.

Pessoa	Forma ortográfica	Forma subjacente
1SG	*yʉ'ʉ*	*yʉ'ʉ*
2SG	*mʉ'ʉ*	*~bʉ'ʉ*
3SG MASC	*tikido*	*tikido*
3SG FEM	*tikodo*	*tikodo*
1PL.EXC	*isa/ʉsã*	*isa/~ʉsa*
1PL.INC	*mali*	*~badi*
2PL	*mʉsa*	*~bʉsa*
3PL	*tikina*	*tikina*

(11) *yʉ'ʉ mʉ'ʉle ka'meita* [Narrativa: *Caranã*]

yʉ'ʉ́ ***~bʉ'ʉ́****-de* *~ka'bé-ʉ́-tá*

1SG **2SG**-OBJ precisar/querer-1SGM-INTNT

'Eu vou precisar de você.'

(12) *yʉ'ʉ kayee* [Narrativa: *Caranã*]

yʉ'ʉ́ *aká-yéé*

1SG parente-PL.INDF

'Meus parentes'

(13) *tikoro wa'ide do'adi'i*

ti-ko-do *wa'i-de* *do'a-di*

ANPH-FEM-SG peixe-OBJ cozinhar-VIS.PFV.2/3

'Ela cozinhou o peixe.'

5.5. Morfologia nominal

Assim como outras línguas Tukano, Wa'ikhana tem um sistema de classificação nominal bem complexo, que vai se refletir em sua morfologia. Nesta seção vou apresentar algumas das principais funções de alguns morfemas nominais mais recorrentes na língua, cuja interpretação será fundamental para a compreensão dos dados desta dissertação.

5.5.1. O morfema *-do*

O morfema *-do*, glosado como -SG, nos dados desta dissertação, pode ter diversas funções quando afixado a uma raiz. Em raízes de nomes animados, como *~dabo*, que significa 'mulher', e *die* 'cachorro', sua função será de flexão singular, como nos exemplos (14) e (15), contrastando com morfemas de plural, como em (16).

(14) *yʉ'ʉ namono me'na ihii* [Narrativa: *Caranã*]

yʉ'ʉ́	*~dabó-**do***	*~be'da*	*ihí-i*
1SG	esposa-SG	COM/INS	COP-VIS.PFV.1

'Estava com minha mulher.'

(15) *diedo yaliawali ihidi*

*die-**do***	*yalia-wa'a-di*	*ihi-di*
cachorro-**SG**	morrer-ir-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3

'O cachorro morreu.'

(16) *pʉado ihiaye tina diaya, tina so'õpʉ* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

pʉá-dá	*ihí-aye*	*tí-~dá*	*dié-**yá***	*tí-~dá*	*~so'ó-pʉ́*
dois-SG	COP-CIT	ANPH-PL	cachorro-PL	ANPH-PL	DEIC.DIST-LOC

'Havia dois cachorros lá.'

Este mesmo morfema pode se afixar a nomes massivos derivando-os em nomes contáveis. Por exemplo, *ako* 'água' ao receber o morfema *-do* torna-se *akodo* 'chuva', *padʉ* 'areia' torna-se *padʉdo* 'praia'.

Além disso, *-do* também pode ter a função de nominalizador quando afixado a raízes verbais. Algumas construções em Wa'ikhana são formadas por um verbo nominalizado junto de um verbo auxiliar, nesses casos, o morfema *-do* ocorre como nominalizador, quando o sujeito estiver na terceira pessoa singular. Por exemplo, o progressivo em Wa'ikhana é formado pelo verbo principal nominalizado seguido da cópula auxiliar *~dii* flexionada. Nesses casos, na terceira pessoa, o nominalizador do verbo principal será *-do*, como podemos ver em (14).

(17) *tikiro su'ti kohsero niine* [GP unidade progressivo]

ti-kido	*su'ti*	*kose-**do***	*~dii-de*
ANPH-SG	roupa	lavar-SG	PROG-VIS.IPFV.2/3

'Ele está lavando roupa.'

5.5.2. Gênero: feminino e masculino

As palavras referentes a humanos em Wa'ikhana fazem distinção entre feminino e masculino. Algumas palavras têm o gênero marcado inerentemente como *~dabo-do* 'mulher/esposa' ou *pe'su-do* 'cunhado', ou seja, não há nenhum morfema indicando o gênero nestas palavras. Já outras, como nos exemplos abaixo, recebem os morfemas *-ko e -ʉ* para marcar feminino e masculino, respectivamente.

(18) *mali ba'kodo* [GP unidade possessivos]

~badi	*ba'-**ko**-do*
1PL.INC	irmão.menor-**FEM**-SG

'Nossa irmã menor'

(19) *yʉ'ʉ ba'ʉ* [GP unidade possessivos]

y*ʉ'ʉ*	*ba'-**ʉ***
1PL	irmão.menor-**MASC.SG**

'Meu irmão menor'

O gênero também é distinguido em algumas construções verbais, como na construção de progressivo que consiste em um verbo nominalizado seguido da cópula *~dii* flexionada. O verbo nominalizado nessa construção concorda em gênero e número com o sujeito. Em (20), o verbo nominalizado *i'ya* 'comer' recebe o morfema *-gʉ*, que, além de nominalizar o verbo, indica primeira ou segunda pessoa masculina, uma vez que o falante é um homem. O exemplo (21) contém a mesma sentença no feminino e no lugar de *-gʉ*, temos *-go*, indicando primeira ou segunda pessoa do feminino.

(20) *i'yagʉ niiha*

*i'ya-**gʉ***	*~dii-aha*

comer-1/2SGM PROG-VIS.IPFV.1

'Estou comendo' (falante masculino).

(21) *i'yago niiha*

*i'ya-**go*** *~dii-aha*

comer-1/2SGF PROG-VIS.IPFV.1

'Estou comendo' (falante feminino).

5.5.3. Classificadores

Ao contrário do gênero, como visto acima, que é identificado a partir da concordância (masculino ou feminino, por exemplo), classificadores são formas livres e invariáveis que designam um nome a uma determinada classe, geralmente semântica (VELUPILLAI, 2012: 172). Classificadores são um tipo artifício de categorização de nome sem concordância, seu uso é determinado por propriedades do léxico em si e não por uma propriedade flexional do nome que concorda com outros constituintes do sintagma nominal (AIKHENVALD, 2000: 81).

Os sistemas de classificação nominal das línguas Amazônicas são bastante conhecidos por sua complexidade e por serem um desafio para classificação tipológica. No que diz respeito às línguas Tukano, há bastante discussão sobre os sistemas de classificadores existentes. Sabe-se que, em geral, os sistemas de classificação nominal dessas línguas são parecidos entre si (CHACON, 2007: 152) e eles podem conter diversos classificadores que se afixam a raízes nominais, para indicar uma característica física deste nome ou para derivar um nome para outro com determinada especificação. Nesta dissertação não aprofundaremos a análise do sistema de classificação nominal da língua Wa'ikhana, mas destaco a existência de tais morfemas na língua, como podemos ver nos dados abaixo. No exemplo (22), o verbo *ape* 'jogar' nominalizado por *-di* recebe o classificador de superfícies planas *-pa*. O resultado do processo de nominalização mais a afixação do classificador *-pa* resulta num nome que significa 'campo de futebol'. É importante notar que *~wa'ba* 'novo', que expressa uma propriedade de *apedipa*, também recebe o classificador *-pa*, uma vez que está concordando com o núcleo do sintagma nominal.

(22) *di'iga ahpedipa wa'mapa*

di'iga *ape-di-**pa*** *~wa'ba-**pa***

bola jogar-NMLZ-CLF:plano novo-CLF:plano

'Um novo campo de futebol.'

Em (23), o nome que originalmente significa 'carne', *di'i*, ao receber o classificador de lâmina -~pi'i, ganha o novo sentido de 'faca'. O verbo estativo nominalizado *pahi* 'ser.grande',

que acompanha o nome, com função de expressar uma propriedade, também recebe o mesmo classificador.

(23) *di'íphĩ pahidiphĩ*
*di'í-~**pi*** *pahi-di-~**pi***
carne-CLF:lâmina ser.grande-NMLZ-CLF:lâmina
'Faca grande.'

5.6. Morfologia verbal

Assim como em outras línguas TO, verbos em Wa'ikhana podem receber diferentes morfemas de modo, negação, pessoa, aspecto e modalidade da cláusula. Alguns desses morfemas formam paradigmas de distribuição complementar em si, e outros podem combinar entre si. No quadro abaixo, apresento o *template* da palavra verbal finita em Wa'ikhana, no qual podemos ver todos os possíveis *slots* que um verbo pode ter nessas línguas. Os dois *slots* destacados em negrito são obrigatórios – o da raiz ou raízes[20] e o da modalidade da cláusula. Os evidenciais – tema da presente dissertação – fazem parte do paradfima da modalidade da cláusula e indicam o modo *realis*.

Quadro 5.2 – Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana[21]

	(1)	(2)	(3)	4
RAIZ(es)	negação	aspecto modo	pessoa/gênero	**modalidade da cláusula**

5.6.1. Modalidade da cláusula

No *slot* da modalidade da cláusula, que é obrigatório na palavra verbal finita, ocorrem morfemas que formam um único paradigma e são mutualmente exclusivos. Dentro desse paradigma existem subcategorias de morfemas que indicam diferentes os tipos de cláusulas

[20] É possível (e muito comum) que mais de uma raiz se combine formando verbos serializados (ver seção 5.5.4)
[21] Baseado no quadro do *template* básico da palavra verbal finita nas línguas TO, apresentado por Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 362).

(STENZEL, 2008a: 408). Sentenças declarativas do modo[22] *realis*, por exemplo, são marcadas por algum evidencial; declarativas do modo *irrealis* recebem marcadores de *irrealis*, como um um especulativo; sentenças imperativas recebem morfemas específicos, assim como sentenças interrogativas.

a) Evidenciais

Os evidenciais são morfemas que marcam a fonte de informação de uma declaração (AIKHENVALD, 2004: 1). Em Wa'ikhana, assim como em outras línguas TO, esses morfemas fazem parte do paradigma de modalidade de cláusula e aparecem nas declarativas finitas do modo *realis* (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 360). O modo *realis* se relaciona diretamente com tempos passado, presente e não futuro (VELLUPILAI, 2012: 216), desse modo, evidenciais em Wa'ikhana ocorrerão em sentenças do tempo presente e passado, apesar de tempo não ser uma categoria codificada nos verbos em Wa'ikhana. A relação entre evidenciais, aspecto e tempo nesta língua será discutida mais abrangentemente nas seções 6.1 e 6.4.1 do capítulo 6. Em Wa'ikhana há três categorias de evidenciais morfológicos: VISUAL, PRESUMIDO e REPORTADO, e um evidencial que é formado por uma construção sintática – o INFERENCIAL. No capítulo 6 desta dissertação, abordaremos detalhadamente todos os morfemas de evidenciais e suas diferentes funções.

b) Imperativo

As sentenças imperativas fazem parte do modo "orientado" junto de sentenças de requerimento, exortativas e sentenças de aviso (BYBEE *at al.*, 1994: 178). Em Wa'ikhana, as sentenças imperativas recebem o morfema *-ya* (nas raízes nasais <*ña*> [completar com forma fonética]) no *slot* de modalidade da cláusula. Assim como os outros morfemas de modalidade da cláusula, não há distinção de singular/plural para esse morfema, como podemos ver em (24) e (25), que são casos no singular e plural respectivamente.

(24) *timale i'ñɯ wa'aya* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

tí-~baá-dé	*~i'yá-gɯ́*	*wa'á-**yá***
ANPH-CLF:igarapé-OBJ	ver/olhar-1/2SGM	ir-IMP

[22] Givón (2001) propõe que a modalidade pode ser expressa através dos modos *realis* e *irrealis*, os quais são definidos respectivamente como "(...) uma ação cuja ocorrência é asseverada como correspondendo a um evento real [e] uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como tendo ocorrido num mundo contingente, ou ainda é um evento hipotético" (CUNHA, OLIVEIRA & MARTELOTTA 2015: 29).

‘Vai ver o igarapé.’

(25) *siuu di'tamaliaña* [GP unidade diretivos]

siuu	*di'ta~balia*[23]***-ya***
ONTP:psiu	fazer.silêncio-**IMP**

‘Psiu, façam silêncio.’

c) Interrogativas

Em Wa’ikhana, encontrei dois morfemas interrogativos *-ali* e *-hali*. Em Kotiria, há dois morfemas cognatos, *-ri* e *-hari*, que são classificados como interrogativos VISUAIS *perfectivo* e *imperfectivo*, respectivamente. Essas interrogativas não apenas indicam que o falante está pedindo uma informação, mas também sua expectativa de que o ouvinte pode de fato dar essa informação (STENZEL, 2008a: 433). Dessa forma, quando o falante espera que o interlocutor não tenha mais acesso visual à informação requerida, utiliza-se um morfema interrogativo perfectivo; quando o falante espera que a informação requerida ainda esteja disponível para o interlocutor, usa-se o imperfectivo. A marcação de aspecto dos morfemas interrogativos é muito parecida com a marcação de aspecto do evidencial VISUAL nas línguas TO (ver capítulo 3, seção 3.2.4, e capítulo 6, seção 6.1).

No exemplo (26), o falante pergunta ao interlocutor sobre uma situação que teria ocorrido antes do presente momento, portanto, a pessoa interrogada não teria mais acesso visual àquela ação, o que justifica o uso do morfema interrotigativo perfectivo. No dado (27), a pergunta se refere ao que o interlocutor está fazendo no momento, logo usa-se um interrogativo imperfectivo.

(26) *mɨ'ɨ miale wa'i weheali?* [GP unidade interrogativos]

~bɨ'ɨ́	*~biá-dé*	*wa'í*	*~wehé-**ádí***
2SG	hoje-OBJ	peixe	matar-**INT.PFV**

‘Hoje você pescou peixe?’

(27) *cho! o'õ mɨ'ɨ pa'sahari* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

chó	*~o'ó*	*~bɨ'ɨ́*	*pa'sá-**hadi***
ONTP:puxa!	DEIC.PROX	2SG	boiar-**INT.IPFV**

‘Puxa! Você por aqui?”

[23] Verbo serializado de duas raízes, uma não nasal di’ta e uma nasal ~balia, que significa ‘fazer silêncio’. Durante a análise feita aqui, não foi possível determinar o significado de cada uma das raízes isoladas.

d) Irrealis

Em Wa'ikhana, modo *irrealis* é indicado pelo morfema *-taha*[24], que ocorre em verbos de sentenças cujas ações ainda não ocorreram. Esse morfema não faz distinção de pessoa, no entanto, na palavra verbal, a pessoa é marcada no *slot* anterior ao da modalidade da cláusula – *slot* 3 no Quadro 2 acima, como podemos ver nos dados abaixo. Em (28) *-gʉ* marca a primeira pessoa do gênero masculino e em (29), *-do* indica a terceira pessoa.

(28) *tiña wehegʉ wa'aʉta* [Narrativa: *O grito do macaco*]

tí-~yá	*~wehé-gʉ́*	*wa'á-ʉ́-**táha***
ANPH/DEF-ser.mal	matar-1/2SGM	ir-1/2SGM-**IRR**

'Vou matar esse maldito.'

(29) *ʉhsã mahko ke'noarikodo wihiarota*

~ʉsá	*~bakó*	*~ke'doá-dí-kó-dó*	*wihí-wa'a-**do-taha***
1PL.EXC	filha	ser.bom-NMLZ-FEM-SG	sair-ir-SG-IRR

'Nossa filha vai ser (sair) bonita.'

e) Negação *irrealis*

Sentenças negativas do modo *irrealis* são marcadas pelo sufixo *-si*, como podemos ver no exemplo abaixo. Nesses casos, não há qualquer marcação de concordância de pessoa do sujeito no verbo .

(30) *ne yʉ'ʉ ne tikoro wa'asi misapʉre* [GP unidade negativos]

ne[25]	*yʉ'ʉ́*	*ne*	*tí-kó-dó*	*wa'á-**sí***	*misa-pʉ-de*
nem	1SG	nem	ANPH-FEM-SG	ir-NEG.IRR	missa-LOC-OBJ

'Nem eu nem ela vamos à missa.'

---

[24] O morfema irrealis *-taha* em Wa'ikhana pode ter as seguintes realizações fonéticas: [-taha], [-tha] e [-ta], essa variação é mostrada na forma ortográfica, mas a forma -taha é mostrada na camada subjacente.

[25] Acredita-se que a partícula *ne* seja um empréstimo do 'nem' do português, desse modo, não colocamos a nasalidade morfêmica na forma subjacente (ver seção 5.1.4). O mesmo ocorre com *misa* 'missa'.

5.6.2. Modo e aspecto da cláusula

Quadro 5.3 – Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana[26]

	(1)	(2)	(3)	4
RAIZ(es)	negação	**aspecto modalidade**	pessoa/gênero	modalidade da cláusula

No Quadro 5.3, vemos que há um *slot* não obrigatório para morfemas de modo e aspecto. Abaixo apresento os morfemas desse *slot* encontrados em Wa'ikhana. Os morfemas aspectuais deste *slot* se referem ao evento da cláusula em si e, em muitos casos, combinam com morfemas evidenciais ou interrogativos que trazem uma marcação de aspecto própria (ver seção 6.1).

a) Imperfectivo *-eti*

Aspecto imperfectivo em Wa'ikhana é marcado pelo morfema *-eti*. Esse morfema é geralmente encontrado combinado com um morfema de modalidade da cláusula perfectivo e indica que o estado ou ação acontecia no passado repetidas vezes ou de forma habitual. No exemplo (31), há uma declaração sobre um hábito do avô do falante, o imperfectivo *-eti* indica que o ato de não fumar (a sentença está negativa, marcada pelo morfema *-eda*) ocorria habitualmente. Em (32), o falante ao se referir a uma ação que ocorreu de forma habitual no seu passado – criar galinhas – utiliza o morfema *-eti* com o verbo *~duu* 'criar'.

(31) *yʉ'ʉ ñehkʉ mʉ'no yu'edatiri* [GP gramáticas negativos]

yʉ'ʉ *~yekʉ* *~bʉ'do* *yu'e-eda-**eti**-di*

1SG avô tabaco fumar-NEG-**IPFV**-VIS.PFV.2/3

'Meu avô não fumava tabaco.'

(32) *yʉ'ʉ nihigʉ ihigʉ kanakã nueti*

yʉ'ʉ *~dihi-gʉ* *ihi-gʉ* *~kadaka* *~duu-**eti**-i*

1SG neném-1SGM COP-1SGM galinha criar-**IPFV**-VIS.PFV.1

'Quando eu era criança, criava galinha.'

b) Durativo *-ka'a*

O morfema *-ka'a* indica que o aspecto da sentença é durativo, ou seja, que o evento declarado durou um certo período de tempo (COMRIE, 1976: 41). Em (33), *-ka'a* se afixa ao

[26] Baseado no quadro do *template* básico da palavra verbal finita nas línguas TO, apresentado por Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 362).

verbo *duku* para indicar que o sujeito ‘seu irmão’ ficou um tempo em pé. O exemplo (34) contém essa expressão ‘ficar entre dois’ que, nessa narrativa, significa que o falante ficou em dúvida em qual animal que ele deveria ir caçar (uma cutia ou um macaco guariba). Nesse caso, *-ka’a* está afixado à cópula para indicar que o falante ficou “nessa dúvida” por um tempo.

(33) *tido mʉ’ʉ ba’ʉ usuatiarido dukuka’ari ihidi phetama’anaha* [Narrativa: *História da canoa*]

tí-dó	*~bʉ’ʉ́*	*ba’ʉ́*	*usuá-tí-wá’á-dí-dó*
ANAF-SG	2SG.POSS	irmão.mais.novo	raiva-ATRIB-ir-NMLZ-SG

*dukú-**ka’a**-di*	*ihí-di*	*phetá-~ba’a-~daha*
estar.em.pé-**DUR**-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3	porto-CLF:caminho-EMPH

‘Seu irmão ficou em pé (aparentemente) muito bravo no caminho do porto’

(34) *yʉ'ʉle pʉadopʉ ihikadʉnaha* [Narrativa: *O grito do macaco*]

yʉ’ʉ́-dé	*pʉá-dó-pʉ́*	*ihí-ka'a-dʉ-ʉ-~daha*
1SG-OBJ	dois/duas-SG-LOC	COP-DUR-AFFECT-VIS.PFV.1-EMPH

‘Fiquei entre duas (coisas, opções).’ [Lit: (A situação) me deixou entre dois.]

c) Frustrativo -*~be*

O morfema frustrativo -*~be* [-*mẽ*] indica que uma ação não aconteceu da forma esperada ou que um estado não é mais verdadeiro. Em (35), o falante diz que foi mergulhar para procurar as suas coisas que tinham caído no rio no dia anterior, mas em seguida na narrativa ele fala que não conseguiu achar nada. O frustrativo se afixa ao verbo *esa* ‘chegar’ para indicar que a ação não se deu como o esperado. Em (36), o frustrativo se afixado à cópula *ihi* indicando que a casa (que o falante tinha no passado) ou não existe mais ou foi abandonada.

(35) *tide yʉ'ʉ oho makaʉ ehsamitha* [Narrativa: *Caranã*]

tí-dé	*yʉ'ʉ́*	*ohó-~baka-gʉ*	*esá-~**bé**-í-tá*
ANPH-OBJ	1SG	mergulhar-procurar-1/2SGM	chegar-**FRUS**-VIS.PFV.1-EMPH

‘No outro dia, eu fui lá mergulhar.’

(36) *ya wʉ'ʉ ihimedi wʉ'ʉ iauretêpʉ*

yaá	*wʉ'ʉ́*	*ihí-~**be**-di*	*wʉ'ʉ́*	*iauaretê-pʉ*

POSS casa COP-**FRUS**-VIS.PFV.2/3 casa iauaretê-LOC

'Eu tinha uma casa em Iauaretê.' [Lit: 'Minha casa existia em Iauaretê.']

d) Dubitativo *-bo*

O morfema *-bo* indica que o falante tem pouca certeza do que está sendo declarado, ou que a sentença é uma hipótese ou possibilidade. Portanto, *-bo* atenuaria o comprometimento do falante com a verdade – marcando, então modalidade epistêmica de baixa certeza. Desse modo, considerando que a modalidade epistêmica de baixa certeza é um subtipo do modo *irrealis* (GÍVON, 2001: 313), verbos com esse sufixo estariam no *irrealis*.

Verbos com este morfema não podem receber qualquer sufixo no *slot* de modalidade da cláusula. Por exemplo, não foram encontrados verbos com *-bo* seguido de um evidencial VISUAL nem reportado. Nas sentenças declarativas, verbos com o morfema *-bo* recebem apenas evidenciais inferenciais ou presumidos. No capítulo 7, será discutido mais profundamente a relação entre os evidenciais em Wa'ikhana, o morfema *-bo* e a marcação de modalidade epistêmica nessa língua. Observemos os dados abaixo.

(37) *mʉ'ʉ ñamikare dadadʉ a'taboaya*

~bʉ'ʉ *~yabika-de* *da'da-gʉ* *a'ta-**bo**-aya*
2SG ontem-OBJ trabalhar-1/2SGM vir-**DUB**-PRES:SUP
'Você deveria ter vindo trabalhar ontem.'

(38) *wihsiado niboaya* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

wisí-á-dó *~díi-**bo**-aya*

errar.caminho-?-SG PROG-**DUB**-PRES:SUP

'Talvez ele esteja perdido.' Lit: 'Talvez ele esteja errando o caminho.'

5.6.3. Negação *-eda*

Quadro 5.4 – Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana[27]

	(1)	(2)	(3)	4
RAIZ(es)	**negação**	aspecto modalidade	pessoa/gênero	modalidade da cláusula

[27] Baseado no quadro do *template* básico da palavra verbal finita nas línguas TO, apresentado por Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 362).

Os verbos em Wa'ikhana são negados com o morfema *-eda*, que ocorre logo depois da raiz (ou série de raízes) verbal. Este morfema apenas ocorrerá em sentenças do modo *realis*, como podemos ver nos exemplos (39) e (40). Esse morfema é [-nasal], como podemos ver em (41), em que raiz verbal é nasal (ou seja, espalharia sua nasalidade a morfemas sem traço de nasalidade distintivo).

(39) *tikʉdole sinino a'taedaye* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

tí-kó-dó-dé	*siní-dó*	*a'tá-**éda**-aye*
ANPH-FEM-SG-OBJ	cumprimentar-SG	vir-**NEG**-REP:DIST

'Ela (a velha) não veio cumprimentar.'

(40) *yʉ'ʉ to ihigʉ̃ta saawa'ali ihidi wa'arope, i'yo ʉsã i'ñeda'dʉ* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

yʉ'ʉ	*to*	*ihí-gʉ̃-ta*	*saá-wá'á-dí*	*ihí-di*
1SG	ANF/DEF	COP-SWRF-EMPH	fazer/ser.assim-ir-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3

wa'árópe	*i'yó*	*~ʉsá*	*~i'ya-**éda**-dʉ-ʉ*
de.verdade	CONJ:mas	1PL.EXC	ver-**NEG**-AFFECT-VIS.PFV.1

'Isso aconteceu quando eu estava lá mesmo, mas nós não vimos.'

Em Wa'ikhana há raízes que são inerentemente negativas como *~behe* [mẽhẽ] 'não ser', *~be'o* [mẽ'o] 'não conseguir', *~bade* [mãnẽ] 'não ter'. Estas raízes não recebem o morfema *-eda*, como podemos ver em (41) e (42). A exceção parece ser a raíz *~badia* [mãnĩã]'não existir', em (43), onde a raíz *~badia* com o morfema *-eda* ficou reduzida para [mada] na forma de superfície, porém a forma plena seria *~badiaeda* [mãniãeda].

(41) *wa'i wehẽi ehsami me'okati*

wa'i	*~wehe-gʉ*	*esa-~be-i*	*~be'o-ka'a-ti-i*
peixe	matar-1/2SGM	chegar-FRUS-VIS.PFV.1	não.conseguir-DUR-AFFECT-VIS.PFV.1

'Fui pescar, mas não consegui (nada).'

(42) *tikido Gʉle meheta ihiaye* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

tí-kídó	*Gʉle*	*~behé-ta*	*ihí-aye*
ANPH-SG	Guilherme	não.ser-EMPH	COP-REP:DIST

'Aquele não era o Guilherme.'

(43) *si'niye madaga* [Narrativa: *Caranã*]

~si'dí-ye	*~badiá-**éda**-aga*
beber-NMLZ.INDF	não.existir-NEG-PRES:SUP

'Não deve ter bebida (lá).'

5.6.4. Serializações

Assim como em outras línguas Tukano Oriental, verbos seriais são muito produtivos em Wa'ikhana (STENZEL, 2007: 275). Uma construção de verbos seriais pode ser definida como "uma sequência de vários verbos que atuam juntos como um predicado simples" (MARTINS, 2004: 621). Portanto, em Wa'ikhana, duas raízes (ou mais) podem formar uma única palavra verbal.

Serializações podem ocorrer para formar uma co-lexicalização, para marcar aspecto/tempo, e parar indicar marcação dêitico-direcional, entre outras funções (GIVÓN, 1991:82-83). O exemplo (44) apresenta uma serialização com o verbo *duku* 'estar em pé', que, quando encontrado nessa posição (raiz mais à direita), indica aspecto continuativo – no dado, podemos ver que *duku* 'estar em pé' combinado com a raiz mais à esquerda *~kuya* 'estar no chão' indica que o sujeito a canoinha estava no chão por um tempo. Em (45), há uma serialização que é usada para indicar movimento associado. Na narrativa *O grito do macaco*, de onde o exemplo foi retirado, o narrador, que estava caçando um macaco, desce do lugar onde estava e vai entrando no mato, seguindo um barulho que o macaco estava fazendo. Essa ideia de 'entrar no mato, ouvindo o barulho/na direção do barulho' é indicada pela serialização das raízes *tɯ'o* 'escutar' e *sua* 'entrar no mato'.

(44) *tido yuhkɯsagã kuñaduhkuaye tima pito* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

tí-dó	*yukɯ́sa-~ga*	***~kuyá-duku**-aye*
ANPH-SG	canoa-DIM	estar.no.chão-ficar.em.pé-REP:DIST

tí-~baá	*pitó*
ANPH-igarapé	boca.de.igarapé

'A canoinha dele estava (parado, boaiando na superfície da água) na boca daquele igarapé.'

(45) *seedo dihia, tɯ'osuɯgɯ* [Narrativa: *O grito do macaco*]

saá-yéé-dó	*dihí-í-á*	***tɯ'ó-súá**-gɯ́*
devagar	descer-VIS.PFV.1-ENPH	escutar-entrar.no.mato-1/2SGM

'Desci devagar, escutando e entrando no mato (seguindo o som do macaco).'

A língua Wa'ikhana, como mencionado anteriormente, tem ainda pouca descrição linguística, desse modo muitas das categorias apresentadas neste capítulo precisam de um estudo mais sistemático e aprofundado para se chegar a conclusões mais concretas. No entanto,

este capítulo teve como objetivo apontar características da língua que serão fundamentais para o entendimento da análise dos evidenciais que será apresentada nos próximos capítulos desta dissertação.

6. OS EVIDENCIAIS EM WA'IKHANA

A partir do que vimos nos capítulos 2 e 3 desta dissertação, podemos definir evidenciais como as construções em uma língua que indicam fonte de informação. Considero construções, conforme a Linguística Funcional Centrada no Uso (ver capítulo 2, seção 2.4), unidades de pareamentos de forma e função.

Como foi apresentado no capítulo 3, os evidenciais em Wa'ikhana foram primeiramente analisados na *sketch-grammar* de Waltz (2012: 132), que os organizou em quatro categorias VISUAL, NÃO-VISUAL, INDICIAL, INFORMADO. Mais recentemente esses evidenciais foram reanalisados em uma comparação com Kotiria, por Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 377), como VISUAL, PRESUMIDO, INFERENCIAL e REPORTADO. Na análise apresentada nesta dissertação, algumas categoriais foram reorganizadas, como a do PRESUMIDO, a qual um novo evidencial recém analisado foi inserido. Neste capítulo, portanto, vou apresentar as características semântico-pragmáticas dos evidenciais identificados e as razões teórico-metodológicas que me levaram a propor um novo quadro de evidenciais. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 6.1 – Os evidenciais em Wa'ikhana

<table>
<tr><td colspan="8">+ PRIMEIRA MÃO</td><td rowspan="4">- PRIMEIRA MÃO</td></tr>
<tr><td colspan="6">EXTERNO</td><td colspan="2" rowspan="3">INTERNO</td></tr>
<tr><td colspan="4">DIRETO</td><td colspan="2">INDIRETO</td></tr>
<tr><td colspan="4">VISUAL</td><td colspan="2">INFERENCIAL</td><td colspan="2" rowspan="2">PRESUMIDO</td><td colspan="2" rowspan="2">REPORTADO</td></tr>
<tr><td colspan="2">1P</td><td colspan="2">2/3P</td><td colspan="2" rowspan="3">-di ihi-VIS</td></tr>
<tr><td>PFV</td><td>IPFV</td><td>PFV</td><td>IPFV</td><td>SUPOSTO</td><td>INTERNALIZADO</td><td>PRÓXIMO</td><td>DISTANTE</td></tr>
<tr><td>-i/ ɯ</td><td>-aha</td><td>-di</td><td>-de</td><td>-aya</td><td>-aga</td><td>-~yo'ti
-~yoga*</td><td>-aye</td></tr>
</table>

No quadro, há quatro categorias de evidenciais: VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO e REPORTADO. Esses evidenciais foram organizadas a partir de seus traços semânticos em dois grandes grupos: a) evidenciais de **primeira mão**, que seriam os evidenciais VISUAL, INFERENCIAL e PRESUMIDO; e b) evidencial de **não primeira mão**: REPORTADO. Os evidenciais de primeira mão se subdividem em dois outros grupos: os de evidência **externa** e o de evidência

interna – a categoria PRESUMIDO. Os evidenciais que indicam fonte de informação externa, por sua vez, se dividem em evidência externa **direta** (categoria VISUAL) e evidência externa **indireta** (categoria INFERENCIAL). Os traços semânticos apresentados nessa tabela se referem aos casos mais prototípicos de cada categoria dos evidenciais. Nesta dissertação, veremos que há casos que extrapolam os limites dessa classificação.

Os evidenciais VISUAL e INFERENCIAL pertencem ao grupo cuja a fonte de informação do evento declarado é de alguma forma externa, ou porque o falante vê o evento diretamente (visual) ou porque ele vê resultados desse evento (inferencial). O PRESUMIDO indica que a fonte de informação é interna, baseado em algum tipo de conhecimento que o falante internalizou por uma experiencia prévia ou concluiu pela lógica. Os evidenciais PRESUMIDO e REPORTADO, como mostrado no quadro, se dividem em subcategorias. O VISUAL é o único que também marca pessoa e aspecto e o INFERENCIAL é o único que consiste em uma construção sintática.

Este capítulo se organiza em seis seções – na seção 6.1 analiso categoria VISUAL; na seção 6.2, a categoria INFERENCIAL; na seção 6.3, a categoria PRESUMIDO; na seção 6.4, a categoria REPORTADO; na seção 6.5, apresento a análise de dois morfemas que se relacionam diretamente com os evidenciais VISUAIS; na seção 6.6, mostro como a função de casos de evidenciais VISUAIS se sobrepõe à função de um dos evidenciais presumidos, o que indica que essas categorias formam um contínuo.

No capítulo 5, apresentei o template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana, repetido aqui como quadro 6.1. Os evidenciais ocorrem no último *slot* da palavra verbal finita, que é o da modalidade da cláusula. Neste *slot* ocorrem morfemas que indicam o tipo de cláusula[28] e que formam paradigmas entre si. Os evidenciais marcam as declarações do modo *realis* – ou seja ações ou estados que correspondem a um evento real (CUNHA *et al.*, 2015: 29).

Quadro 6.2 – Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana

	(1)	(2)	(3)	(4)
RAIZ(es)	negação	aspecto modalidade	pessoa/gênero	**modalidade da cláusula**

[28] Vimos no capítulo 5 que em Wa'ikhana cada tipo de cláusula é marcada por um determinado conjunto de morfemas: além dos evidenciais, há diretivos (que marcam o modo orientado), interrogativos e marcadores de irrealis.

6.1. A categoria VISUAL

O evidencial VISUAL indica que o evento ou estado declarado foi visto e/ou experienciado pelo falante, ou seja, que a fonte de informação da declaração é direta e de primeira mão (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 364). Em Wa'ikhana, a categoria de evidência VISUAL é a única que também marca pessoa e aspecto. Como podemos ver no quadro 6.1, há uma forma no perfectivo para primeira pessoa *-i/ɨ* ([ɨ]representado nos dados como <ʉ>) e outra no imperfectivo *–aha*. Oara segunda e terceira pessoa temos *-di* no perfectivo e *-de* no imperfectivo. Wa'ikhana é uma das duas únicas línguas da família Tukano Oriental – assim como Kotiria – cujo paradigma de evidencias VISUAIS marca primeira pessoa / não primeira pessoa, ao contrário das outras línguas dessa família, cujos paradigmas de evidenciais marcam terceira pessoa / não terceira pessoa (STENZEL, 2008a: 409).

Em (1) vemos um exemplo de um evidencial VISUAL perfectivo de primeira pessoa, usado em uma narrativa pessoal. O narrador, ao dizer que estava com sua mulher, utiliza um evidencial VISUAL para indicar que a fonte de informação foi visual/direta, pois ele experienciou esse estado. No exemplo (2), vemos o uso do marcador da terceira pessoa em um enunciado retirado de outra narrativa pessoal na qual se fala de um gavião enorme que estava sobrevoando o local onde o falante se encontrava. A fonte de informação claramente é visual, porque o falante viu o gavião. O exemplo (3) foi retirado de uma narrativa tradicional sobre curupira. Na história, um personagem havia mandado o velho pai ir até um igarapé, mas o pai acaba desaparecendo, e, por isso, outras pessoas da comunidade chamam atenção dele. As pessoas falam que o filho deveria sair para procurar o pai desparecido, porque foi ele quem mandou o velho até o igarapé. Percebe-se que a mesma forma *-di* usada em (2) para terceira pessoa é usada em (3) para segunda.

(1) *yʉ'ʉ namono me'na ihii* [Narrativa: *Caranã*]

yʉ'ʉ́	*~dabó-do*	*~be'da*	*ihí-**ʉ***
1SG	esposa-SG	COM/INS	COP-**VIS.PFV.1**

'Estava com minha mulher.'

(2) *wʉlia ponuta ihidi, kaadu* [Narrativa: *O grito do macaco*]

wʉʉ́-díá	*~púdo-ta*	*ihí-di*	*kaá-dú*
voar-CLF:redondo	tamanho-EMPH	COP-VIS.PFV.2/3	gavião-AUM

'Era do tamanho de um avião, o gavião grande.'

(3) *“mɨ'ɨ bɨkɨdole o'alitha” niaye. “makai wa'aya”* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

~bɨ'ɨ́	*bɨkɨ́-do-de*	*o'á-**di**-ta*	*~dií-aye*
2SG	velho/a-SG-OBJ	mandar-**VIS.PFV.2/3**-EMPH	dizer-REP:DIST
~baká-gɨ		*wa'á-yá*	
procurar-1/2SGM		ir-IMP	

‘“Você mandou o velho [ir até o igarapé]” disseram. “Vá procurar [o velho]!”’

O aspecto indicado pelos evidenciais VISUAIS, como visto no capítulo 3, não está relacionado ao aspecto do evento declarado; é um traço gramatical do próprio evidencial. Em algumas análises esse traço é descrita como ‘tempo’ (destacando que é o tempo de quando o falante obteve a fonte de informação e não o tempo da cláusula), mas decidi seguir análises mais recentes de evidenciais em línguas Tukano Oriental, como Kotiria (STENZEL, 2008a; 2013), Barasana (GOMEZ-IMBERT, 2009) e Tuyuka (VLCEK, 2016), e descrevê-la como aspecto.

Considerando que os evidenciais indiquem o *modo de acesso sensorial* que o falante tem ao evento ou estado declarado (MICHAEL, 2008: 135), o aspecto dos evidenciais VISUAIS em Wa’ikhana indica se esse acesso está ou não disponível para o falante no momento do enunciado. Como vimos no capítulo 3, o aspecto perfectivo indica que o modo de acesso sensorial visual não está mais disponível, ou seja, o falante viu o que está declarando, porém não tem mais acesso visual a esse evento/estado. O aspecto imperfectivo indica que o acesso visual ainda está disponível.

Nos exemplos abaixo, que foram elicitados, podemos ver com clareza essa distinção. O falante da frase em (4) convida o outro para ir para sua casa, onde ele sabe que tem comida disponível. No entanto, como o falante não está em casa e, por isso, no momento de fala não tem acesso visual à comida que lá está, ele utiliza o evidencial VISUAL *perfectivo*. Em (5), o falante utiliza a forma *imperfectiva* para indicar que viu que o cachorro morreu e o animal ainda está morto na sua frente, ou seja, ele ainda tem acesso àquela evidência visual.

(4) *ehsaya wɨ'ɨpɨ yaye ihidi*

esa-ya	*wɨ'ɨ-pɨ*	*iya-ye*	*ihi-**di***
chegar(lá)-IMP	casa-LOC	comer-NMLZ	COP-**VIS.PFV.2/3**

‘Bora, tem comida em lá casa.’

(5) *diedo yaliaware*

die-do	*yalia-wa'a-**de***
cachorro-SG	morrer-ir-**VIS.IPFV.2/3**

‘O cachorro morreu.’

É muito comum, no entanto, que evidenciais VISUAIS *perfectivos* ocorram em sentenças no tempo passado, uma vez que geralmente, ao falar sobre um evento do passado, não se tem mais acesso visual a ele. Da mesma forma, evidenciais VISUAIS *imperfectivos* costumam aparecer em sentenças no presente, porque, ao falar de algo que está acontecendo, em geral, tem-se acesso visual/direto daquele evento. Podemos ver essa sobreposição de tempo e aspecto nos exemplos abaixo. Em (6), aocomentar sobre o que está acontecendo no momento – a frase foi dita quando o falante ia começar a contar uma narrativa pessoal – utiliza-se um evidencial *imperfectivo*. Em (7), quando se fala de algo que já aconteceu, utiliza-se um evidencial *perfectivo*.

(6) *ihiato nii tɨ'o duhi no'ole* [Narrativa: *Caranã*]

ihí-ato	*~dií-tɨ'o-duhi-~do'o-**de***
COP-NMLZ.EVNT	dizer-escutar-sentar-fazer.juntos-**VIS.IPFV.2/3**

'É verdade o que está dizendo/escutando juntos.'

(7) *yɨ'ɨ, Jacinto Cruz, mɨhsale yɨ'ɨ ya'udɨaga ni'kano saawa'ali, ti a'li khitigã* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

yɨ'ɨ́	*jacinto*	*cruz*	*~bɨsá-de*	*yɨ'ɨ́*	*ya'ú-dɨá-ágá*
1SG	-	-	2PL-OBJ	1SG	falar/contar-DES-PRES:INTER

~di'ká-do	*saá-wá'á-**dí***	*tí*	*a'rí*	*kití-~ga*
acontecer-SG	fazer/ser.assim-ir-**VIS.PFV.2/3**	ANPH	DEM.PROX	história-DIM

'Eu, Jacinto Cruz, eu vou contar para vocês o que aconteceu.'

Isso explicaria porque em algumas análises pioneiras de evidenciais de línguas Tukano Oriental, como a de Barnes (1984)[29], se afirma que os evidenciais indicariam o tempo do evento declarado, pois por vezes esses valores se sobrepõem. No entanto, exemplos como (5) e (6) demonstram que essa característica dos evidenciais não está relacionada ao tempo absoluto[30] e sim ao acesso que o falante tem ou não à evidência visual.

Os evidenciais VISUAIS são os menos marcados na língua Wa'ikhana. Seguindo os critérios de Givón (2001: 38) apresentados no capítulo 2 desta dissertação, vemos que os evidenciais VISUAIS são aqueles que têm menor complexidade estrutural, são os mais frequentes

---

[29] Outros pesquisadores, principalmente os do Summer Institute of Linguistics, como Waltz, se basearam na terminologia de Barnes e descreveram os evidenciais de línguas TO marcando tempo.

[30] Tempo absoluteabsoluto de modo geral pode ser definido como aquele que coloco o evento ou o tempo do evento ou antes, ou depois, ou ao mesmo tempo que o tempo do discurso (VELUPILLAI, 2012: 201).

e, apesar de serem morfemas portmanteau que marcam três categorias gramaticais (fonte de informação, aspecto e pessoa), têm menor complexidade cognitiva no que diz respeito ao tipo de evidência, que está relacionada à visão. Com exceção da primeira pessoa do imperfectivo -*aha*, todos os visuais são formados por dois seguimentos fonológicos ou menos, como podemos ver no Quadro 6.1. Nas quatro narrativas analisadas, foi visto que em geral o evidencial VISUAL predomina, principalmente nas duas narrativas pessoais. Apenas na narrativa mitológica o evidencial VISUAL é um pouco menos frequente, porque em narrativas tradicionais em geral usa-se o evidencial REPORTADO DISTANTE (ver seção 6.4). Entretanto, isso ocorre apenas na fala do narrador, nas faladas diretas dos personagens da história o evidencial VISUAL ainda é o mais frequente. Além disso, o VISUAL seria o menos complexo cognitivamente, já que sua semântica é a menos abstrata dos quatro evidenciais por estar relacionada ao sentido mais básico do sistema sensorial, a visão.

Como vimos no capítulo 3, algumas análises de evidenciais em outras línguas Tukano Oriental, como Tatuyo (GOMEZ-IMBERT, 2007) e Kubeo (CHACON, 2012), afirmam que os evidenciais 'visuais' nessas línguas seriam "vazios de significado". Chacon (2012: 269) denomina esse evidencial na língua apenas como evidencial não marcado, porque não indica nenhum tipo de evidência, apenas outros valores gramaticais, como aspecto e pessoa. Não considero que este seja o caso dos evidencias VISUAIS em Wa'ikhana, pois na maior parte das cláusulas em que os evidenciais VISUAIS são encontrados há de fato uma evidência visual ou externa, como vimos em (1), (2), (4) e (5), por exemplo. Para explicar os casos de evidencial VISUAL em declarações de eventos que não foram vistos, mas foram apenas experienciados pelo falante, utilizo um dos processos de domínio geral propostos por Bybee (2010) – a categorização.

Como vimos no capítulo 2, a categorização permite que, a partir de experiências do ser humano no ambiente biofísico e sociocultural, categoriais perceptuais de vários tipos sejam criadas. Cada uma dessas categorias, por sua vez, tem um representante prototípico, que reúne os traços mais recorrentes dos elementos da categoria (CEZARIO & CUNHA, 2013: 28). Os elementos mais prototípicos são os mais "centrais" em uma categoria e os menos prototípicos, os mais marginalizados (LAKOFF, 1987: 15; GIVÓN, 2001: 34). Desse modo, proponho que haja usos de evidenciais VISUAIS mais e menos prototípicos. Os evidenciais VISUAIS mais prototípicos seriam aqueles cujo modo de acesso sensorial do evento declarado é de fato visual, externo e direto. Portanto, exemplos como (1), em que o falante vê e experiencia a situação de 'estar com a mulher' seria um exemplo prototípico, bem como (5), no qual o falante viu diretamente o cachorro morrendo. Os casos de uso de evidenciais VISUAIS em Wa'ikhana em

que o falante apenas experiencia o evento declarado (evidência direta) mas não o vê seriam os menos prototípicos. Os exemplos (8) e (9) abaixo têm dois casos de evidenciais VISUAIS não prototípicos. O falante no exemplo (8) diz que acordou, o que é algo que ele apenas experiencia, mas não vê de fato. No dado (9), o falante diz que gosta de lavar roupa, ato de gostar não é algo que ele veja e sim que sente/experiencia.

(8) *wa'kãha*

*~wa'ka-**aha***

acordar-**VIS.IPFV.1**

'Acordei/Estou acordado(a).'

(9) *yʉ'ʉ su'ti kohsego niaha*

yʉ'ʉ	*su'ti*	*kose-go*	*~dii-**aha***
1SG	roupa	lavar-1/2SGF	PROG-**VIS.IPFV.2/3**

'Eu gosto de lavar roupa.'

Casos como (8) e (9) compartilham apenas um dos traços de um evidencial prototípico, o de ser um modo de acesso sensorial direto. Consequentemente, eles estão mais marginalizados dentro da categoria de evidência VISUAL. Esses casos também são aparentemente menos frequentes na língua do que os mais prototípicos, já que parecem ocorrer em contextos específicos, por exemplo, com verbos que indicam sentimentos pessoais (como 'gostar') ou ações que o falante apenas experiencia (como 'acordar'). Na seção 6.6 deste capítulo, veremos como evidenciais VISUAIS em contextos como estes são mais marginalizados dentro categoria de evidencial VISUAL e ocupam um espaço intercategorial e mais ambíguo, cujo significado se aproxima muito de outra categoria de evidencial: o presumido. No capítulo 7, veremos que há também casos em que os evidenciais VISUAIS são usados para indicar alto valor de certeza.

6.2. A categoria INFERENCIAL

A categoria INFERENCIAL indica que a fonte de informação de uma declaração é uma conclusão a partir de uma constatação visual dos resultados de um evento. Portanto, o falante não tem acesso visual *direto* (como participante ou testemunha presencial) ao evento, e sim a seus resultados, que lhe permitem inferir o ocorrido. É uma evidência indireta. A frase em (10), por exemplo, ocorreu durante uma sessão de elicitação em que os consultores estavam me fornecendo sentenças em diferentes tempos e aspectos. Usou-se um evidencial INFERENCIAL para um exemplo que significaria 'Ela lavou roupa ontem'. Quando perguntei qual seria a diferença entre (10a) e (10b), no qual o verbo está com um evidencial VISUAL, o falante afirmou

que ele falaria a frase em (10a) se ele tivesse visto a roupa estendida no varal (logo, inferido que a mulher lavou a roupa), e falaria a frase em (10b), se ele tivesse visto a mulher lavando a roupa diretamente.

(10a) *sikodo su'ti kohsedi ihidi ñamika*

si-ko-do	*su'ti*	*kose-**di***	***ihi-di***	*~yabika*
DEM.DIST-FEM-SG	roupa	lavar-**NMLZ**	**COP-VIS.PFV.2/3**	ontem

'Ela lavou roupa ontem. (Eu vi as roupas no varal.)'

(10b) *sikodo su'ti kohsedi ihidi ñamika*

si-ko-do	*su'ti*	*kose-**di***	*~yabika*
DEM.DIST-FEM-SG	roupa	lavar-**VIS.PFV.2/3**	ontem

'Ela lavou roupa ontem.' (Eu a vi lavando.)

O inferencial é o único evidencial em Wa'ikhana que consiste em uma **construção sintática** e não morfológica. Nessa construção, o verbo semanticamente pleno é nominalizado pelo sufixo nominalizador genérico *-di* e está ligado à cópula *ihi*, que recebe o sufixo do evidencial VISUAL.

Na análise dos evidenciais de Wa'ikhana apresentada em Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 377), a forma do evidencial INFERENCIAL é representada como *-di ihi-*, ou seja, não há uma especificação de qual evidencial pode aparecer afixado à cópula. Isso se deve porque na construção análoga em Kotiria, sabe-se que, além do evidencial VISUAL, o evidencial PRESUMIDO também pode ocupar essa posição. Como Kotiria e Wa'ikhana são línguas geneticamente muito próximas, há a hipótese de que o mesmo ocorra em Wa'ikhana (STENZEL, 2018). No entanto, em todos os dados que analisei até o momento, o único evidencial que aparece afixado à cópula nesta construção é o VISUAL, e na análise apresentada nesta dissertação, considero apenas os dados encontrados.

Desse modo, postulo a seguinte forma para construção de evidência inferencial externa em Wa'ikhana: [Verbo-ri_{NMLZ} [COP-VIS]]$_{\text{VP.}}$ O verbo nominalizado por *-di* pode ser a) um verbo de ação como *wa'a*, como em (11); b) uma cópula *ihi* cujo complemento é um verbo estativo nominalizado, como em (12); c) o auxiliar *~dii*, que é parte da construção de progressivo, formada por um verbo nominalizado seguido do auxiliar *~dii*, como em (13).

(11) *wa'awa'adi ihidinaha* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

*wa'á-wá'á-**di*** ***ihí-di**-~daha*

ir-ir-**NMLZ** **COP-VIS.PFV.**2/3-EMPH

'(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé).' (Lit.: 'A ida longe foi/houve')

(12) *ũkadɯ keẽmi'i susudɯ ihika'adi ihiditha* [Narrativa: *A história da canoa*]

~ɯká-dɯ́ *~keé-~bi'i* *susú-dɯ*

um-CLF:cilíndrico cortar-FRUS.1 ser.oco- CLF:cilíndrico

*ihí-ka'a-**di*** ***ihí-di**-tha*

COP-DUR-**NMLZ** **COP-VIS.PFV.**2/3-EMPH

'Derrubamos um pé (ruim), (parecia que) [31] estava ocado.'

(13) *ya'udo meheta niidi ihidinaha* [Narrativa: *O grito do macaco*]

ya'ú-do *~behé-ta* *~dií-**dí*** ***ihí**-di-~daha*

falar/contar-SG não.ser-EMPH PROG-**NMLZ** **COP-**VIS.PFV.2/3-EMPH

'(Parece que o guariba) não estava cantando (o som que normalmente faz).'

O aspecto do evidencial VISUAL que faz parte da construção de evidencial INFERENCIAL tem a mesma função do aspecto dos evidenciais VISUAIS apresentados em 6.1, ou seja, indica o acesso visual que o falante tem à evidência. No entanto, nesse caso, está o acesso visual diz respeito aos resultados do evento e não ao evento em si, como nos casos dos evidenciais VISUAIS em 6.1.

No dado (14a), traduzido para 'o cachorro morreu', ocorre o uso do evidencial INFERENCIAL, porque o falante não viu diretamente a ação indicada pelo verbo serializado *yalia-wa'a* 'morrer-ir'. Ele viu apenas seu resultado: o cachorro morto, diferente do exemplo (14b) repetido de (5), no qual ele viu o cachorro morrendo de fato. O evidencial VISUAL que está dentro da construção está no aspecto perfectivo, pois ele não tinha mais acesso ao "resultado", quando ele proferiu essa sentença, ou seja, ele não estava mais olhando para o cachorro morto.

---

[31] Nas traduções por vezes colocamos "parece/parecia que" entre parênteses para indicar que a informação é uma inferência e não foi diretamente vista. No entanto, na maior parte das vezes a tradução que os consultores nos dão não tem esse tipo de parafraseamento (não sei se é assim que fala, mas precisa dar essa ideia, ok?).

Em (15), a construção de evidencial INFERENCIAL em que o evidencial VISUAL está no aspecto imperfeito. Desse modo, o falante ainda teria acesso visual aos resultados do evento ‘roubaram as galinhas do meu neto’, provavelmente ele estava observando o galinheiro sem as galinhas.

(14a) *diedo yaliawali ihidi*

die-do *yalia-wa'a-**di*** ***ihi-di***

cachorro-SG morrer-ir-**NMLZ** **COP-VIS.PFV.2/3**

‘O cachorro morreu (cheguei em casa e vi que o cachorro estava morto).’

(14b) *diedo yaliaware*

die-do *yalia-wa'a-**de***
cachorro-SG morrer-ir-**VIS.IPFV.2/3**
‘O cachorro morreu.’

(15) *yи'и pa'namino yekina kanakale yahkekali ihide* [GP unidade possessivos]

yи'и *pa'dabi-do* *yee-kиna* *~kadaka-de*

1SG neto-SG POSS.PL-PL galinha/galo-OBJ

*yahke-ka'a-**di*** ***ihi-de***

roubar-DUR-**NMLZ** **COP-VIS.IPFV.2/3**

‘Ontem à noite roubaram as galinhas do meu neto.’

A forma da construção de evidencial inferencial em Wa’ikhana pode, em uma primeira análise, apresentar-se arbitrária, porque parece ser impossível prever seu significado apenas a partir dos elementos que a compõem. No entanto, uma análise mais cautelosa pode nos mostrar que os componentes dessa construção não são arbitrários e sim motivados por outras construções da mesma língua. No capítulo 2, vimos que tanto para a tipologia quanto para os modelos funcionais há uma relação estreita entre a forma e função e que, para Goldberg (1995), é possível que a forma e a função de uma construção sejam motivadas por outras construções da mesma língua.

Identificamos duas construções que parecem ser as principais motivações da construção de evidencial INFERENCIAL em Wa’ikhana: a construção de predicado nominal e a construção morfológica de evidencial VISUAL (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018). Veremos a

seguir como essas construções influenciam a forma e a função do evidencial INFERENCIAL.

Parte da construção de evidência INFERENCIAL [Verbo-*ri*$_{NMLZ}$ [COP-VIS]]$_{VP}$ consiste em um predicado nominal com uma cópula. Pustet (2003: 21) define a cópula, de forma genérica, como um elemento linguístico que co-ocorre com certos lexemas não verbais que funcionam como núcleos do predicado. Payne (1997: 115-118) apresenta quatro tipos de cópula que podem ocorrer nas línguas naturais: verbo, pronome, partícula invariável e processo derivacional que verbaliza predicados nominais. Em Wa'ikhana, a cópula faz parte da classe verbal, pois recebe os mesmos sufixos que os demais verbos (STENZEL, 2018: 166).

Os predicados nominais que ocorrem com a cópula em Wa'ikhana podem ser nomes não derivados como ***~kʉ'ba*** 'verão' em (16) ou deverbais como ***ye'se-ye-~kida*** '(seres) brancos' em (17), que consiste que uma raiz vebal *ye'se* 'ser branco', nominalizada pelo sufixo *-ye*. Assim como outros verbos, a cópula costuma ocupar a última posição dentro da oração (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018: 220).

(16) *tipenaha kʉma ihidi* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

tí-pé-~daha	***~kʉ'bá***	*ihí-di*
ANPH-CLF:tempo-EMPH	**verão**	COP-VIS.PFV.2/3

'Essa época era verão'

(17) *ahpekina ye'seyekina ihiaga* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

apé-~kida	***ye'sé-ye-~kida***	*ihí-aga*
outro-PL	**ser.branco-NMLZ.2/3PL-PL**	COP-PRES:INTER

'Outros (peixes) são (seres) brancos.'

No evidencial INFERENCIAL, a cópula sempre acompanhará um nome deverbal derivado por meio do nominalizador *-di*. Porém, ao contrário do nome deverbal em (17) que deriva um nominal 'ente', o deverbal em (11) *wa'a-wa'a-di*, deriva um nominal 'evento', como 'a ida'.

Em Wa'ikhana, como em outras línguas Tukano Oriental, há verbos estativos que expressam noções adjetivais (STENZEL, 2013: 87-89, 194-195; BALYKOVA, 2019), que muitas vezes serão nominalizados e seguidos de cópulas ou outros verbos de ligação. Quando o evidencial INFERENCIAL ocorre com esse tipo de predicado, temos um predicado nominal composto, ou seja, há duas nominalizações: a do verbo estativo e a da cópula que acompanha o

verbo estativo nomanalizado, a qual se tornará complemento da cópula da construção de inferência. Vemos isso no exemplo (12) acima, repetido como (18) abaixo, em que o verbo *susu* 'ser oco', nominalizado pelo classificador de objetos cilíndricos *-dʉ*, é seguido por uma cópula nominalizada por *-di*, que por sua vez é seguida pela última cópula da sentença, que é flexionada pelo evidencial VISUAL *-di*.

(18) *ʉ̃kadʉ keẽmi'i susudʉ ihika'adi ihiditha* [Narrativa: *A história da canoa*]

~ʉká-dʉ́	*~keé-~bi'i*	*susú-dʉ*
um-CLF:cilíndrico	cortar-FRUS.1	ser.oco- CLF:cilíndrico

*ihí-ka'a-**di***	***ihí-di**-tha*
COP-DUR-**NMLZ**	**COP-VIS.PFV.**2/3-EMPH

'Derrubamos um pé (ruim), (parecia que) [32] estava ocado.'

O dado (19) traz um caso semelhante – a raiz verbal nominalizada pelo *-di* é *duku* 'estar em pé', e seu complemento é a derivação indicando um 'ser com raiva' a partir da raiz nominal *usua* 'raiva' + atribuitivo *-ti* + (*wa')a* 'ir'. Essa derivação é marcada pelo sufixo nominal de 3ª pessoa singular *-do*. Vale notar que, nos casos como (18) e (19), o escopo da inferência não está apenas no verbo de ligação nominalizado *-di* e sim na construção da qual ele faz parte: VERBO ESTATIVO + CÓPULA OU VERBO DE LIGAÇÃO (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018: 221). Em outras palavras, em (18), a inferência se faz sobre a árvore estar oca, e em (19), sobre a pessoa em questão estar brava (e não sobre ela estar em pé).

(19) *tido mʉ'ʉ ba'ʉ usuatiadido dukuka'adi ihidi'i phetama'anaha* [Narrativa: *A história da canoa*]

tí-dó	*~bʉ'ʉ́*	*ba'ʉ́*	[*usuá-tí-á-dí-dó*
ANAF-SG	2SG.POSS	irmão.mais.novo	estar.bravo-ATTRIB-ir-NMLZ-SG

[32] Nas traduções por vezes colocamos "parece/parecia que" ou "aparentemente" entre parênteses para indicar que a informação é uma inferência e não foi diretamente vista. No entanto, na maior parte das vezes a tradução que os consultores nos dão não tem esse tipo informação.

*dukú-ka'a-**di*** ***ihí-di***] *pehetá-~ba'a-~daha*

estar.em.pé-DUR-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3 porto-caminho-EMPH

'Seu irmão estava em pé, (aparentemente) muito bravo, no caminho do porto'

Hengeveld (1992) distingue três tipos de predicação não verbal: predicações atributivas (*ascriptive predications*), existenciais (*existential predications*) e equacionais (*equative predications*). Os predicados na função atributiva *(ascriptive function)* são aqueles que "constroem uma imagem de uma entidade, por ex., um indivíduo ou situação, atribuindo alguma propriedade, no sentido mais amplo possível, a aquela entidade"[33] (HENGEVELD 1992: 103). As predicações existenciais, por sua vez, constituem um subtipo das atributivas. Sua função primária é atribuir a existência (e não uma propriedade concreta) ao referente do argumento. As predicações equacionais se distinguem das atributivas por se basearem em predicados que têm algum uso *referencial* não predicativo (Hengeveld 1992: 105). Assim, em uma frase como *João é bonito*, a predicação é atributiva, pois *bonito* não pode ser usado referencialmente: **Bonito esteve aqui*. Já na frase *João é um homem bonito*, temos uma predicação equacional, já que *um homem bonito* pode ser usado referencialmente: *Um homem bonito esteve aqui*. Já para Pustet (2003) existe uma distinção básica entre predicados identificacionais (*identificational*) e atributivos (*ascriptive*), e o predicado atributivo (*ascriptive predicate*) "meramente predica um dado estado de existência"[34] (*op. cit.*, p. 45).

Considerando então que predicados não verbais de função atributiva descrevem entidades ou situações, focando em algumas de suas propriedades, concluo que esta é a função do predicado nominal dentro da construção de evidencial inferencial em Wa'ikhana. Stenzel (2013: 285), em sua análise da construção análoga em Kotiria, aponta que nesses casos o foco não está na ação, mas sim em seus resultados ou no estado em que resulta a ação. Isso acontece porque, no momento da inferência, a ação em si já não é mais observável, mas apenas dedutível a partir das evidências deixadas. Esses vestígios da ação realizada formam uma cena *estática* observada pelo autor da declaração. Assim, quando uma pessoa encontra as roupas no varal em (9), por exemplo, ela está inferindo que houve um ato de lavar roupa a partir daquela cena.

O nominalizador *-di* que ocorre nesta construção tem um caráter genérico, uma vez qe não traz informações sobre pessoa, gênero ou número do referente. Em geral, esse

---

[33] No texto original, "build up a picture of some entity, e.g. an individual or a situation, by ascribing some property, taken in the widest possible sense of the word, to that entity".
[34] No texto original, "merely predicates a certain state of affairs".

nominalizador é utilizado para derivar nomes animados. Nesses casos, após o sufixo *-di*, o radical nominal resultante recebe morfemas de classificação nominal (sufixos que marcam gênero e número do referente), como podemos ver nos exemplos abaixo. A serialização verbal com verbos ativos *~baka* 'procurar' *e i'ya* ' comer' em (20) resulta em *~baka-i'ya-di-kido* 'o que procura comida' e em (21) a nominalização do verbo estativo *pahi* 'ser grande', resulta em *pahi-di-kido* 'o grande'.

(20) *tikido peopɨ makai'yadikido ihide* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

ti-kido	*peo-pɨ*	***~baka-i'ya-di-kido***	*ihi-de*
ANPH-SG	cachoeira-LOC	procurar-comer-NMLZ-SG	COP-VIS.IPFV.2/3

'Ele (peixe pacu) procura comida na cachoeira' (Ou: 'Ele é quem procura [o que] comer na cachoeira')

(21) *semebe'e pahidikido wakua kɨ'ode* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

~sebe-be'e	***pahi-di-kido***	*wakua*	*kɨ'o-de*
paca-tucunaré	ser.grande-NMLZ-SG	calombo	ter-VIS.IPFV.2/3

'Tucunaré paca é grande e tem calombo.'

No entanto, na construção INFERENCIAL, a raiz verbal nominalizada por *-di* não recebe nenhum outro sufixo nominal. Stenzel (2013: 284-285) sugere que, na construção INFERENCIAL cognata em Kotiria, o uso do nominalizador genérico *-ri* "é consistente com a semântica da categoria de inferência, na qual o foco está em um estado resultante ou nos resultados de uma ação realizada por um agente não identificável ou não recuperável"[35]. Dessa maneira, dada a indeterminação do agente, o nome deverbal não recebe sufixos nominais. Essa explicação dá conta dos casos, como (22) abaixo, em que não se sabe quem realizou a ação. Porém mesmo nos casos em que se sabe o agente da ação como em (11), repetido como (23), o nome deverbal não leva sufixos de gênero e número. Concluímos, então, que o nome deverbal derivado pelo *-di* não se refere ao agente da ação e sim à ação em si, desse modo não receberia sufixos de gênero e número por não se referir a um ser vivo e sim a uma ação realizada por esse

[35] No texto original, "is consistent with the semantics of the inference category, in which focus is on a resultant state or on the results of an action performed by an unidentifiable or unrecoverable agent".

ser (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018: 225). Portanto, em (22), *i'ya-ka'a-di* se referiria ao "ato de comer", enquanto *wa'a-wa'a-di*, em (23), a "ida".

(22) *yʉ'ʉ pano ihiyee i'yaka'adi ihidi'i*

yʉ'ʉ	*~pado*	*ihi-yee*	*i'ya-ka'a-**di***	***ihi-di***
1SG	fazer.antes	COP-PL.INDF	comer-DUR-NMLZ	COP-VIS.PFV2/3

'Alguém, aparentemente, comeu antes de mim' (Lit. 'aparentemente, houve um ato de comer de alguém antes de mim')

(23) *wa'awa'adi ihidinaha*

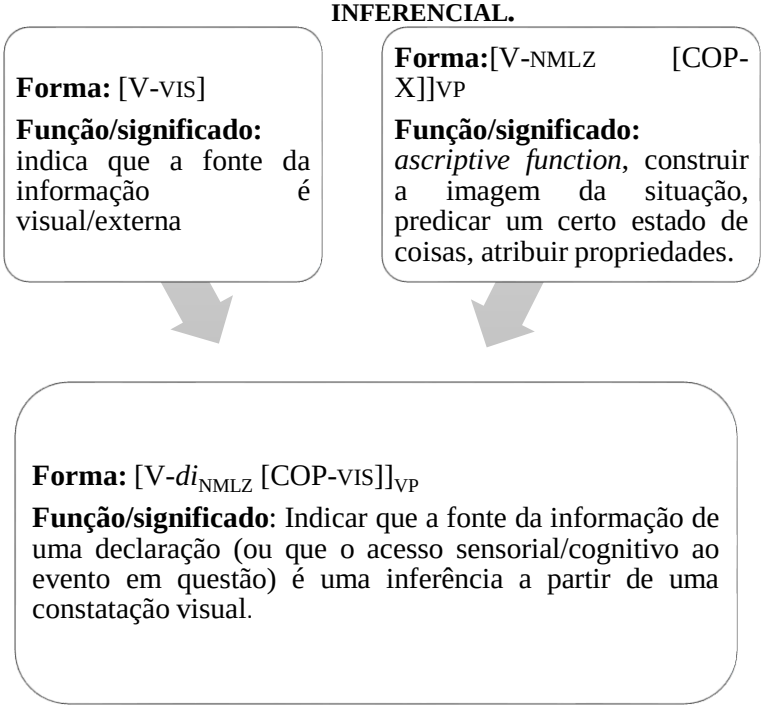
*wa'á-wá'á-**dí***	***ihí-di**-~daha*
ir-ir-**NMLZ**	**COP-VIS.PFV.**2/3-EMPH

'(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé)' (Lit. 'Parece que há/houve a ida longe')

O uso do evidencial VISUAL na construção de evidencial INFERENCIAL também é bastante icônico, porque, como vimos, para a inferência acontecer, o falante observa um resultado de uma ação/estado de coisas. Assim, o modo de acesso sensorial do evidencial INFERENCIAL também é visual, entretanto, ele não é direto como nos casos de evidencial VISUAL vistos em 6.1 e sim, indireto.

Dessa forma, de acordo com o modelo construcionista (GOLDBERG, 1995; HILPERT, 2015), tanto a construção VERBO NOMINALIZADO + CÓPULA quanto a construção RAIZ VERBAL + EVIDENCIAL VISUAL motivariam a construção de evidencial inferencial através de links de heranças, pois parte tanto da forma quanto do significado dessas duas construções foi herdada pela construção de evidencial inferencial. A rede da figura 6.3 representa os links de herança entre as construções.

Figura 6.1 – Construções que motivam as propriedades da construção evidencial INFERENCIAL.



Fonte: adaptado de CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018: 227

A construção INFERENCIAL, na rede, é o nódulo filho das duas outras construções [V-VIS] e [V-NMLZ [COP-X]]$_{VP}$, que são os nódulos mães e das quais ela herda parte da forma e do significado. De acordo com Goldberg & Auwera (2012: 121), "a existência do nódulo mãe motiva o nódulo filho, fazendo com que este tenha maior chance de se desenvolver e, presumidamente, seja mais fácil de ser adquirido e usado"[36]. Na figura 6.3, portanto, temos como nódulos mães (i) a construção de evidencial VISUAL [V-VIS] e (ii) a construção de predicado nominal, expresso por um verbo nominalizado seguido de cópula [V-NMLZ [COP-X]]VP, e como o nódulo filho, o evidencial INFERENCIAL. A função desse evidencial não pode ser prevista se olharmos apenas para a sua forma. Porém, observando a rede de links de herança pudemos constatar que a relação entre a forma e a função desse evidencial não é arbitrária, uma vez que a construção herda propriedades tanto formais quanto semântico-pragmáticas de outras construções existentes na língua.

[36] No texto original, "the existence of the mother nodes motivates the daughter node, making it more likely to exist and presumably easier to learn and use".

6.3. A categoria PRESUMIDO

Aikhenvald (2018: 12) postula que a categoria de evidencial PRESUMIDO (*assumption* ou *assumed*) indica que a fonte de informação de uma declaração não é observável e é baseada em uma conclusão lógica, numa suposição, numa experiência prévia ou num conhecimento compartilhado. Vimos no capítulo 3 que, nas línguas Tukano Oriental, a semântica dos evidenciais presumidos pode fazer interseção com outras categorias como o NÃO-VISUAL, podendo até mesmo encobrir essa semântica em línguas que não tem essa categoria específica, o que é o caso da língua Wa'ikhana. Além disso, em Wa'ikhana, o significado dos evidenciais PRESUMIDOS se aproxima bastante do significado dos evidenciais da categoria INFERENCIAL.

Willet (1988: 96) argumenta que existem dois tipos de inferência, a que vem de resultados observáveis e a que vem da intuição, de uma conclusão lógica ou de uma experiência prévia. Portanto, haveria dois tipos de evidenciais inferenciais: externo e interno. Considerando os dados de Wa'ikhana, o evidencial inferencial apresentado na seção anterior entraria na categoria de 'inferencial externo' e, em muitos contextos, os evidenciais aqui classificados como presumidos seriam o 'inferencial interno'. A divisa entre essas duas categorias de evidenciais, no entanto, pode ser bastante tênue em Wa'ikhana. Por exemplo, a seguir veremos alguns casos de presumidos nos quais também há um resultado observável. Isso mostra que o uso de cada evidencial não se baseia apenas na evidência disponível ao falante, mas há também uma possibilidade de escolha, ou seja, o falante pode priorizar a evidência externa ou interna do evento que está sendo declarado.

O exemplo (24) foi retirado de uma narrativa pessoal em que o narrador estava indo para casa do cunhado e antes de ir ele especula e chega à conclusão de que não há bebida para onde ele vai. Essa informação é provavelmente baseada em uma experiência prévia, pois ele deve ir com recorrência a casa do cunhado e deve saber que normalmente não há bebida. Assim, a conclusão de antemão pode ser considerada uma inferência, que não é baseada em resultados externos como os casos apresentados na seção 6.2, mas em algo internalizado – uma experiência prévia.

(24) *si'niye maniaedaaga* [Narrativa: *Caranã*]

~si'dí-yé *~badiá-éda-**aga***

beber-NMLZ.INDF não.existir-NEG-**PRES:INTER**

'Não (deve ter) tem bebida (lá).'

Na narrativa tradicional sobre curupira que já foi mencionada anteriormente história, destaco o exemplo (25) abaixo. Nessa história o filho de um velho pajé o manda ir até um igarapé ver se o rio está no ponto certo para jogar timbó (uma forma de pescar usando veneno). Lá o pajé encontra um outro velho, que na verdade é um curupira disfarçado, e ele fica um tempo com esse curupira, bebendo e comendo. Ele volta, mas depois de alguns dias, seu filho percebe que ele está estranho e fala/pensa a frase registrada em (25). O verbo que recebe o morfema -*aya* é *wa'a* 'ir', que em certos contextos pode significar 'acontecer', como é o caso nesta frase. A ideia de "desconfio que", na tradução em (25), vem do evidencial presumido -*aya*, que indica como fonte de informação a lógica ou a própria intuição do falante, uma vez que o pai (o velho pajé) havia desaparecido por um tempo e estava agindo estranho.

(25) *a'lik~~u~~do siodota wa'aya* [Narrativa: O pajé e o curupira]

a'dí-k~~u~~do	*sió-do-ta*	*wa'á-**aya***
DEM.PROX-SG	ser.difícil-SG-EMPH	ir-**PRES:SUPOSTO**

'(Desconfio que) algo aconteceu com ele.'

Tanto (24) como (25) constituem casos de 'inferência interna', segundo a denominação de Willet (1988), pois o falante se baseia em uma experiência prévia e no raciocínio lógico. Considero então a denominação PRESUMIDO para essa categoria ao invés de considerá-la um subtipo de INFERENCIAL, porque o significado desses evidenciais se estendem a mais valores semânticos do que apenas o de inferência, como, por exemplo, o significado de uma evidência não visual (ver seção 6.3.1). Assim, baseio-me em análises de evidenciais de línguas TO, como Kubeo (CHACON, 2012), Kotiria (STENZEL, 2013), Barasana (GOMEZ-IMBERT, 2009), Tuyuka (VLCEK, 2016), que consideram esse tipo de evidencial PRESUMIDO.

6.3.1 Evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO

Em Wa'ikhana, como vimos nos exemplos acima, há dois tipos de evidenciais PRESUMIDO: o INTERNALIZADO e o SUPOSTO. O evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO -*aga* é usado em três contextos: (i) para indicar que a fonte de informação se constitui de experiência prévia, (ii) para indicar que o que está sendo declarado é um conhecimento compartilhado (da comunidade em que o falante vive, por exemplo); e (iii) para indicar que a fonte de informação não é visual, mas foi adquirida através do sistema sensorial, como paladar, do olfato etc., ou sensações como dor ou fome.

O evidencial presumido internalizado apresentado anteriormente em (24) foi usado para indicar que o falante adquiriu aquela informação através de uma experiência prévia. Já nos casos (26) e (27), abaixo, retirados da mesma narrativa, o evidencial presumido internalizado -*aga* que indica que a fonte de informação do falante é um conhecimento em comum de uma sociedade ou grupo de pessoas. Nos dois casos, o narrador interrompe a história que está contando para falar com o público que estava assistindo, lembrando-os que o protagonista e o cenário são conhecidos por todos.

(26) *mʉsa masiaga tikʉdode* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

~bʉsá	*~basí-**ágá***	*tí-kʉ́dó-dé*
2PL	saber-**PRES:INTER**	ANPH-SG-OBJ

'Vocês conhecem bem esse velho.'

(27) *mʉsa masiaga timale* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

~bʉsá	*~basí-**ágá***	*tí-~báá-dé*
2PL	saber-**PRES:INTER**	ANPH-igarapé-OBJ

'Vocês conhecem aquele igarapé.'

O evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO também ocorre em sentenças sobre conhecimento de mundo, por exemplo, sobre a natureza. Os exemplos abaixo foram retirados de materiais escritos feitos por alunos Wa'ikhana, um sobre peixes e o outro sobre fenômenos da natureza. Ao falar sobre a chuva no inverno e no verão, no exemplo (28), usa-se -*aga*, primeiro no verbo *peha* 'chover' e depois no verbo *wa'a* 'ir' que tem ideia de 'acontecer' nesse contexto, relacionando-se com *pehama* 'chover-FRUS'. O mesmo ocorre no dado (29) com as informações sobre o peixe tucunaré. O morfema -*aga* se afixa aos verbos *~tidi* 'passear', *i'ya* 'comer' e à cópula *ihi*, indicando hábitos do peixe, que é muito conhecido na região. Ao utilizar o presumido internalizado para indicar conhecimento compartilhado o falante opta por apresentar a informação declarada de uma perspectiva coletiva e não pessoal. No caso com a cópula *ihiboaga* que foi traduzido como 'poderia estar', temos o morfema modal dubitativo -*bo* co-ocorrendo com o evidencial PRESUMIDO, para indicar baixa certeza (ver capítulo 5, seção 5.6.2).

(28) *Ahkoro pehaga poekɯ kɯ'ma ahpetale kenoalidehko wahkueno pehama wa'aga*

ako-do	*peha-**aga***	*poekɯ*	*kɯ'ma*	*ape-ta-de*
água-SG	chover-**PRES:INTER**	inverno	verão	ALT-?-OBJ

kenoa-di-deko	*wahkue-do*	*peha-~ba*	*wa'a-**aga***
ser.bom-NMLZ-dia	de repente	chover-FRUS(?)	ir-**PRES:INTER**

'A chuva chove no inverno, no verão, às vezes (talvez), o dia bom de repente chove (já caindo).'

(29) *bee ihide, wa'i tikido tiniaga diapɯ. tido ihiboaga peoka'a. i'yaga se'ã, apekɯna wa'ide, tido i'yakoeyekina.* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

bee	*ihi-de*	*wa'i*	*ti-kido*	*~tidi-**aga***	*dia-pɯ*
tucunare.peixe	COP-VIS.IPFV.2/3	peixe	ANPH-SG	passear-**PRES:INTER**	rio-LOC

ti-do	*ihi-bo-**aga***	*peo-ka'a*	*i'ya-**aga***	*~se'a*
ANPH-SG	COP-DUB-**PRES**	cachoeira-DUR(?)	eat-**PRES:INTER**	piabinha(peixe)

ape-~kɯda	*wa'i-de*	*ti-do*	*i'ya-koe-ye-~kɯda*
outro-PL	peixe-OBJ	ANPH-SG	comer-gostar-NMLZ-PL

'Este é tucunaré. Este peixe passeia no rio. Ele poderia estar perto da cachoeira. Ele gosta de piabinha e outros tipos de peixe.'

O evidencial PRESUMIDO *-aga* em Wa'ikhana também pode ocorrer em casos cuja fonte de informação não é visual, mas está relacionada a outros dos cinco sentidos. Nas análises de algumas línguas TO, como Kotiria (STENZEL, 2008a: 425), Tuyuka (VLCEK, 2016: 158) e Desano (SILVA, 2016: 65) propõe-se uma categoria específica para esse tipo de fonte de informação rotulado como evidência NÃO-VISUAL. Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 364) apontam que o uso de evidenciais NÃO-VISUAIS nessas línguas é principalmente relacionado à audição. Em Kotiria, por exemplo, o evidencial NÃO-VISUAL é usado exclusivamente para casos que a fonte de informação é a audição (STENZEL, 2008a: 217) e casos com paladar, dor física, tato são indicados pelo evidencial PRESUMIDO.

Em Wa'ikhana foram encontrados alguns casos uso do marcador presumido internalizado *-aga* para indicar dor física ou algo relacionado a sensações do corpo, como "ter a barriga vazia"/"sentir fome". O caso (30) traz presumido internalizado *-aga* que ocorre com a construção de progressivo formada pelo auxiliar *~dii* e um verbo nominalizado, que no caso

é *do’to* ‘sentir dor’. No exemplo (31), o sufixo *-aga* aparece com o verbo *~badie* ‘não existir’ com a morfema de negação *-eda*. Nos dois casos, a fonte de informação é o próprio corpo do falante.

(30) *yʉ'ʉle dahpu do'toaro niaga*

yʉ'ʉ-de	*dapu*	*do’to-wa’a-do*	*~dii-**aga***
1SG-OBJ	cabeça	ter.dor-ir-SG	PROG-**PRES:INTER**

‘Sinto dor de cabeça. [Lit: A cabeça está doendo para mim.]’

(31) *yʉ'ʉ pa'a nẽ phose maliedaga* [GP unidade possessivos]

yʉ'ʉ	*pa'a*	*nẽ*	*pose-yee*	*~bali-eda-**aga***
1SG	barriga	nem	encher-NMLZ.INDF	não.existir-NEG-**PRES:INTER**

‘Minha barriga está vazia (estou com fome). [Lit: minha barriga não está cheia]’

Não encontrei em Wa’ikhana nenhum caso de evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO indicando que a fonte de informação era a audição. Observei, no entanto, em uma narrativa (analisada em STENZEL & CEZARIO, *no prelo*), três casos em que a fonte de informação do falante era claramente a audição e ele utiliza um EVIDENCIAL INFERENCIAL. Em certo ponto dessa narrativa, o narrador estava indo caçar um macaco guariba e percebe o animal não está “cantando” (fazendo o barulho que normalmente faz), como diz em (32), e sim gritando de medo de um gavião, como é afirmado em (33). Em (34), ele volta a dizer que o macaco estava gritando por causa do gavião, repetindo a mesma estrutura.

(32) *ya'udo meheta, niidi ihidinaha*

ya'ú-do	*~behé-ta*	*~dií-**dí***	***ihí-di**-~daha*
falar/contar-SG	não.ser-EMPH	PROG-**NMLZ**	**COP-VIS.PFV.2/3**-EMPH

‘(Parece que o guariba) não estava cantando (o som que normalmente faz).’

(33) *kaale kuedo saa sañuduhkumaamʉhʉli ihidi, hʉ̃* [Narrativa: *O grito do macaco*]

kaá-de	*kué-do*	*saá*	*~sayú-duku-~baá-~bʉhʉ-**di***
gavião-OBJ	ser.perigoso-SG	então/assim	gritar-em.pé/ficar-sair-AFFECT-**NMLZ**

ihí-di	*~hʉ*
COP-VIS.PFV.2/3	INTJ:afirm

‘Com medo do gavião perigoso/ameaçador, (parecia que) estava gritando, hmm.’

(34) *kaa ñe'eduagɯ̃ sañuduhkumaamɯhɯli ihidi hɯ̃, cho!* [Narrativa: *O grito do macaco*]

kaá	*~ye'é-dúá-~gɯ*	*~sayú-duku-~baá-~bɯhɯ-**di***
gavião	pegar-DES-SWRF	gritar-em.pé/ficar-sair-AFFECT-**NMLZ**

ihí-di	*~hɯ*	*cho*
COP-VIS.PFV.2/3	INTJ:afirm	INTJ:puxa!

'(Como) o gavião queria pegá-lo, (parece que) estava gritando, né? Puxa!'

Nos casos acima, não há nenhum resultado observável da ação declarada, que seria o ato de gritar do macaco. Desse modo, como explicar o uso do EVIDENCIAL INFERENCIAL? Uma possibilidade é que em Wa'ikhana eventos cuja fonte de informação seja a audição sejam marcados pelo evidencial INFERENCIAL. Como não há uma categoria NÃO-VISUAL específica na língua, esse tipo de fonte de informação poderia ser indicado em parte pelo PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* (sensações como dor, frio, fome) e em parte pelo INFERENCIAL (audição). No entanto, como esse uso do INFERENCIAL só foi visto até agora em uma narrativa e em um contexto específico, será preciso buscar e analisar mais dados para confirmar essa hipótese.

6.3.2. Evidencial PRESUMIDO SUPOSTO

O evidencial PRESUMIDO SUPOSTO *-aya* indica que fonte de informação é a conclusão lógica ou mesmo a intuição do falante. Observemos o exemplo (25), repetido aqui como (35) abaixo:

(35) *a'likɯdo siodota wa'aya* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

a'dí-kɯ́do	*sió-do-ta*	*wa'á-**áyá***
DEM.PROX-SG	ser.difícil-SG-EMPH	ir-**PRES:SUP**

'(Desconfio que) algo aconteceu com ele.'

A frase elicitada em (36) foi feita num dia em que nosso consultor Edgar não foi trabalhar, porque estava doente com malária. O morfema *-aya* é afixado a raiz *~dii*, que é parte da construção de progressivo junto do radical *do'ati* 'ser doente', nominalizado por *-do*. O consultor que falou esta frase não recebeu nenhuma evidência direta ou externa de que o Edgar estava doente, ele chegou a essa conclusão provavelmente porque o Edgar não foi trabalhar conosco naquele dia e também porque havia muitos casos de malária na região nessa época.

(36) *yʉ'ʉ tu'otuagãre Edgar do'atido niaya*

yʉ'ʉ	*tʉ'otu-~aga-de*	*Edgar*	*do'a-ti-do*	*~dii-**aya***
1SG	sentir-?-VIS.IPFV.2/3	-	doença-VBZ-SG	PROG-**PRES:INTER**

'Eu sinto que Edgar está doente.'[Lit: Eu sinto: Edgar está doente]

Na frase (37), o morfema *-aya* está afixado a raiz *a'ta* 'ir' com o morfema aspectual *-~ka'a* que indica que ação está completada. Neste momento da narrativa do *Pajé e o curupira*, o filho do velho pajé desaparecido tinha ido procurá-lo, mas no meio do caminho ele encontra o pai voltando, que fala a frase (37). É importante notar que o escopo do evidencial nesse caso inclui não apenas o verbo *a'ta* 'vir', mas também seu modificador *iyowa'ado*, ou seja, o escopo é sobre a ideia de 'vir à toa'. O falante, desse modo, usa o INFERENCIAL interno para indicar que não há fontes externas daquela informação, ele apenas chegou à conclusão por meio da lógica.

(37) *esa, iyowa'ado a'taka'ãya mʉ'ʉa* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

isá	*iyowa'ado*	*a'tá-~ká'á-**áyá***	*~bʉ'ʉ́-a*
EXOR	à toa	vir-COMPL-**PRES:INTER**	2SG-EMPH

'Bora, você veio à toa.'

6.4. A categoria REPORTADO

Como vimos no capítulo 3, evidenciais REPORTADOS são aqueles que indicam que a informação de um evento declarado não é de primeira-mão, foi adquirida por meio de outra pessoa (sendo esta uma pessoa específica ou não). Em Wa'ikhana, encontramos dois tipos de evidenciais reportados, classificados como REPORTADO PRÓXIMO e REPORTADO DISTANTE.

O REPORTADO PRÓXIMO *-~yoti* indica a informação declarada pelo falante foi adquirida através de outra pessoa. A classificação "próximo" ocorre, porque, embora quem tenha reportado a informação ao falante não seja alguém específico, de certa forma essa pessoa ou pessoas ainda podem ser retomados, ou seja, alguém existente na realidade no falante, ao contrário do REPORTADO DISTANTE *-aye*, que indica que a informação foi relatada por alguém não recuperável. O REPORTADO DISTANTE é utilizado majoritariamente em narrativas tradicionais, as quais, em geral, são contadas e conhecidas por todos, mas não é possível recuperar quem é "a fonte" original.

6.4.1. Evidencial REPORTADO PRÓXIMO

O evidencial REPORTADO PRÓXIMO -*~yoti* indica que o evento declarado pelo falante foi relatado a ele por alguém. Nos dados analisados, foi visto que esse evidencial parece ser mais marcado nessa língua do que o VISUAL e o PRESUMIDO, por exemplo, já que sua ocorrência é mais rara – todos os exemplos de -*~yoti* foram de dados de elicitação e eles parecem ocorrer em contextos mais específicos. Por exemplo, não houve casos em dados reais de fala nem nos dados de materiais escritos do evidencial REPORTADO PRÓXIMO. Desse modo, a compreensão dos contextos em que -*~yoti* aparece ainda é limitada.

Os dados abaixo mostram elicitações com o evidencial REPORTADO PRÓXIMO. Em todos os casos, os consultores diziam que a informação havia sido adquirida por terceiros. Em alguns casos era claro que foi uma pessoa específica, como por exemplo (38), que, de acordo com o consultor, a pessoa teria se machucado e "chegado contando o ocorrido". Também em (39) a informação viria de uma pessoa específica, porque quem teria informado que a mulher estava doente era o próprio marido citado na declaração.

(38) *Sikido bo'dakeawa'añoti*

síkídó *bodá-kea-wa'á-**~yótí***

aquele cair-tornar-se-ir-**REP:PRÓX**

'Ele caiu (e chegou contando).'

(39) *tikido namono do'atido niõnti*

tí-k~~u~~dó *~dabó-do* *do'á-tí-dó* *~díi-**~yoti***

ANPH-SG esposa-SG doença-VBZ-SG PROG-**REP:PRÓX**

'A mulher dele está doente. (Ele, o marido, disse.)'

Nos casos abaixo, no entanto, parece que a informação foi reportada ao falante por alguém não específico. Por exemplo, em (40), depois de dizer que choveu muito em Iauaretê, o falante diz em outra sentença que "alguns" lhe disseram isso. Nesse caso, temos primeiro uma construção com o verbo *wa'a* 'ir' e o verbo *peha* 'chover' nominalizado, *pehadidua* 'chovido', a qual foi traduzida apenas para 'choveu'. O REPORTADO PRÓXIMO -*~yoti* se afixa ao verbo *wa'a*, pois ele é o verbo finito da construção. No entanto, na segunda sentença, na qual o falante afirma que alguém não específico (alguns) lhe deram essa informação, ele utiliza no verbo *diau* 'contar' o evidencial VISUAL -*di*, porque a ação indicada por esse verbo foi vista/experienciada por ele.

(40) *Iauaretêpɯre ohko pehadidua wa'añoti, sani yɯ'ɯre diauri*

Iauaretê-pɯ-de	*akó*	*pehá-di-dua*	*wa'á-**~yótí***
Iauaretê.cidade-LOC-OBJ	água	chover-NMLZ-AUM	ir-**REP:PRÓX**

saá-~dí	*yɯ'ɯ́-de*	*~dií-ya'u-di*
então/assim-dizer	1SG-OBJ	dizer-contar-VIS.PFV.2/3

'Choveu muito na cidade de Iauaretê, alguns me disseram assim.'

Vemos um caso parecido em (41), entretanto, quem informa o falante sobre certo ocorrido é a "televisão". No exemplo, há duas frases finitas a primeira, em que o falante diz que viu na televisão de manhã (com um evidencial VISUAL) e a segunda, em que se afirma que choveu no Rio de Janeiro. O verbo da primeira cláusula, *~iya* 'ver' leva um evidencial VISUAL *-ɯ*, indicando que a ação de "ver na televisão" foi vista/experienciada por ele. Na segunda cláusula a cópula *ihi* têm o evidencial REPORTADO PRÓXIMO *-~yoti*. A cópula *ihi* faz parte da construção *pehado ihi*, que inclui o verbo *peha* 'chover' nominalizado pelo morfema *-do* seguido da cópula *ihi* flexionada. Essa construção parece indicar um passado perfeito e pode ser traduzida como 'tinha chovido'. Desse modo, o evidencial reportado próximo indica que ação de 'tinha chovido' foi reportada ao falante. Embora saibamos que o falante recebeu essa informação através da televisão, não há uma pessoa 'reportador' específica como nos casos (38) e (39).

(41) *yɯ'ɯ bo'lekiado iñaɯ akã televisãopɯ ohkõdo pehado ihinõti Rio de Janeiropɯre*

yɯ'ɯ́	*bo'lékedo*	*~iyá-ɯ́*	*~aká*	*televisão-pɯ*	*akó-dó*	*pehá-do*
1SG	de.manhã.cedo	ver-VIS.PFV.1	um	televisão-LOC	água-SG	chover-SG

*ihí-**~yo'ti***	*Rio.de.Janeiro-pɯ-de*
COP-**REP:PRÓX**	rio.de.janeiro-LOC-OBJ

'Eu vi na televisão que choveu no Rio de Janeiro.'

Um dos evidenciais reportados apresentados no quadro de evidenciais acima e também no quadro de evidenciais de Wa'ikhana e Kotiria apresentado por Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 377) é o *-~yoga*. De acordo com os nossos consultores, é uma forma utilizada pelos

antigos, ou seja, não é mais usada. A forma -~*yoti* seria usada hoje em dia no lugar de -~*yoga*. Waltz (2012: 132) classifica o morfema -~*yoga* como INFORMADO (reportado) presente e -~*yoti* como INFORMADO passado, oferecendo a dupla de frases ilustrativas em (42)-(43).

(42)

ti-quiro	*iji-ñoga*	*quehnoa-no*	*yиhdи-o-ri-quiro*
DEM-MASC.SG	ser/estar-EVID	bueno-ADV	pasar-CAUS-NOM-MASC.SG

'Se dicen que él es mejor'.

(43)

ti-quiro	*ahta-hti*	*iji-ñohti*
DEM-MASC.SG	venir-PROP	ser/estar-EVID

'Dijeron que él iba a venir'. (WALTZ, 2012: 134)[37]

Na minha análise, no entanto, a distinção presente / passado não condiz com a função que os evidenciais desempenham nas declarações. O evidencial REPORTADO PRÓXIMO -~*yoti*, por exemplo, foi encontrado em sentenças se referem tanto a eventos atuais, quanto a eventos já realizados, como podemos ver nos exemplos (38) e (39). Como Wa'ikhana não é uma língua com tempo marcado morfologicamente, é pelo contexto ou através de advérbios que o tempo da sentença é marcado. Nas frases elicitadas, portanto, temos como referência a tradução em português.

A análise de Stenzel & Gomez-Imbert (2018) apresenta -~*yoga* como REPORTADO CITADO e -~*yoti* como REPORTADO DIFUSO, ou seja, o primeiro indicaria que a informação foi adquirida de alguém específico e o segundo, de alguém não específico. Vale ressaltar que a análise de Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 377) dos evidenciais de Wa'ikhana é uma comparação com os evidenciais em Kotiria, que é uma língua muito próxima geneticamente e com muito mais análise e descrição. Em Kotiria, sabe-se que há essa diferença entre os dois evidenciais reportados -*yu'ka* e -*yu'ti*, um seria o citado, o outro o difuso (STENZEL, 2008a: 411). Tirando o exemplo da gramática de Waltz (2012), não foi encontrado nenhum outro dado com -~*yoga*.

Como os falantes afirmaram que sentenças com o evidencial -~*yoga* eram usadas pelos

---

[37] Foram mantidas as glosas do autor – EVID: evidencial; ADV: advérbio; NOM: nominalizador; PROP: propósito. Na obra de Waltz <h> representa a glotal [ʔ], <j> representa [h] e <qui, que> representam [ki], [ke].

antigos, é possível que essa diferença entre um reportado citado (informação adquirida de uma pessoa específica) e um reportado difuso (informação adquirida de alguém não específico) existisse na língua no passado e se perdeu com o tempo. Isso porque, aparentemente, como visto acima nos dois contextos, -*~yoti* é o único morfema utilizado.

6.4.2 Evidencial REPORTADO DISTANTE

O evidencial REPORTADO DISTANTE -*aye* indica que a informação declarada não apenas é de segunda-mão, mas também provém de alguém que não é mais recuperável. Normalmente, esse morfema ocorre em narrativas tradicionais para marcar uma voz narrativa distante. Essas narrativas não têm autores originais, elas muitas vezes são recontadas oralmente. Nas duas frases abaixo, das narrativas *O pajé e o curupira* e *A história do sal*, a fala do narrador é marcada pelo morfema -*aye*.

(44) *tinanaha ni'kano me'na yohaawa'ayenaha* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

tí-~dá-~daha	*~di'ká-do*	*~be'da*	*yohá-wá'á-**áyé**-~daha*
ANPH-PL-EMPH	acontecer-SG	COM/INS	subir.o.rio-ir-**REP:DIST**-EMPH

'Os dois foram embora subindo juntos.'

(45) *tido bahto pi'aaehsayenaha to namonok~~u~~onaha* [Narrativa: *A história do sal*]

tí-dó	*bató*	*pi'á-esa-**aye**-~daha*
ANPH-SG	atrás(?)	sair-chegar-**REP:DIST**-EMPH

to	*~dabó-do-k~~u~~o-~daha*
3SG.POSS	mulher-SG-?-EMPH

'*Atrás dele, a mulher veio chegando*.'

Vimos anteriormente que o REPORTADO PRÓXIMO -*~yoti* também pode ocorrer quando claramente a pessoa que "reportou" a informação ao falante não é alguém específico, como em (40) e (41). No entanto, nota-se que há uma diferença entre o uso de -*~yoti* nesses casos e o uso de -*aye* nas narrativas. Em (40), o falante afirma que "alguns" lhe disseram que choveu em Iauaretê, esses "alguns" não são ninguém específico, mas claramente são pessoas conhecidas, com quem ele falou diretamente. Na frase (41) a fonte de informação também não foi uma pessoa específica, mas, mesmo assim, foi uma fonte recuperável, pois foi através da televisão

(algo como um noticiário) que o falante soube da informação – ou seja, de certo modo, ele teve algum tipo de "contato" como quem lhe deu a informação. Isso não ocorre com o reportado distante -*aye* nas narrativas tradicionais, já que não é possível recuperar onde se originou tal informação, nem queria seria o "autor".

É interessante observar nas narrativas que o reportado distante -*aye* é utilizado apenas na fala do narrador. Quando há discurso direto, ou seja, a fala de um personagem, o evidencial utilizado é referente ao personagem e ao contexto que ele se encontra. Vejamos o trecho abaixo, da narrativa *O pajé e o curupira*. Nesta parte da história, o velho pajé, que havia sido levado por um curupira, finalmente decide (e o Curupira permite) ir embora.

Em todos os verbos finitos na voz do narrador vemos o uso do evidencial REPORTADO DISTANTE -*aye*, como no verbo dicendi ~*dii* 'dizer', em (46a), (46b) e (46c), e no verbo (serial) de ação *a'ta-a'ta* em (46e). Já no discurso direto, ou seja, na fala dos personagens, há dois evidenciais VISUAIS diferentes, um imperfectivo de primeira pessoa -*aha*, e um imperfectivo de terceira pessoa -*de*, em (46a) e (46b), respectivamente. Essa variação é esperada, pois, nas falas dos personagens, a fonte de informação indicada pelos evidenciais está relacionada à perspectiva interna do personagem e não à perspectiva externa do narrador.

(46)a. *"yи'и wa'и niha" niayenaha* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

yи'и́	*wa'á-gи́*	*~dií-áhá*	*~dií-**áyé***
1SG	ir-1/2SGM	dizer-VIS.IPFV.1	dizer-**REP:DIST**

'"Eu vou descendo agora" disse.'

b. *"aи, ke'nole" niaye.*

áи	*~ke'doá-dé*	*~dií-**áyé***
sim	ser.bom-VIS.IPFV.2/3	dizer-**REP:DIST**

'"Está bom" disse (o Curupira).'

c. *"yи'и mи'иle tire si'nidи'ti nee yohataи" niaye.*

yи'и́	*~bи'и́-de*	*tí-dé*	*~si'dí-duti*
1SG	2SG-OBJ	ANPH-OBJ	beber-mandar

neé-yoha-a'ta-gʉ *~dií-**aye***

pegar-subir.o.rio-vir-1/2SGM dizer-**REP:DIST**

"Eu trouxe (aqui para cima) o Sr. para tomar bebida" disse.

d. *"aʉ", nii, tidole ko'etikaã.*

áʉ *~dií* *tí-dó-dé* *ko'étí~kaá*

sim dizer ANPH-SG-OBJ se.despedir(?)

'"Está bom" disse, e se despediu dele.'

e. *buata atataye*

buá-ta *a'tá-á'tá-**áyé***

descer.na.terra-EMPH vir-vir-**REP:DIST**

'Foi embora descendo (no porto).'

6.5. Os morfemas *-dʉ* e *-ti*

Como vimos no capítulo 5, na palavra verbal finita certos morfemas podem co-ocorrer com os morfemas obrigatórios de modalidade da cláusula. Destaco aqui dois morfemas, *-dʉ* e *-ti*, que analiso como 'afetado' e 'afetado perfeito' respectivamente:, uma vez que o uso desses morfemas parece estar intimamente relacionado ao uso do evidencial VISUAL, particularmente o VISUAL *perfectivo* de primeira pessoa *-ʉ/-i*.

Os morfemas afetados *-dʉ* e *-ti* ocorrem quando o sujeito de primeira pessoa singular não tem um papel agentivo no evento declarado, ou seja, não há volição do falante na ação/evento, mas é ele quem sofre ou é afetado pelo evento. Em todos os dados analisados, esse morfema ocorreu com o evidencial VISUAL *perfectivo* de primeira pessoa *-ʉ/-i*. Desse modo, há uma contração entre as vogais dos dois morfemas *dʉ* + *ʉ*, resultando apenas *-dʉ*, e *-ti* + *-i* resultando apenas *-ti*. Isso provavelmente acontece, porque, para falar de algo que lhe ocorreu, o falante precisa de alguma forma ter visto e/ou experienciado aquela situação. O morfema *-ti* parece ainda marcar o aspecto *perfect*, ou seja, indica que o evento ocorrido no passado afeta o presente de alguma forma – ou porque se iniciou no passado e persiste até o presente ou porque ocorreu no passado e ainda tem relevância para o presente (JESUS et *al*., 2017: 512).

Abaixo, vemos dois exemplos com os afetados *-dʉ* e *-ti*. Em (47) o verbo finito é *wa'a*,

que, como afirmado anteriormente, pode indicar em certos contextos mudança de estado ou ter significado de “acontecer”. Na sentença traduzida para “eu fiquei doente” ele indica a mudança de estado do falante ao ficar doente. Como adoecer não é uma ação volitiva, *wa’a* recebe o morfema *-dʉ*, e como este é um evento experienciado pelo falante, há o uso do evidencial VISUAL no aspecto *perfectivo*, sinalizando algo que ocorreu no passado. A diferença entre a sentença (47) e a sentença (48) é o uso do afetado perfect *-ti* no lugar de *-dʉ*, indicando que o evento afeta o presente de alguma forma.

(47) *yʉ'ʉ do'ati wa'adʉ*

yʉ'ʉ́ *do'á-tí* *wa'á-**dʉ́-ʉ́***

1SG doença-ATTR ir-**AFFECT-VIS.PFV.1**

‘Eu fiquei doente.’

(48) *yʉ'ʉ do'ati wa'ati*

yʉ'ʉ́ *do'á-tí* *wa'á-**tí-ʉ́***

1SG doença-ATTR ir-**AFFECT.PERF-VIS.PFV.1**

‘Eu fiquei doente (há pouco tempo/ainda não me recuperei).’

Os casos (49) e (50) apresentam o verbo (serial) *boda-kea-wa'a* traduzido para ‘cair’. Da mesma forma que no exemplo anterior, a ação de cair não é uma ação volitiva, desse modo, nos dois casos há morfemas afetados. No exemplo (49), o ocorrido aconteceu no passado e parece não ter mais ligação com o presente, já na frase (50) a pessoa teria caído há pouco tempo e chegado comentando o ocorrido, portanto a ação teria relevância para o presente, o que justificaria o uso do afetado *perfect -ti*.

(49) *yʉ'ʉ bo'dakeawa'adʉ*

yʉ'ʉ́ *boda-kea-wa'a-**dʉ-ʉ***

1SG cair-tornar-se-ir-**AFFECT-VIS.PFV.1**

‘Eu caí.’

(50) *yʉ'ʉ bo'dakeawa'ati*

yʉ'ʉ *boda-kea-wa'a-**ti-ʉ***

1SG cair-tornar-se-ir-**AFFECT.PERF-VIS.PFV.1**

‘Eu caí (e cheguei contando).’

Abaixo, no exemplo (51), o verbo *tu'otu* 'sentir', que tem como complemento outro o 'ser frio' nominalizado por *-do*, desse modo temos um predicado que pode ser traduzido para 'sentir frio'. Como o evento 'sentir frio' não depende da vontade do falante, há o uso do afetado *-dʉ*. É interessante notar nesse exemplo que o afetado *-dʉ* pode co-ocorrer com morfemas de aspecto como o imperfectivo *-eti*, o que mostra que o afetado faz parte de um paradigma diferente do dos morfemas de aspecto e modo.

(51) *panopʉre nihigʉ ihigʉ dihsiado tu'otuetidʉ*

~pádo-pʉ-de	*~dihí-gʉ*	*ihí-gʉ*
estar/fazer.antes-LOC-OBJ	neném-1/2SGM	COP-1/2SGM

disiá-dó	*tʉ'otú-eti-**dʉ**-ʉ*
ser.frio-SG	sentir-IPFV-**AFFECT**-VIS.PFV.1

'Quando eu era criança, sentia frio.'

(52) *yʉ'ʉle pʉadopʉ ihikadʉnaha buugʉ̃le saa wehẽduado, emogʉ̃'ʉle saa wehẽduado, aʉ* [Narrativa: *O grito do macaco*]

yʉ'ʉ́-dé	*pʉá-dó-pʉ́*	*ihí-ka'a-**dʉ**-ʉ-~daha*
1SG-OBJ	dois/duas-SG-LOC	COP-DUR-**AFFECT**-VIS.PFV.1-EMPH

buú-~gʉ'ʉ-de	*saá*	*~wehé-dʉ́á-dó*	*~ebó-~gʉ'ʉ-de*
cotia-ADD-OBJ	então	matar-DES-SG	macaco.guariba-ADD-OBJ

saa	*~wehé-dʉ́a-dó*	*áʉ*
então	matar-DES-SG	sim

'Fiquei entre duas (coisas, opções). [Lit: Estava entre dois.] Querendo matar a cutia, (e) querendo matar o guariba, sim.'

A frase (52) foi retirada da narrativa *O grito do macaco*, na qual o narrador conta que foi caçar uma cutia que estava destruindo sua roça, e enquanto esperava o animal aparecer, ouviu um grito de macaco guariba. Nesse momento ele fica em dúvida se deve ir caçar o macaco ou se deve esperar a cutia. O uso de *-dʉ* com o verbo cópula *ihi*, com o morfema de aspecto durativo *-ka'a*, acontece porque o falante sofre o efeito de 'estar entre duas coisas', querendo dizer que a situação o colocou em um estado de dúvida sobre qual animal deveria matar — a

cutia ou o macaco. O morfema *-dʉ* indica que o estado de dúvida lhe foi imposto pela situação, foi algo que ocorreu com ele independentemente da sua vontade.

Como dito anteriormente, os morfemas afetados *-dʉ* e *-ti* ocorrem apenas com a primeira pessoa. Em frases contrastivos com sujeitos terceira pessoa, por exemplo, usa-se apenas um evidencial, como podemos ver nas duplas de frases em (53)-(54).

(53) a. *yʉ'ʉ kamiti wa'ati*

yʉ'ʉ́ *~kabí-ti* *wa'á-**tí-ʉ́***

1SG cicatriz-ATTR ir-**AFFECT.PERF-VIS.PFV.1**

'Eu me machuquei. (Há pouco tempo, ainda sinto dor)'

b. *tikodo kamiti wa'ali*

tí-kó-dó *~kabí-ti* *wa'á-**dí***

ANPH-FEM-SG cicatriz-ATTR ir-**VIS.PFV.2/3**

'Ela se machucou.'

(54) a. *yʉ'ʉ puawa'adʉ*

yʉ'ʉ́ *puá-wa'a-**dʉ-ʉ***

1SG apanhar-ir-**AFFEC-VIS.PFV.1**

'Eu apanhei.'

b. *nihino puawa'añoti*

~dihí-do *puá-wa'a-**~yoti***

criança-SG apanhar-ir-**REP:PRÓX**

'A criança apanhou (disseram).'

6.6. As categorias contínuas: o caso dos evidenciais VISUAL e PRESUMIDO

Vimos na seção 6.1 que o evidencial VISUAL pode ser utilizado em declarações em que o evento tenha sido experienciado pelo falante e não necessariamente visto. Também vimos que esses casos são os menos prototípicos da categoria de evidencial VISUAL. Nesta seção mostraremos como certos exemplos com evidenciais VISUAIS desse tipo aparecem em contextos muito parecidos com os do evidencial PRESUMIDO *-aga*, e como isto corroboraria a hipótese de

Rosche (1973, 1975) sobre categorias contínuas (discutida no capítulo 2, seção 2.2). Vejamos os casos abaixo.

No exemplo (55), ao falar que sentiu frio à noite no dia anterior, o falante utiliza um afetado *perfect* para indicar que aquilo ocorreu a ele, não foi de sua própria vontade, e um evidencial VISUAL perfectivo, para indicar que o evento foi experienciado por ele. Já em (56) temos a mesma sentença, no entanto, o tempo da sentença está no presente e o evidencial utilizado é o PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga*, que pode ocorrer em sentenças cuja fonte de informação seja algo internalizado e/ou, no caso, uma sensação corpórea. Desse modo, vemos que, em contextos muito similares, podem ocorrer dois tipos de evidenciais diferentes.

(55) *уи'и ñamikare ихsиado tu'otuati*

уи'и̓ ~yabí-ká(nu)-dé ихsиá[38]*-dó ти'otú-a-ti-**и***

1SG noite-ontem-OBJ ser.frio-SG sentir-?-AFFECT.PERF-**VIS.PFV.1**

'Ontem à noite, senti frio.'

(56) *miano уи'и ихsиado tu'otuaga*

*~biá-dó уи'и̓ ихsиá-dó ти'otú-**aga***

hoje-SG 1SG ser.frio-SG sentir-**PRES:INTER**

'Agora sinto frio.'

Nos dados abaixo, há dois exemplos retirados de um trabalho sobre peixes produzido numa oficina linguística, no qual se fala sobre os hábitos de cada tipo de peixe. Como esse é um conhecimento compartilhado pela sociedade e/ou que é adquirido através de experiências prévias dos falantes, esperávamos encontrar o uso do evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* (ver seção 6.3.1). Em (57), ocorre de fato o uso do evidencial *-aga*, porém em (58) temos um evidencial VISUAL. Provavelmente, o evidencial VISUAL ocorre nesse caso para indicar alto valor de certeza (ver capítulo 7), porque, como esses peixes são muito conhecidos pela comunidade, tem-se certeza de quais são seus hábitos. Não possível identificar de fato o que motiva a escolha de um ou outro evidencial em contextos como esse, entretanto, foi visto que os dois podem ocorrer.

[38] Aparentemente, há duas formas para 'ser.frio' em Wa'ikhana: *disia* e *ихsиa*.

(57) *to i'yaye wapa ihiaga.* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

to	*i'ya-ye*	*wapa*	*ihi-**aga***
DEF	comer-NMLZ	minhoca preta	COP-**PRES:INTER**

'A comida dele [peixe aracu] é minhoca preta.'

(58) *tido ñamikhʉ̃do ihido'o, ñamide maka iyetide* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

ti-do	*~yabi-~khʉ-do*	*ihi-do'o*	*~yabi-de*
ANPH-SG	noite-?-SG	COP-CAUS?	noite-OBJ

~baka	*i'ya-ye-ti-**de***
procurar	comer-NMLZ-VBL-**VIS.IPFV.2/3**

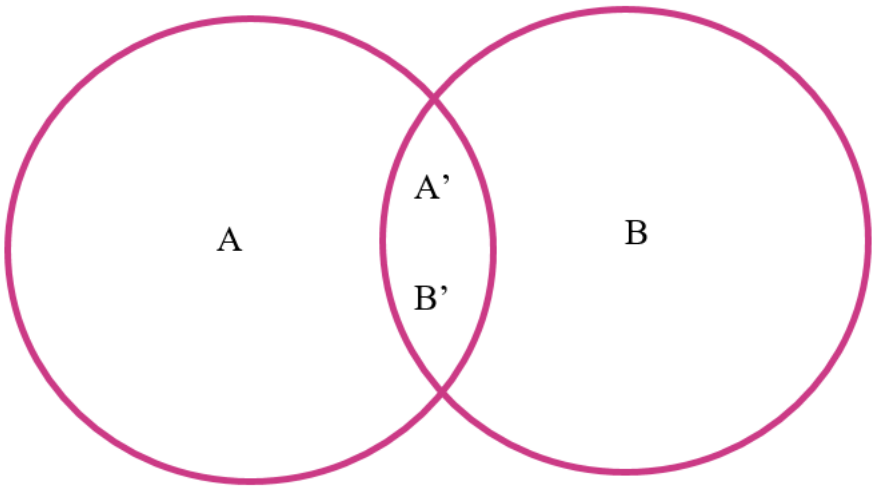
'Ele [peixe Boseanʉ] só anda a noite. À noite ele procura comida.'

A grande semelhança semântica e pragmática de certos usos do evidencial VISUAL e do PRESUMIDO INTERNALIZADO corroboram a proposta de Rosch (1973, 1975), apresentada por Givón (2001: 31-33), de que as categorias formam um contínuo. Rosch postula que os casos menos prototípicos de uma categoria estariam mais marginalizados e, portanto, ocupariam um espaço intercategorial e mais ambíguo. Os casos de evidenciais VISUAIS apresentados em (55) e (58) são casos menos prototípicos. Em 6.1, vimos que o mais prototípico de um evidencial VISUAL seria indicar um acesso sensorial visual, direto e externo, o que não é o caso desses exemplos. Nesses casos, o modo de acesso sensorial não é externo nem visual; em (55) é uma sensação física do corpo (experienciada pelo falante) – 'sentir frio' – e em (58) é indicar alto valor de certeza, ou seja, não há a princípio uma evidência visual. Por conseguinte, esses casos de evidenciais VISUAIS estariam mais marginalizados dentro da categoria evidencial e mais próximos de um espaço intercategorial que faz interseção com a categoria evidencial PRESUMIDO. Isso explicaria por que os dois ocorrerem nos mesmos contextos semântico-pragmáticos.

Figura 6.2 – Representação das categorias de evidenciais VISUAL e PRESUMIDO e suas interseções

Categoria evidencial VISUAL

Categoria evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO



Legenda
A: Evidenciais VISUAIS em contextos em que a fonte de informação seja visual, direta e externa e o falante tenha alta certeza
B: Evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO em contextos em que a fonte de informação seja uma experiência prévia ou um conhecimento compartilhado
A': Evidenciais VISUAIS em contextos em que a fonte de informação não é visual, mas é direta e o falante tenha alta certeza
B': Evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO em contextos que a fonte de informação seja uma sensação física, como dor ou frio.

A figura 6.2 é uma representação, seguindo o modelo de Rosch (1973, 1975) apresentado por Givón (2001: 32), das categorias evidencial VISUAL e evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO. Podemos ver os usos que são mais prototípicos no centro da categoria e os menos prototípicos mais marginalizados, na interseção, mostrando que há um contínuo entre as categorias.

Neste capítulo foi apresentada minha análise dos evidencias de Wa'ikhana, que exibe as principais características semântico-pragmáticas das quatro categorias de evidenciais em Wa'ikhana, à luz dos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso. Também foi mostrada a função dos morfemas *-ti* e *-dɯ*, que ocorrem com o evidencial VISUAL. Discuti como

a teoria das categorias contínuas proposta por Rosch (1973, 1975) pode explicar certos usos das categorias VISUAL e PRESUMIDO INTERNALIZADO em contextos similares, o que mostra que há uma interseção entre a semântica e a pragmática dessas categorias. No próximo capítulo, será apresentado como evidenciais podem assumir a função de marcadores de modalidade epistêmica em Wa'ikhana e como isso se relaciona com as discussões sobre evidencialidade e modalidade epistêmica apontadas no capítulo 3.

7. OS EVIDENCIAIS EM WA'IKHANA E A MODALIDADE EPISTÊMICA

No capítulo 3 desta dissertação, discutimos a relação entre evidencialidade e modalidade epistêmica. Vimos que autores, como Givón (1982) e Palmer (2001), consideram que evidencialidade e modalidade epistêmica estão intimamente conectadas. Givón (1982: 26) afirma que evidencialidade faz parte do espaço epistêmico do falante e que, portanto, está relacionada a valor de verdade, já Palmer (2001: 24) considera que evidencialidade e modalidade epistêmica fazem parte de uma grande categoria que indicaria o conhecimento do falante (ver seção 3.1.1). Autores como Floyd (1999: 26-27) postulam que, apesar de haver uma forte conexão entre a ideia de fonte de informação e validação, evidencialidade e modalidade epistêmica são categorias distintas. Aikhenvald (2004: 191-192) afirma que evidenciais podem ter extensões epistêmicas dependendo do seu significado, ainda que sua semântica básica seja fonte de informação.

Neste capítulo, vou apresentar a relação dos evidenciais em Wa'ikhana com a modalidade epistêmica. Argumento que, embora a semântica básica desses morfemas seja fonte de informação e não valor de verdade, essas informações muitas vezes se sobrepõem e os evidenciais são usados também para indicar o grau de certeza do falante. Na seção 7.1, veremos como os evidenciais das categorias VISUAL, INFERENCIAL e PRESUMIDO são utilizados para indicar o comprometimento do falante com a verossimilhança da declaração; na seção 7.2, mostro a relação do morfema dubitativo *-bo* com o papel dos evidenciais na marcação de modalidade epistêmica na língua e, por fim, na seção 7.3, apresento a hierarquia dos evidenciais baseada em análises de línguas parentes como a de Barnes, de Tuyuka (1984: 262) e a de Stenzel, de Kotiria (2013: 294), apontando a relação dessa hierarquia e o valor de verdade da proposição para o falante.

7.1. A modalidade epistêmica e a semântica dos evidenciais em Wa'ikhana

Em Wa'ikhana, o uso de morfemas evidenciais não necessariamente está relacionado a valor de verdade, apesar de, em muitos casos, serem usados como artifício para tal função. Abaixo podemos ver alguns exemplos que ilustram que o uso de um evidencial no lugar do outro não implica obrigatoriamente no grau de certeza do falante sobre aquele evento.

Os exemplos (1a) e (1b) mostram um evidencial VISUAL e um evidencial INFERENCIAL, respectivamente. As duas sentenças se referem à morte de um cachorro, no entanto, no exemplo (1a), o falante teria visto o cachorro morrendo diretamente e ainda estaria olhando para o animal morto (o que justifica o uso do evidencial VISUAL imperfectivo) e em (1b) ele teria visto o

cachorro morto, ou seja, o resultado do evento “morrer” (o que justifica o uso do evidencial INFERENCIAL [ver capítulo 6, seção 6.2]). Comparando os casos isoladamente, não é possível afirmar se há diferença do nível de certeza do falante sobre o evento declarado. A escolha de um evidencial ou outro parece se basear apenas no tipo de acesso sensorial (ver capítulo 3, seção 3.1.2) que o falante teve daquele evento, um caso foi visual direto e o outro, indireto.

(1a) *diedo yaliaware*

die-do	*yalia-wa'a-**de***
cachorro-SG	morrer-ir-**VIS.IPFV.2/3**

‘O cachorro morreu (eu o vi morrendo e ele está morto na minha frente).’

(1b) *diedo yaliawali ihidi*

die-do	*yalia-wa'a-**di***	***ihi-di***
cachorro-SG	morrer-ir-**NMLZ**	**COP-VIS.PFV.2/3**

‘O cachorro morreu (cheguei em casa e vi que o cachorro estava morto).’

Nos casos (2a) e (2b) o uso de um evidencial no lugar do outro também parece se justificar apenas pelo tipo de acesso sensorial que o falante teve do evento declarado. Não podemos determinar se há diferença de grau de certeza do falante entre os casos, afinal, nos dois exemplos sabe-se que a mulher lavou a roupa.

(2a) *sikodo su'ti kohsedi ihidi ñamika*

si-ko-do	*su'ti*	*kose-**di***	*~yabika*
DEM.DIST-FEM-SG	roupa	lavar-**VIS.PFV.2/3**	ontem

‘Ela lavou roupa ontem.’ (Eu a vi lavando.)

(2b) *sikodo su'ti kohsedi ihidi ñamika*

si-ko-do	*su'ti*	*kose-**di***	***ihi-di***	*~yabika*
DEM.DIST-FEM-SG	roupa	lavar-**NMLZ**	**COP-VIS.PFV.2/3**	ontem

‘Ela lavou roupa ontem. (Eu vi as roupas no varal.)’

Os exemplos como os acima parecem mostrar que, em Wa’ikhana, os evidenciais não marcam inerentemente um valor epistêmico, mas apenas a fonte de informação (e no caso do evidencial VISUAL também pessoa e aspecto). No entanto, isso não quer dizer que estes marcadores não possam ser usados como artifícios para indicar modalidade epistêmica. No capítulo 3, vimos que, apesar de validação e evidência serem independentes um do outro (FLOYD, 1999: 26-27), muitas vezes há uma associação entre uma evidência direta e um maior comprometimento com a verdade. Os dados abaixo mostram que o evidencial VISUAL pode ser usado para indicar maior valor de verdade – mostra que o falante tem certeza do que está

declarando –, enquanto outros evidenciais que não indicam evidência direta, como o INFERENCIAL, podem ser usados para mostrar que o falante tem menos certeza.

Os exemplos (3a) e (3b) foram retirados da narrativa *A história da canoa*, do momento da história em que o narrador e o pai estão procurando um tronco para fazer uma canoa. Depois de cortar a árvore, o narrador fala que o tronco estava "ocado" (ou seja, não podia ser usada para fazer a canoa por estar podre por dentro) e utiliza um evidencial INFERENCIAL, em seguida, em (3b), há a fala direta do pai, que observa a árvore caída e afirma que está "ocada", utilizando um evidencial VISUAL. Na história, foi a primeira vez que o filho fazia uma canoa, e como ele não tinha a mesma experiência que o pai, nesta cena, apesar de ter observado o tronco, ele parece não ter o mesmo nível de certeza de que o pai ao afirmar que o tronco está ocado. Desse modo, o que parece ocorrer é o uso do evidencial INFERENCIAL para indicar menos certeza e, em seguida, quando o pai afirma que o filho está certo, temos o uso de um evidencial VISUAL na fala do pai, indicando alta certeza.

(3a) *ɯkãdɯ keẽmi'i susudɯ ihika'adi ihiditha* [Narrativa: *A história da canoa*]

~ɯká-dɯ́	*~keé-~bi'i*	*susú-dɯ*
um-CLF:cilíndrico	cortar-FRUS.1	ser.oco- CLF:cilíndrico

*ihí-ka'a-**di***	***ihí-di**-ta*
COP-DUR-**NMLZ**	**COP-VIS.PFV.**2/3-EMPH

'Derrubamos um pé (ruim), (parecia que) estava ocado.'

(3b) *Yo'o mahkɯ susudɯ ihika'ade*

Yo'ó	*~bakɯ́*	*susú-dɯ*	*ihí-ka'a-**de***
INTJ:olha!	filho	ser.oco- CLF:cilíndrico	COP-DUR-**VIS.IPFV**.2/3

'Olha, filho, está ocado!'

Nos exemplos (4) e (5), há dois casos da categoria de evidencial VISUAL usada para indicar alto valor de certeza. A narrativa *O pajé e o curupira*, da qual esse exemplo foi coletado, é uma narrativa tradicional/mitológica. Logo, essa história não foi vista/experienciada pelo falante. No entanto, quando o narrador fala que vai contar o ocorrido, em (4), e que a história aconteceu na cidade de Aracapá, em (5), ele utiliza um evidencial VISUAL. Isso ocorre

provavelmente para marcar um alto grau de certeza e conceder a história um status de veracidade.

(4) *yʉ'ʉ, Jacinto Cruz, mʉhsale yʉ'ʉ ya'udʉaga ni'kano saawa'ali, ti a'li khitigã* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

yʉ'ʉ́	*jacinto*	*cruz*	*~bʉsá-de*	*yʉ'ʉ́*	*ya'ú-dʉá-ágá*
1SG	-	-	2PL-OBJ	1SG	falar/contar-DES-PRES:INTER

~di'ká-do	*saá-wá'á-**dí***	*tí*	*a'rí*	*kití-~ga*
acontecer-SG	fazer/ser.assim-ir-**VIS.PFV.2/3**	ANPH	DEM.PROX	história-DIM

'Eu, Jacinto Cruz, eu vou contar para vocês o que aconteceu.'

(5) *o'õAracapá saawa'ali ti* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

~o'ó	*Aracapá*	*saá-wá'á-**dí***	*tí*
DEIC.PROX	Aracapá	fazer/ser.assim-ir-**VIS.PFV.2/3**	ANPH

'Isso aconteceu aqui em Aracapá.'

Ao contrário do uso do evidencial VISUAL no exemplo (3b), retirado da *História da canoa*, os evidenciais VISUAIS dos exemplos (4) e (5) não estão indicando que o acesso sensorial do falante ao evento declarado é visual, pelo contrário, sabemos que ele não testemunhou aquela história. O papel do evidencial VISUAL aqui parece ser apenas indicar que o falante tem alta certeza daquilo que está sendo declarado.

Hopper & Traugott (2003: 85-86) argumentam que o desenvolvimento de significados modais muitas vezes é considerado uma mudança metafórica entre categorias gramaticais. Por exemplo, no inglês, a construção *have to* com sentido de obrigação pode ter função de modalizador, uma vez que uma extensão metafórica de obrigação se aplica à proposição: X (uma proposição) é obrigada a ser verdade (BYBEE & PAGLIUCA, 1985: 73). Em Wa'ikhana, o que ocorre com a função dos evidenciais VISUAIS parece ser bem semelhante. Como em muitos casos em que se tem uma fonte de informação visual o falante tem alta certeza, como o uso do evidencial VISUAL em (3), uma extensão metafórica de alta certeza se aplica aos evidenciais da categoria VISUAL, logo, temos casos como (4) e (5), em que evidenciais VISUAIS são usados apenas para indicar alto valor de certeza.

Os evidenciais da categoria PRESUMIDO, assim como a categoria INFERENCIAL, conforme visto no dado (3a), também podem ser usados para mostrar um menor comprometimento com a verdade da proposição. Abaixo há dois exemplos, (6) e (7), com evidenciais PRESUMIDO INTERNALIZADO e PRESUMIDO SUPOSTO, respectivamente. Nos dois casos, é possível notar que junto à fonte de informação do falante em relação ao evento declarado também há um menor

valor de certeza do falante. Como vimos no capítulo 6, os evidenciais da categoria PRESUMIDO indicam que o falante obteve aquela informação declarada através de uma experiência prévia, ou porque é um conhecimento compartilhado ou porque concluiu através da lógica (ver seção 6.3). Logo, conclui-se que, em alguns contextos, indicar esse tipo de fonte de informação pode trazer uma ideia de menor comprometimento do falante com a verdade da proposição.

O exemplo (6), como visto no capítulo 6, foi retirado da narrativa *Caranã* no momento em que o narrador-personagem está indo para casa do cunhado e conclui que é provável que não haja bebida lá. O falante provavelmente chegou a essa conclusão por meio de experiências prévias (já haveria ido a casa do cunhado outras vezes) e por isso usa o evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga*. Desse modo, o nível de certeza do falante nessa declaração parece estar de certo modo comprometido, pois não há nenhuma evidência direta e/ou clara – a informação declarada é uma suposição baseada na experiência de vida do falante. É importante destacar que até mesmo na tradução para o português, dada por falantes de Wa'ikhana, ocorre a locução modalizadora "deve ter", apesar de não haver nenhum marcador modal em Wa'ikhana. Essa ideia de modalização, ou seja, de menor comprometimento com a verdade vem provavelmente do evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO.

(6) *si'niye madaga* [Narrativa: *Caranã*]

~si'dí-ye	*~badiá-**éda**-aga*
beber-NMLZ.INDF	não.existir-NEG-PRES:SUP

'Não há (deve ter) bebida (lá).'

Abaixo há um caso parecido, pois a declaração se baseia na lógica. A sentença apresentada em (7) foi retirada da narrativa *O pajé e o curupira*. Depois de o velho pajé desaparecer por um tempo (levado por um curupira) e voltar para casa, o filho acredita que tem algo errado com ele e afirma a sentença em (7). O comprometimento do falante com a verdade da proposição também parece estar reduzido, porque é uma suposição baseada na lógica – o pai havia sumido por dias e estava agindo de forma estranha –, mas não havia nada lhe confirmando que de fato alguma coisa estava de errada com o velho até então. Destaco também que a expressão "desconfio que" na tradução, que parece estar modalizando a sentença, é possivelmente uma tentativa de traduzir a ideia transmitida pelo PRESUMIDO SUPOSTO.

(7) *a'likʉdo siodota wa'aya* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

a'dí-kʉdo	*sió-do-ta*	*wa'á-**aya***
DEM.PROX-SG	ser.difícil-SG-EMPH	ir-**PRES:SUPOSTO**

'(Desconfio que) algo aconteceu com ele.'

Tanto em (6) como em (7) a modalização do que está sendo declaração não parece ser algo codificado pelos morfemas evidenciais da categoria PRESUMIDO e sim uma extensão semântica de seus significados relacionada ao contexto em que se encontram. Isso fica mais claro quando comparamos esses dados com casos de evidenciais PRESUMIDOS que indicam conhecimento compartilhado. Observemos que, nos dados (8) e (9), ao afirmar fatos sobre um tipo de peixe ou sobre um fenômeno da natureza, o falante utiliza o evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga*, o mesmo utilizado em (6) acima. No entanto, não parece haver um menor grau de certeza nessas declarações; pelo contrário, são fatos da natureza conhecidos por todos, ou seja, o falante tem alta certeza do que declarou por ser um conhecimento do mundo que compartilha com os outros membros da comunidade.

(8) *to i'yaye wapa ihiaga.* (STENZEL & CHAGAS, 2018)

to	*i'ya-ye*	*wapa*	*ihi-**aga***
DEF	comer-NMLZ	minhoca preta	COP-**PRES:INTER**

'A comida dele [peixe aracu] é minhoca preta.'

(9) *Ahkoro pehaga poekɯ*

ako-do	*peha-**aga***	*poekɯ*
água-SG	chover-**PRES:INTER**	inverno

'A chuva chove no inverno.'

No capítulo 6, vimos que muitas vezes o significado do evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO sobrepõe o do evidencial VISUAL (ver seção 6.6) em contextos como esses acima. Considerando que os evidencias VISUAIS têm relação com o alto comprometimento do falante com a verdade da proposição, conclui-se que certos casos de evidenciais PRESUMIDOS também podem ocorrer nesses contextos. Desse modo, entendo que a modalidade epistêmica não é codificada pelos morfemas evidenciais em Wa'ikhana, mas como argumentado por Floyd (1999: 26-27), existe uma associação entre o tipo de fonte de informação indicada por um evidencial e o valor de verdade da proposição, tal associação depende dos diferentes tipos de *deixis*. Em Wa'ikhana, o contexto pragmático em que o evidencial se encontra também influencia a relação entre o tipo de evidência e o valor epistêmico da declaração. Como vimos, um evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO pode ocorrer tanto em sentenças em que o falante tem pouca certeza, quanto em sentenças em que tem muita certeza do que declarou.

7.2. Os evidenciais e o morfema dubitativo *-bo*

Como vimos no capítulo 5, em Wa'ikhana, há um morfema que indica que o falante tem pouca certeza em relação ao que está sendo declarado, caracterizando a sentença como uma hipótese ou possiblidade (ver seção 5.6.2). Esse morfema, portanto, indica um tipo de modalidade epistêmica de baixa certeza. Diferente dos evidenciais, o dubitativo *-bo* não faz parte do paradigma de modalidade da cláusula (ver seção 5.6.1). Abaixo, no *template* da palavra verbal finita em Wa'ikhana, podemos ver que ele faz parte de um paradigma não obrigatório (slot 2).

Quadro 7.1 – *Template* básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana

	(1)	(2)	(3)	4
RAIZ(es)	negação	aspecto modalidade	pessoa/gênero	**modalidade da cláusula**

Assim, o dubitativo *-bo* co-ocorre com certos morfemas de modalidade da cláusula, inclusive com alguns evidenciais. Stenzel (2008a: 428) mostra que em Kotiria, o morfema cognato ocorre apenas com a categoria PRESUMIDO e com marcadores de *irrealis*. Em Wa'ikhana, encontrei casos com *-bo* não apenas com evidenciais PRESUMIDOS, como no exemplo (10), mas também com o evidencial INFERENCIAL, como podemos ver em (11).

(10) *yʉ'ʉ "buu pi'awiedagʉ̃le, saata tohoasakãboa ihiedale"* [Narrativa: *O grito do macaco*]

yʉ'ʉ́	*buú*	*pi'á-wí'í-éda-~gʉ-de*	*saá-tá*
1SG	cotia	sair-chegar-NEG-SWRF-OBJ	então-EMPH

*tohó-esá~ka-**bo-aga***	*ihí-éda-de*
voltar-chegar-**DUB-PRES:INTER**	COP-NEG-OBJ

'Eu (pensando): "Se a cutia não aparecer, eu posso voltar sem nada."'

(11) *nikãta dihoboli ihi tidole* [Narrativa: *O grito do macaco*]

~ʉká-ta	*dihó-**bo-di***	***ihí-i***	*tí-do-de*
uma-CLF:tempo	derrubar-**DUB-NMLZ**	**COP-VIS.PFV.1**	ANPH-SG-OBJ

'Eu o derrubaria (o macaco) de uma vez.'

Stenzel (2008a: 428) também argumenta que a existência de um morfema modal como *-bo* e suas restrições de uso – *-bo* não ocorre com evidenciais VISUAIS, por exemplo –, implica em um possível valor epistêmico inerente dos evidenciais. Sentenças não marcadas teriam um

valor *default* de "verdade". Em Kotiria, o morfema cognato *-bo* nunca ocorre com as categorias VISUAL, NÃO-VISUAL e INFERÊNCIA; por causa da natureza dêitica desses tipos de evidência, elas teriam um valor inerente de "verdade", o que não ocorreria com a categoria PRESUMIDO (op.cit., p. 428).

Assim como em Kotiria, foi visto que em Wa'ikhana o morfema dubitativo *-bo* nunca co-ocorre com evidenciais VISUAIS. No entanto, como visto em (11), o dubitativo também pode ocorrer com evidenciais INFERENCIAIS. Isso mostra que diferentemente de Kotiria, evidenciais INFERENCIAIS não teriam um valor inerente de "verdade", pelo contrário, como vimos no exemplo (3), eles podem ocorrer em contextos em que o comprometimento do falante com a verdade da proposição esteja atenuado.

Os evidenciais em Wa'ikhana – assim como em outras línguas TO – ocorreriam no modo *realis*, e outros marcadores de modalidade da cláusula ocorreriam nos demais modos, como *irrealis* (ver capítulo 5, seção 5.6.1). O modo *realis*, como visto anteriormente, é tipicamente usado quando o falante tem muita certeza de que o evento ocorreu ou que o estado de coisas seja verdade (VELUPILLAI, 2012: 214). Em contraste, as sentenças com o morfema *-bo* indicam que o falante tem pouca certeza do evento declarado ou que o evento é uma hipótese, uma possibilidade. Desse modo, como argumentado no capítulo 5 (ver seção 5.6.2), semanticamente, sentenças com *-bo* estariam no modo *irrealis*, por indicar modalidade epistêmica de baixa certeza, que por sua vez, seria um subtipo do modo *irrealis* (GÍVON, 2001: 313).

A existência de um morfema dubitativo como *-bo* e o fato de ele poder co-ocorrer com certos marcadores evidenciais mostra que, apesar de evidenciais geralmente ocorrem no modo *realis* (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 360), algumas categoriais evidenciais parecem estar numa área cinza entre modo *realis* e o modo *irrealis*. Stenzel (2008a: 425), em sua análise dos evidenciais da língua Kotiria, apresenta essa possibilidade para os evidenciais da categoria PRESUMIDO.

Givón (1982: 26), conforme apresentado no capítulo 3, propõe um espaço epistêmico que contém os diversos valores de certeza do falante distribuídos em uma *escala epistêmica* (ver seção 3.1.1). Argumento, então, que os evidenciais PRESUMIDO e INFERENCIAL em Wa'ikhana ocupariam um território de interseção entre o modo *realis* e modo *irrealis*. Já a categoria VISUAL, que ocuparia apenas o espaço do modo *realis*, pois, como visto acima, além de ocorrer em sentenças em que o falante tem certeza do que declara, nunca ocorre com o morfema dubitativo *-bo*. As categorias PRESUMIDO e INFERENCIAL estarem entre os dois modos citados explicaria (i) porque tais evidenciais poderiam ocorrer com o morfema dubitativo *-bo* e

(ii) porque haveria casos como (6) e (7), em que o próprio evidencial parece indiretamente indicar um menor comprometimento do falante com a verdade.

Ressalto que, ao mostrar que os evidenciais nessa língua estão muitas vezes relacionados a valor de verdade, não significa necessariamente afirmar que evidencialidade e modalidade epistêmica não sejam duas categorias diferentes. É possível que, como argumentado anteriormente, as duas categorias — mesmo que sejam distintas — se sobreponham em certos contextos. Desse modo, os evidenciais em Wa'ikhana em muitos contextos indicariam valor de verdade, apesar de sua semântica básica ser apenas fonte de informação.

7.3. A hierarquia dos evidenciais em Wa'ikhana

No capítulo 3, vimos que Barnes (1984: 262) propõe uma organização hierárquica das categorias de evidenciais da língua Tuyuka, afirmando que as declarações sempre estariam marcadas pelo nível mais alto de fonte de informação possível (ver seção 3.2.3). A ordem apresentada para Tuyuka é: VISUAL>NÃO-VISUAL>INFERENCIAL>REPORTADO>PRESUMIDO. Baseando-se nessa proposta, Stenzel (2013: 294) mostra que em Kotiria a hierarquia seria bem parecida com a de Tuyuka: VISUAL> NÃO-VISUAL> INFERENCIAL> REPORTADO; entretanto, a categoria PRESUMIDO estaria no mesmo nível que a VISUAL.

Givón (1982: 44) propõe parâmetros semânticos para as hierarquias dos evidenciais. Evidenciais que indicam um acesso sensorial visual estariam mais alto na hierarquia do que evidenciais que indicam outras fontes sensoriais (como audição, paladar etc.), enquanto classes de evidenciais que indicam alguma fonte de informação sensorial estariam acima de outros tipos evidenciais, como os que indicam inferência ou informação reportada. Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 370) argumentam que esses parâmetros fornecem uma base cognitiva para interpretação das extensões epistêmicas dos evidenciais. Assim, a hierarquia dos evidenciais pode ser relacionada a escala epistêmica de Givón (1982: 42), conforme mostrado no capítulo 3.

Por conseguinte, proponho a seguinte ordem hierárquica para os evidenciais de Wa'ikhana: VISUAL>INFERENCIAL>REPORTADO. A categoria PRESUMIDO, no entanto, não teria um lugar fixo nessa escala, porque, em certos contextos, assim como em Kotiria, estaria no mesmo nível da categoria VISUAL. Por exemplo, ao se referir a conhecimento compartilhado, como no exemplo (9), repetido aqui como (12), ou ao se referir a uma sensação corpórea do próprio falante, como no exemplo (13) abaixo, os evidenciais PRESUMIDOS estariam no nível mais alto junto dos evidenciais VISUAIS. Conhecimento compartilhado, assim como sensação

corpórea, seria um tipo de evidência de alto nível, considerando os parâmetros semânticos propostos por Givón (1982: 44) e a escala epistêmica (*op. cit*., p. 42). Entretanto, em contextos como (14) – repetido de (6) – e (15) – repetido de (7) –, os evidenciais PRESUMIDOS não são a categoria de fonte de informação de nível mais alto da hierarquia, pois são usados quando o falante não teve nenhum tipo de acesso visual direto (categoria VISUAL) ou indireto (categoria INFERENCIAL) ao evento da declaração nem a informação lhe foi reportada por ninguém. Nos dois casos também o falante parece não ter muita certeza do que está sendo declarado. Desse modo, em casos como (14) e (15), a categoria PRESUMIDO estaria no lugar mais baixo da hierarquia.

(12) *Ahkoro pehaga poek~~ɯ~~*

ako-do *peha-**aga*** *poek~~ɯ~~*

água-SG chover-**PRES:INTER** inverno

'A chuva chove no inverno.'

(13) *miano y~~ɯ~~'~~ɯ~~ ~~ɯ~~hs~~ɯ~~ado tu'otuaga*

~biá-dó *y~~ɯ~~'~~ɯ~~* *~~ɯ~~s~~ɯ~~á-dó* *t~~ɯ~~'otú-**ágá***

hoje-SG 1SG ser.frio-SG sentir-**PRES:INTER**

'Agora sinto frio.'

(14) *si'niye madaga* [Narrativa: *Caranã*]

~si'dí-ye *~badiá-**éda**-aga*

beber-NMLZ.INDF não.existir-NEG-PRES:SUP

'Não deve ter bebida (lá).'

(15) *a'lik~~ɯ~~do siodota wa'aya* [Narrativa: *O pajé e o curupira*]

a'dí-k~~ɯ~~do *sió-do-ta* *wa'á-**aya***

DEM.PROX-SG ser.difícil-SG-EMPH ir-**PRES:SUPOSTO**

'(Desconfio que) algo aconteceu com ele.'

Neste capítulo vimos a implicação epistêmica dos evidenciais da língua Wa'ikhana, com base nos dados analisados até o momento. Como esta foi uma das primeiras análises dos evidenciais nesta língua e, como Wa'ikhana ainda carece de maior descrição linguística, muitas das análises feitas nessa dissertação precisarão ser revistadas e aprofundadas no futuro. Por exemplo, no que diz respeito à extensão epistêmica dos evidenciais, não foi possível afirmar

qual o papel dos evidenciais REPORTADOS neste cenário, já que os evidenciais dessa categoria ocorrem em contextos bastante restritos. Stenzel *at alii* (2017: 197), em uma análise de uma narrativa da língua Kotiria, mostra que um dos evidenciais REPORTADOS na língua é utilizado pela narradora como uma forma educada de indicar não diretamente quem a convidou para contar a história. Assim, ao atribuir uma fala a outra pessoa, a falante se distancia da responsabilidade da sua fala. Como Kotiria é uma língua muito próxima de Wa'ikhana, é possível que evidenciais REPORTADOS ocorram em contextos parecidos, o que será preciso ser analisado em pesquisas futuras.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a descrever e analisar os evidenciais da língua Wa'ikhana. Como vimos, os evidenciais são elementos gramaticais que existem em cerca de um quarto das línguas do mundo (AIKHENVALD, 2004: xii), indicando o modo de acesso sensorial que o falante teve em relação a informação declarada (MICHEAL, 2008: 135). O arcabouço teórico utilizado nesta análise foi a abordagem funcional-tipológica, também consideramos a vertente mais recente do funcionalismo – a Linguística Funcional Centrada no Uso – para dar conta das explicações necessárias para os dados encontrados.

A primeira etapa do meu trabalho foi analisar interlinearmente os dados com os quais eu ia trabalhar, para isto utilizei dois softwares ELAN e FleX. Foram analisadas quatro narrativas, além de dados de elicitação e dados escritos. Para identificação dos evidenciais na língua Wa'ikhana, baseei-me não apenas em análises de evidenciais em línguas parentes, como Kotiria (STENZEL, 2008a) e Tuyuka (BARNES, 1984; VLCEK, 2016), mas também nos primeiros trabalhos sobre evidenciais em Wa'ikhana – Waltz (2012: 132) e Stenzel & Gomez-Imbert (2018: 377).

Além dos evidenciais que já haviam sido identificados nessas duas análises anteriores, durante minha pesquisa foi encontrado mais um sufixo evidencial *-aya*, classificado como PRESUMIDO SUPOSTO. A partir de trabalhos tipológicos sobre evidencialidade, como Givón (1982), Palmer (2001), Aikhenvald (2003, 2004, 2018) e Michael (2006), e análises de evidenciais em línguas da família Tukano Oriental, reanalisei as construções de evidência em Wa'ikhana, propondo um novo quadro (ver capítulo 6).

Procurei, então, explicar a função de cada evidencial em diferentes contextos. Vimos que os evidenciais da categoria VISUAL, por exemplo, são os menos marcados na língua, por serem mais frequentes, cognitivamente menos complexos e terem menos material fonético. Esses evidenciais têm uma função básica, que é indicar que a fonte de informação da declaração é visual, no entanto, atribuiu-se uma extensão semântica a eles de alto nível de certeza também. Desse modo, em certos contextos, evidenciais VISUAIS serão usados para indicar alto grau de certeza, mesmo se o falante não tiver visto o ocorrido.

O evidencial INFERENCIAL em Wa'ikhana é o único que consiste em uma construção sintática e não um sufixo verbal. Este evidencial indica que a fonte de informação da declaração é uma inferência a partir de uma constatação visual dos resultados de uma ação ou estado. Nesta dissertação procurei mostrar que a forma dessa construção [V-di_{NMLZ} [COP-vis]]$_{\text{VP}}$ não é arbitrária, ou seja, é possível encontrar a motivação para os elementos a formam.

Primeiramente, notamos que um dos elementos dessa construção é outro evidencial, um da categoria VISUAL. Ao contrário do que poderia se pensar, esse evidencial não aparece nessa construção apenas para indicar a pessoa e o aspecto, mas também para indicar evidência visual. Como visto, o uso do evidencial INFERENCIAL ocorre quando o falante vê os resultados de uma ação ou estado e infere o que teria acontecido, assim, o modo de acesso sensorial desse tipo de evidência também é visual, apesar de não ser direta.

O predicado nominal que também faz parte dessa construção VERBO NOMINALIZADO POR *-di* + CÓPULA também pode ser motivado. Vimos que nesta língua predicados nominais têm uma *ascriptive function*, ou seja, são utilizados para descrever a imagem de uma situação, predicar um certo estado de coisas ou atribuir propriedades. Desse modo, foi concluído que o predicado nominal nesta construção ocorre para mostrar que o foco não é ação/estado em si e sim no resultado da ação ou estado, que em muitos casos é um estado de coisas ou uma situação estática.

Nesta análise, a categoria PRESUMIDO se subdivide em dois evidenciais o PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* e o PRESUMIDO SUPOSTO *-aya*. A função dessa categoria, como visto, é bastante complexa, pois ele pode ocorrer em diversos contextos: (i) para indicar que a fonte de informação é uma experiência prévia; (ii) para indicar que a declaração é um conhecimento compartilhado por um grupo de pessoas; (iii) para indicar que a fonte de informação é uma sensação corpórea, como fome ou dor; (iv) para indicar que o falante supôs aquela informação através da lógica. Também observo que esse evidencial pode ser utilizado tanto em contextos que o falante tem alta certeza, quanto em contexto que ele tem baixa certeza – dependendo do tipo de fonte de informação (dentre as quatro apresentadas acima) que o evidencial está indicando.

A categoria REPORTADO na minha análise contém dois morfemas evidencias: o REPORTADO DISTANTE e o REPORTADO PRÓXIMO. Vimos que o REPORTADO DISTANTE ocorre majoritariamente em narrativas mitológicas/tradicionais, indicando um discurso que não tem um autor original, uma vez que essas histórias fazem parte de uma tradição contada oralmente. Já REPORTADO PRÓXIMO indica que o falante recebeu aquela informação de alguém que pode recuperado, ou seja, não faz parte de uma "voz narrativa" tradicional. No caso do reportado próximo, não necessariamente o "autor" da informação é alguém específico.

Observei que, nos dados analisados nesta dissertação, os evidenciais REPORTADOS em Wa'ikhana não são tão recorrentes, com exceção de contextos específicos como narrativas tradicionais, no caso do reportado distante. No entanto, o REPORTADO DISTANTE não ocorre em nenhuma das outras narrativas analisadas (não tradicionais) e o REPORTADO PRÓXIMO não foi

encontrado em nenhuma narrativa, apenas em dados de elicitação. Portanto, a descrição da sua função nesta dissertação foi limitada, não conseguimos determinar qual o papel destes evidenciais na marcação de modalidade epistêmica, por exemplo.

O projeto *Estrutura Gramatical e Práticas Multilíngues Sob a Lente da Interação Cotidiana*, coordenado pela professora doutora Kristine Stenzel, tem como um dos objetivos coletar dados interacionais do cotidiano dos Kotiria e dos Wa'ikhana. Nesta dissertação, analisei apenas narrativas orais, dados de elicitação e dados escritos, porém em pesquisas futuras sobre evidenciais na língua Wa'ikhana, será relavante observar o papel dos evidenciais em contextos interacionais. Apesar de as narrativas orais fornecerem dados mais espontâneos e contextualidos do que a elicitação, dados interacionais estão muito mais próximos da realidade de fala e, por isso, podem nos mostrar usos completamente inéditos das categorias da língua. No caso dos evidenciais, por exemplo, é possível que, a partir da análise de mais dados e, principalmente, dados mais espontâneos como os interacionais, se encontrem evidenciais REPORTADOS PRÓXIMOS em contexto de uso. Além disso, é provável que sejam identificadas outras possíveis funções das categorias de evidenciais.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality in typological perspective. In: AIKHENVALD, A. Y. and DIXON, R. M. W. (eds.), **Studies in evidentiality.**, p. 1–31. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003a.

AIKHENVALD, A. Y. **A grammar of Tariana, from northwest Amazonia.** Cambridge: CUP, 2003b.

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Nova York: Oxford University Press Inc., 2004.

AIKHENVALD, Alexandra Y. **Classifiers: A typology of noun categorization devices**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BARNES, J. Evidentials in the Tuyuca Verb. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, vol. 50, n.3, p. 255-71, jul. 1984.

BAYKOVA, K. **Expressão de propriedades no Guató e no Wa'ikhana**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, *inédito*.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition.** New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. & PAGLIUCA, W. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIAK, J. (org.) **Historical semantics Historical Word-Formation**. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton Publishers, pp. 59-83, 1985.

BYBEE, J. L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world.** Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CARNIE. A. **Syntax: A Generative Introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2013.

CEZARIO, B.; BALYKOVA, K.; STENZEL, K. (2018). "Parece que" é uma construção: a categoria de inferência em Wa'ikhana (Tukano Oriental). In: **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 207-231.

CEZARIO, M. M. & CUNHA, M. A. F. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.

CHACON, T. C. O sistema de classificação nominal do Tukáno. In: **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.147-197, dez., 2007

CHACON, T. C. A Revised Proposal of Proto-Tukanoan Consonants and Tukanoan Family Classification. In: **International Journal of American Linguistics**, Vol. 80, No. 3, 275-322, jul. 2014

CHACON, T. C. **The Phonology And Morphology Of Kubeo: The Documentation, Theory, And Description Of An Amazonian Language**. Tese de Doutorado, Univ, Oriente, 2012.

CHELLIAH, Shobhana L. & REUSE, Willem J. de. Definition and goals of descriptive linguistic fieldwork. In: **Handbook of Descriptive Linguistic Fieldwork**. New York: Springer, 2010, p. 7-24.

COMRIE, B. **Aspect:** an introduction to the study of verbal aspect and related problems. New York: Cambridge University Press, 1976.

CROFT, W. **Typology and universals.** Cambrigde: Cambrigde University Press, 2003.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional teoria e prática.** Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory**. Volume 1: Methodology. Oxford: Oxford, 2010.

DRYER, M. S. Descriptive theories, explanatory theories, and Basic Linguistic Theory. In: AMEKA Feliz K., DENCH, Alan; EVANS, Nicholas. **Catching Language**. Berlim-New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 207-234.

EPPS, P & STENZEL, K. **Upper Rio Negro – cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, Museu do Índio – Funai, 2013.

FALLER, M. **Semantics and pragmatics of evidentials in Cuzco Quechua**. Tese de Doutorado, Stanford University, 2002.

FANSELOW, G. Syntax. In: SMELSER N. J. & BALTES, P. B. (orgs.) **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, pp. 15401-15407, 2001.

FERGUSON, J.; HOLLINGER, C.; CRISWELL, L.; MORSE, N. L. El Cubeo. In: PÉREZ, M. S. G. & MONTES, M. L. R. (orgs.), **Lenguas Indígenas de Colombia, una visión descriptiva**Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, pp. 357– 370, 2000.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FLOYD, R. **The structure of evidential categories in Wanka Quechua**. Summer Institute of Linguistics, 1999.

GIVÓN. T. Evidentiality and Epistemic Space. **Studies in Language**,6(1):23–49, 1982.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction.** V. I. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. Some Substantive Issues Concerning Verb Serialization: Grammatical vs. Cognitive Packing. In: C. LEFEBVRE (ed.). **Serial Verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1991, p. 137-211.

GIVÓN, T. **Syntax**. An Introduction. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. **Syntax**. An Introduction. Rev. Ed. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure.** Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG. A. E & AUWERA, J. This is to count as a construction. **Folia Linguistica**, 46/1, 109-132, 2012.

GOMEZ-IMBERT, E. Conocimiento y verdad en tatuyo. **Antropología 2**. Bogotá: Universidad de los Andes, pp. 117–125, 1986.

GOMEZ-IMBERT. E. **Morphologie et phonologie barasana: Approche non-linéaire**. Tese de Doutorado. Université de Paris VIII, 1997.

GOMEZ-IMBERT, E. **Les catégories de base de la conjugaison dans deux langues**. Tukano orientales. MS, 1999.

GOMEZ- IMBERT, E. La vue ou l'ouïe: la modalité cognitive des langues Tukano orientales. In Zlatka Guentchéva and Jon Landaburu (orgs.), **L' énoncé médiatisé: Le Traitement épistémologique de l'information: illustrations amérindiennes et caucasiennes**. Volume II, 65– 85. Louvain: Peeters, 2007

GOMEZ-IMBERT, E. **Une langue du Nord-ouest amazonien: le barasana**, 2003.

GREENBERG, J. H. **Language universals.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996.

HENGEVELD, K. **Non-Verbal Predication.** Berlim/Nova Iorque: De Gruyter Mouton, 1992

HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MACHADO, N. I. P. **A expressão da evidencialidade no pb: uma estratégia construcional com verbo ver**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

JAKOBSON, R. Remarques sur l'évolution phonologique du russe comparée à celle des autres langues slave. **Travaux du Cercle Linguistique de Prague** 2: 7–116, 1929.

JAKOBSON, R. Typological studies and their contribution to historical comparative linguistics. In: SIVERTSEN, E. **Proceedings of the Eighth International Congress of Linguistic**. Oslo: Oslo University Press, pp. 17–35, 1958.

JAKOBSON, R. Shifters and verbal categories. In: WAUGH, L.; MONVILLE- BURSTON, M. (orgs.), JAKOSON, R. **On language**. Cambridge: Harvard University Press, pp. 386–92, 1990.

JESUS, J. L.; MATOS, A. C. S.; MARTINS, A. L.; NESPOLI, J. B. O aspecto *perfect* no português do Brasil. **Travessias Interativa**, Rio de Janeiro, p. 1-18, jul. 2017. Disponível

em: http://www.travessiasinterativas.com.br/_notes/vol14/Travessias-Interativas-n.14-JESUS-MATOS-MARTINS-NESPOLI.pdf. Acesso em: 21 mar. 2018.

KENEDY, E. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KLUMPP, J. & KLUMPP, D. **Sistemas fonológicos de idiomas colombianos: Tomo II.** Lomalinda: Editorial Townsend, 1973.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. **Woman, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MARTINS, S. A. **Fonologia e Gramática Dâw.** Amsterdam: vrije University, 2004.

MICHAEL, Lev. **Nanti evidential practice: Language, knowledge, and social action in an Amazonian society**. Tese. University of Texas at Austin, 2008.

PALMER, F.R., **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PALMER, F.R., **Mood and modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PAYNE, T. **Exploring language structure: a student's guide.** New York: Cambridge University Press, 2006

PINHEIRO, D. **Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva:** da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso, 2016. Publishing Company Amsterdam / Philadelphia.

PUSTET, R. **Copulas: Universals in the Categorization of the Lexicon.** Nova Iorque: Oxford University Press, 2003

RAMIREZ, H. **A Fala Tukano dos Ye'pâ-Masa, Tomo I Gramática.** vol. 1. Manaus: CEDEM, 1997.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories, In: Moore, T. E. **Cognitive Development and the Acquisition of Language**, NY: Academic Press, 1973.

ROSCH, E. Cognitive representation of semantic categories. *J***. of Experimental Psychology: General**, 104, 1975.

SILVA, W. L**. A descriptive grammar of Desano**. Tese de Doutorado, University of Utah, 2012.

SILVA, W. L. Fieldwork Game Play: Masterminding Evidentiality in Desano. **Language documentation & conservation, v**ol. 10, pp. 58–76, 2016

STENZEL, K. & CHAGAS, D. S. J. V. **Wa'ikhana Ya'ulikihti Mahsiñe Ohalituhu**. Rio de janeiro: Museu do índio, 2018.

STENZEL, K. To hi or not to hi? Nonverbal predication in Kotiria and Wa'ikhana (East Tukano). In OVERALL, S.; VALLEJOS, R. & GILDEA, S. (org.) **Nonverbal Predication in**

Amazonian Languages. [Typological Studies in Language 122]. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 163-192, 2018.

STENZEL, K.; MARQUES, T.; TRINDADE, J. G.; CABRAL, M. W. Kotiria. In: STENZEL, K. & FRANCHETTO, B. **On this and other worlds: voices from Amazonia**. Berlin: Language Science Press, 2017

STENZEL, K. & CEZARIO, B. Wa'ikhana: *Wehsepʉ buude wehẽgʉ ehsamii emo sañodukugʉ tʉ'osuaʉ Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás.* In: **Revista LinguiStica**. Vol 2019-1, *no prelo*.

STENZEL, K. & GOMEZ-IMBERT, E. Evidentiality in Tukanoan languages. In: AIKHENVALD, A. Y. (org.) **The Oxford Handbook of Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2018, pp. 357-387.

STENZEL, K. The Semantics of Serial Verb Constructions in two Eastern Tukanoan languages: Kotiria (Wanano) and Waikhana (Piratapuyo). In: DEAL, A. R. (org.). **Proceedings of SULA 4: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas.** University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics. Amherst, v. 35, 2007, p. 275-290.

STENZEL, K. **A Reference Grammar of Kotiria (Wanano).** Lincoln: University of Nebraska Press, 2013.

STENZEL, K. As categorias de evidencialidade em Wanano (Tukano Oriental). **Liames – Línguas Indígenas Americanas**, UNICAMP, Campinas, n.6, p. 7-28, 2006.

STENZEL, K. Evidentials and Clause Modality in Wanano. **Studies in Language**, v. 32, n. 2, 2008a, p. 404–44.

STENZEL, K. Multilingualism: Northwest Amazonia Revisited. In: **Proceedings of the Second Annual Congress CILLA / Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica II CILLA.** Austin: University of Texas, 2005. Disponível em: <http://www.ailla.utexas.org/site/cilla2_toc_sp.html>. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

STENZEL, K. S. & DEMOLIN, D. 2013. Traços Laringais em Kotiria e Wa'ikhana (Tukano Oriental). In **Fonologia: teorias e perspectivas**, edited by Besol, L. and Collischonn, G., pp. 77-100. Porto Alegre: EdiPUCRS

STENZEL, K. Kotiria 'differential object marking' in cross-linguistic perspective. **Amerindia** 32: 154-181, 2008b.

TOMASELLO, M. **Constructing a language – a used-based theory of language acquisition.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. G. **Constructionalization and Constructional Change. Oxford University Press**: Oxford, 2013.

VELUPILLAI, V. **An Introduction to Linguistic Typology**. Amsterdam: John Benjamins, 2012

VLCEK, N. **Documentação Linguística do Tuyuka**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WALTZ, N. E. Innovations in Wanano (Eastern Tucanoan) when compared to Piratapuyo. **International Journal of American Linguistics 68(2)**: 157-215, 2002.

WALTZ, N. E. **Diccionario Bilingüe – Piratapuyo-Español Español-Piratapuyo**. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados, 2012.

WILLETT, T. "A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality". **Studies in language 12**, 1988, pp. 51–97.

APÊNDICE – Narrativa *O grito do macaco*[39]

Wehsepʉ buude wehẽgʉ esamii emo sañuduhkugʉ'ʉ tʉ'osua'ʉ

'Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás'

'I went to the garden to hunt the agouti. Hearing a monkey cry in the forest, I went after it'

(1) *wehsepʉ buure wehẽgʉ ehsamii, emo sañuduhkugʉ̃ tʉ'osuaʉ*

wesé-pʉ	*buú-de*	*~wehé-gʉ*	*esá-~bi-i*	*~ebó*
roça-LOC	cutia-OBJ	matar-1/2SGM	chegar-FRUS-1/2SGM	macaco.guariba

~sayú-duku-~gʉ	*tʉ'ó-súá-ʉ́*
grito-estar.em.pé-SWRF	escutar-entrar.no.mato-1.VIS.PFV

'Quando fui à roça caçar a cutia, ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás.'

(2) *yʉ'ʉ mali o'õ me'nagã ihibʉna,* como quatro ou cinco pessoa

yʉ'ʉ́	*~badí*	*~o'ó*	*~dá-~gá*
1SG	1PL.INCL	DEIC.PROX	ser.pouco-PL-DIM

ihí-bʉ(hʉ)-~da	como quatro ou cinco pessoa
COP-AFFECT-PL	

'Eu, nós estamos aqui, pouca gente, como quatro ou cinco pessoas.'
'I, we're here, just a few people, like four or five.'

(3) *ihidogãle tikodo o'õsaa kihtide tikodo ka'meno kahtamahape*

ihí-dó-~gá-dé	*tí-kó-dó*	*~o'ó-sáá*	*kití-dé*	*tí-kó-dó*
COP-SG-DIM-OBJ	ANPH-FEM-SG	DEIC.PROX-assim	história-OBJ	ANPH-FEM-SG

kití-dé	*tí-kó-dó*	*~ka'bé-dó*	*katá-~báhá-pé*
história-OBJ	ANPH-FEM-SG	precisar/querer-SG	pedir.para.ouvir-?-CONTR

'E neste momento, ela (Kristine) quer ouvir pequenas histórias desse jeito.'

---

[39] Esta narrativa cujo título original é *Wehsepʉ buude wehẽgʉ esamii emo sañuduhkugʉ'ʉ tʉ'osua'ʉ* 'Quando fuiFui à roça caçar a cutia, ouvindo. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás' faz parte de um artigo de mesmo nomehomônimo aceito para publicação (STENZEL & CEZARIO, *no prelo*).

‘And right now, she (Kristine) wants to hear little stories like this.’

(4) *saa yн'н, yн'нgũle me'no ihia*

saá *yн'ń* *yн'ń -~gн'н-de* *~be'é-dó* *ihí-aga*

então/assim 1SG 1SG-ADD-OBJ ser.pouco-SG COP-PRES.IPFV

‘Então, eu também tenho uma pequena (história).’ [Lit: Então, existe para mim também uma pequena (história)]

‘So, I too have a little one (story).’ [Lit: So, a little one (story) exists for me too]

(5) *saa kihti warope é historia*

saá *kití-wáró-pé* *é* *história*

então/assim história/conto-de.verdade-CONTR

‘Histórias verdadeiras são “histórias”.’

‘Things that really happened are “stories”.’

(6) *saa kihti ihiyepe é história, sata?*

saá *kití* *ihí-ye-pe* *é* *história* *satá*

então/assim história/conto COP-NMLZ.INDF-CONTR assim.mesmo

‘E contos (inventados) são “histórias” (também), não é?’

‘And (made up) tales are “stories”, right?’

(7) *saayeegн o'õ mia, segunda-feira*

saá-yéé-gń *~o'ó* *~biá* *segunda-feira*

então/assim-fazer-1/2SGM DEIC.PROX hoje

‘Então, hoje, segunda-feira,’

‘So, today, Monday,’

(8) *dia 10 de abril, o'õ numia yaawн'нpн AMIDI*[40] *wametidi wн'н puyopн,*

dia 10 de abril *~o'ó* *~dubiá* *yaá-wн'ń-pн* *AMIDI*

[40] AMIDI - Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Iauaretê, lugar de encontro de mulheres artesãs da região e venda de seus produtos, que também oferece hospedagem a pesquisadores e viajantes.

DEIC.PROX mulheres POSS-casa-LOC AMIDI

~wabé-tí-dí *wʉ'ʉ́* *pu'yó-pʉ́*

nome-VBZ-VIS.PFV.2/3 casa estar.dentro-LOC

'Dia 10 de abril, aqui na casa das mulheres que chamam de AMIDI.'

'Abril 10th, here in the women's house that they call AMIDI.'

(9) *mali duhibʉhʉna*

~badí *duhí-bʉ́hʉ́-~dá*

1PL.INCL sentar-AFFECT-PL

'Estamos aqui,' [Lit.: Sentados, reunidos]

'Here we are,' [Lit: sitting, gathered together]

(10) *seedo keodo, me'nagã ihigʉ̃peta ke'noano kihti wihiamipe*

saá-yéé-dó *keódo* *~be'é-~dá-~gá* *ihí-~gʉ-pe-tá*

então/assim-fazer-3SG certo ser.pouco-PL-DIM COP-SWRF-CONTR-EMPH

~ke'dóa-do *kití* *wihí-wa'á-~bí-pé*

ser.bom-SG história sair-ir-FRUS-CONTR

'Quando o grupo é pequeno, a história (deve) sair direito/correto.'

'When there's a small group, the story (should) come out right.'

(11) *seedo tikodo sahido bo'dole ka'mekoato*

saá-yeé-dó *tí-kó-dó* *sahí-dó*

então/assim-fazer-3SG ANPH-FEM-SG tipo-SG

bo'dó-de *~ka'bé-kóa-tó*

coisa-OBJ precisar/querer-SPEC-NMLZ

'Por isso, ela deve querer desse jeito.'

'That's probably why she wants it like this.'

(12) *akãta ihidi o'õsaa bahudo wa'ali*

~ʉká-tá *ihí-di* *~o'ó-saá* *buhú-do* *wa'á-di*

uma-CLF:tempo COP-VIS.PFV.2/3 DEIC.PROX-assim aparecer-SG ir-VIS.PFV.2/3
‘Uma vez aconteceu bem assim.’
‘Once (it) happened like this.’

(13) *o'õsaa niime'oye meheta ihidi*

~o'ó-saó	*~dií-~bé'o-yé*	*~behé-ta*	*ihí-di*
DEIC.PROX-assim	dizer-não.conseguir-NMLZ.INDF	não.ser-EMPH	COP-VIS.PFV.2/3

‘Bem assim, realmente não é mentira (*niime'oye*).’
‘Like this, it’s really not a lie.’

(14) *mali keodo, mali Wa’ikhana keodo di'ita ya'uduhkumena, ahã*

~badí	*keódó*	*~badí*	*wa’í-khá-~dá*	*keódó*	*di'íta*
1PL.INCL	certo	1PL.INCL	fish-origin-PL	certo	apenas/sempre

ya'ú-dúkú-~bé-~dá	*~áha*
falar/contar-estar.em.pé/ficar-FRUS-PL	INTJ:confirmação

‘Nós, nós wa’ikhana (piratapuyo ‘gente-peixe’) somos (quase) sempre contadores de verdade (o certo), ahã.’
‘We, we Wa’ikhana (Piratapuyo ‘fish people’) are (almost) always truth-tellers, uh-huh.’

(15) *saayeedo, yн'на, akãta wehsepн wa'awa'aн, yн’на wehsepн*

saá-yéé-dó	*yн'н́-a*	*~нká-tá*	*wesé-pн*
então-fazer-3SG	1SG-EMPH	uma-CLF:tempo	roça-LOC

wa'á-wá'á-н́	*yн'н́-a*	*wesé-pн*
ir-ir-VIS.PFV.1	1SG-EMPH	roça-LOC

‘Então uma vez, eu mesmo fui embora para a roça, eu mesmo para a roça.’
‘So once, I myself went off to the garden plot, I myself to the garden.’

(16) *wehsepн, buu i'yali. saayeegн “ko'tei wa'aн” nii.*

wesé-pн	*buú*	*i'yá-di*	*saá-yéé-gн́*	*ko'té-i*
roça-LOC	cotia	comer-VIS.PFV.2/3	então-fazer-1/2SGM	esperar-1/2SGM

wa'á-ɨ́ *~dií-í*

ir-VIS.PFV.1 dizer-VIS.PFV.1

'Na roça, uma cotia estava comendo (a maniva). Então pensei: "Vou esperá/caçá(-la).'"

'There in the garden, an agouti had been eating the manioc. So I thought: "I'm going to wait (for it, to hunt it).'"

(17) *yɨ'ɨ ko'teati pano*

yɨ'ɨ *ko'té-wa'a-ti* *~pádo*

1SG esperar-ir-NMLZ estar/fazer.antes

'Eu, antes de ir esperá(-lo),'

'I, before going to wait (for it),'

(18) *niakã kahsolio se'neye wehse dehko*

~ɨká *kasólio* *se'né-yé* *wesé* *dekó*

um jirau preparar-NMLZ.INDF roça no.meio

'preparando um jirau no meio da roça,'

'making a platform in the middle of the garden,'

(19) *se'neye topɨnaha ko'tei wa'aɨ niinaha ñamikɨ̃no wa'a*

se'né-yé *to-pɨ-~daha* *ko'té-í* *wa'á-ɨ́*

preparar-NMLZ.INDF ANPH-LOC-EMPH esperar-1/2SGM ir-1/2SGM

~dií-í-~náhá *~yabí-~kɨ-do* *wa'á*

PROG-VIS.PFV.1-EMPH noite-origem-SG ir

'Preparando lá, fui indo esperar, sai antes de amanhecer'

'Preparing that, I went off to wait, leaving before dawn.'

(20) *wa'awa'aɨ topɨ ko'tei wa'aɨ, aɨ*

wa'á-wá'á-ɨ́ *to-pɨ* *ko'té-í* *wa'á-ɨ́* *áɨ*

ir-ir-VIS.PFV.1 ANPH/DEF-LOC esperar-1/2SGM ir-VIS.PFV.1 sim

'Fui lá, fui esperar, sim.'

'I went there, went to wait, yes.'

(21) *dɨhkɨle ñaatiado yeedi*

dʉkʉ́-de *~yaá-butí-wá'á-dó* *yeé-di*
maniva-OBJ ser.mal-amadurecer-ir-3SG fazer-VIS.PFV.2/3
'(A cotia) estava estragando a mandioca.'
'(The agouti) was ruining the manioc.'

(22) *"tiña wehegʉ wa'aʉta" nino me'na wa'aʉta nii yʉ'ʉ*
ti-~ya *~wehé-gʉ́* *wa'á-ʉ́-tá* *~dií-dó* *~be'da*
ANPH/DEF-ser.mal matar-1/2SGM ir-1/2SGM-IRR dizer-SG COM/INS

wa'á-ʉ́-ta *~dií-í* *yʉ'ʉ́*
ir-VIS.PFV.1-EMPH dizer-VIS.PFV.1 1SG
'"Vou matar aquele maldito!" com esse pensamento fui com vontade.'
'"I'm going to get that bastard!" with that thought I went off determined.'

(23) *wa'a topʉna, ehsapehsa,*
wa'á *to-pʉ-~daha* *esá-pesá*
ir ANPH-LOC-EMPH chegar-deitar
'Fui lá (no jirau), ficando deitado,'
'I went there (to the platform), lying there,'

(24) *ti kahsolio bu'ipʉna, ko'tepehsamigʉ*
tí *kasólio* *bu'í-pʉ́-~dáhá* *ko'té-pesá-mí-gʉ́*
ANPH jirau estar.em.cima-LOC-EMPH esperar-deitar-FRUS-1/2SGM
'Em cima daquele jirau, esperando (sem sucesso).'
'On top of the platform, waiting (in vain).'

(25) *yʉ'ʉ, bo'lea pãlike'ado,*
yʉ'ʉ́ *bo'léa* *~palíké'á-dó*
1SG amanhecer abrir/clarear-SG
'Eu, ao amanhecer,'
'I, at dawn,'

(26) "*ti o'orata a'tasuali", yʉ'ʉ ninota*

tí *o'órátá* *a'tá-súá-dí* *yʉ'ʉ́* *~dií-dó-tá*

ANPH no.mesmo.instante vir-fazer.de.custume-NMLZ 1SG dizer-SG-EMPH

'"É a hora (que a cutia) costuma vir" era meu pensamento.'

'"This is when (the agouti) usually comes," was my thought.'

(27) *o'õ bo'dogãta*

~o'o *bo'dó-~gá-tá*

DEIC.PROX coisa/modo-DIM-EMPH

'Então, bem assim,'

'Then, like this,'

(28) *yʉ'ʉ ka'agãta emodu ya'ubuhalith, aʉ*

yʉ' *ka'á-~gá-ta* *~ebó-du*

ʉ́

1SG estar.perto-DIM-EMPH macaco.guariba-AUM

ya'ú-búhú-dí-tá *áʉ*

falar/contar-aparecer-VIS.PFV.2/3-EMPH sim

'Pertinho de mim, o guariba grande começou a gritar, sim.'

'Close by, the big howler monkey started to howl, yes.'

(29) *yʉ'ʉle pʉadopʉ ihikadʉnaha*

yʉ'ʉ́-dé *pʉá-dó-pʉ́* *ihí-ka'a-dʉ-ʉ-~daha*

1SG-OBJ dois/duas-SG-LOC COP-DUR-AFFECT-VIS.PFV.1-EMPH

'Fiquei entre duas (coisas, opções).' [Lit: (A situação) me deixou entre dois.]

'I was between two (things, options).' [Lit: (The situation) put me between two.]

(30) *buugʉ̃le saa wehẽduado, emogʉ̃'ʉle saa wehẽduado, aʉ*

buú-~gʉ'ʉ-de *saá* *~wehé-dʉ́á-dó* *~ebó-~gʉ'ʉ-de*

cotia-ADD-OBJ então matar-DES-SG macaco.guariba-ADD-OBJ

saa *~wehé-dʉ́a-dó* *áʉ*

então matar-DES-SG sim

'Querendo matar a cutia, (e) querendo matar o guariba, sim.'

‘Wanting to kill the agouti (and) wanting to kill the monkey, yes.’

(31) *yʉ'ʉ “buu pi'awiedagʉ̃le, saata tohoasakãboa ihiedale”*

yʉ'ʉ́	*buú*	*pi'á-wí'í-éda-~gʉ-de*	*saá-tá*
1SG	cotia	sair-chegar-NEG-SWRF-OBJ	então-EMPH

tohó-esá~ka-bo-aga	*ihí-éda-de*
voltar-chegar-DUB-PRES.IPFV	COP-NEG-OBJ

‘Eu (pensando): “Se a cutia não aparecer, eu posso voltar sem nada.”’

‘I (thought): “If the agouti doesn’t show up, I might go home empty-handed.”’

(32) *“emopede wehẽi wa'aʉta” nii*

~ebó-pe-de	*~wehé-í*	*wa'á-gʉ́-tá*	*~dií-í*
macaco.guariba-CONTR-OBJ	matar-1/2SGM	ir-1/2SGM-IRR	dizer- VIS.PFV.1

‘“Vou matar o guariba,” pensei.’

‘“I’m going to kill the monkey,” I thought.

(33) *seedo dihia, tʉ'osuʉgʉ,*

saá-yéé-dó	*dihí-í-á*	*tʉ'ó-súá-gʉ́*
assim-fazer-SG	descer-VIS.PFV.1-EMPH	escutar-entrar.no.mato-1/2SGM

‘Assim (de modo ‘devagar’ segundo o consultor), desci, entrando no mato (atrás do som do guariba),’

‘So (‘slowly’, according to the consultant), I got down, going into the forest (toward the sound from the monkey),’

(34) *tʉ'osua wa'aʉ*

tʉ'ó-súá	*wa'á-ʉ́*
escutar-entrar.no.mato	ir-VIS.PFV.1

‘Fui na direção (do som).’

‘(I) went that way (toward the sound).’

(35) *ya'udo meheta, niidi ihidinaha*

ya'ú-do *~behé-ta* *~dií-dí* *ihí-di-~daha*
falar/contar-SG não.ser-EMPH PROG-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3-EMPH
'(Parece que o guariba) não estava cantando (o som que normalmente faz).'
'(Apparently the monkey) wasn't singing (making the sound it normally makes).'

(36) *kaale kuedo saa sañuduhkumaamɯhɯli ihidi, hɯ̃*
kaá-de *kué-do* *saá* *~sayú-duku-~baá-~bɯhɯ-di*
gavião-OBJ ser.perigoso-SG então/assim gritar-em.pé/ficar-sair-AFFECT-NMLZ

ihí-di *~hɯ*
COP-VIS.PFV.2/3 INTJ:afirm
'Com medo do gavião perigoso/ameaçador, (parecia que) estava gritando, hmm.'
'(Apparently) fearful of a dangerous/threatening hawk, it was screaming, hmm.'

(37) *kaakɯ tina niidido ihimikoali hɯ̃, yabeido*
kaákɯ *tí-~dá* *~dií-dí-dó* *ihí-~bi-koa-di*
gavião.rei ANPH-PL dizer-NMLZ-SG COP-FRUS-SPEC-VIS.PFV.2/3

~hɯ *yabé-ídó*
INTJ:afirm QU:o.que-NMLZ.SG
'(Talvez) era o que chamam de gavião-real, hmm, aquele.'
'(Maybe) it was what they call a king hawk, hmm, that one.'

(38) *wɯlia ponuta ihidi, kaadu*
wɯ́-díá *~púdo-ta* *ihí-di* *kaá-dú*
voar-CLF:redondo tamanho-EMPH COP-VIS.PFV.2/3 gavião-AUM
'Era do tamanho de um avião, o gavião grande.'
'It was as big as a plane, the big hawk.'

(39) *tido, tido emope, hɯ̃!*
tí-dó *tí-dó* *~ebó-pé* *~hɯ*
ANPH-SG ANPH-SG macaco.guariba-CONTR INTJ:afirm
'E aquele, aquele guariba, hmm.'
'That one, the monkey, hmm.'

(40) *a'lido, mai yuse puno, duhidi tido emodu*

a'dí-do *~baí* *yusé* *~púdo* *duhí-di*

DEM.PROX-SG VOC:pai/tio josé tamanho sentar-VIS.PFV.2/3

tí-do *~ebó-du*

ANPH-SG macaco.guariba-AUM

'Aquele (era) do tamanho do tio José, o guariba sentado (que estava).'

'That one (was) the size of Uncle José, the monkey sitting (that was) there.'

(41) *kaa ñe'eduagɯ̃ sañuduhkumaamɯhɯli ihidi hɯ̃, cho!*

kaá *~ye'é-dúá-~gɯ* *~sayú-duku-~baá-~bɯhɯ-di*

gavião pegar-DES-SWRF gritar-em.pé/ficar-sair-AFFECT-NMLZ

ihí-di *~hɯ* *cho*

COP-VIS.PFV.2/3 INTJ:afirm INTJ:puxa!

'(Como) o gavião queria pegá-lo, (parece que) estava gritando, né? Puxa!'

'(Since) the hawk was after him, he was (apparently) screaming, right? Yeah!'

(42) *yɯ'dɯawa'ali, poanali*

yɯ'dɯá-wá'á-dí *poá-~da-di*

ser.enorme-ir-VIS.PFV.2/3 pena/cabelo-PL-NMLZ

'Era um bicho-cabeludo grande demais.'

'It was an enormous hairy-one.'

(43) *saa, "ihidikina meheta, pehkapedi dɯhkaɯpe", nii*

saá *ihí-di-kɯna* *~behé-ta* *pekápe-di*

assim COP-NMLZ-PL não.ser-EMPH cartucho-PL

dɯká-gɯ́-pé *~dií-í*

ser.resistente/forte-1/2SGM-CONTR dizer- VIS.PFV.1

'Então, "(você) não é daqueles (animais pequenos e fáceis de matar), aguenta (é resistente a) chumbo," pensei.'

‘So, “(you) aren’t one of those (small animals, easy to kill), (you’ll) resist buckshot,” (I) thought.”

(44) *i'yo ʉ'mʉali i'yo, ihidopea poseyedipe ihidi*

i'yó	*~ʉ'bʉá-di*	*i'yó*
CONJ:mas/ao.contrário	ser.alto-VIS.PFV.2/3	CONJ:mas/ao.contrário

ihi-do-pe-a	*posé-yé-dí-pé*	*ihí-di*
COP-SG-CONTR-EMPH	encher-NMLZ.INDF-PL-CONTR	COP-VIS.PFV.2/3

‘A altura era demais (para) o cartucho (com pelotas de chumbo) que tinha.’

‘It was too big for the ammunition, I had (buckshot).’

(45) *legitimo ihigʉna, nikãta dihoboli ihi tidole*

legítimo[41]	*ihí-~gʉ-~daha*	*~ʉká-tá*	*dihó-bo-di*
	COP-SWRF-EMPH	uma-CLF:tempo	derrubar-DUB-NMLZ

ihí-i	*tí-dó-dé*
COP-VIS.PFV.1	ANPH-SG-OBJ

‘Se fosse (bala) legítima, eu o derrubaria de uma vez só.’

‘If I had real bullets, I would only need one shot.’

(45) *mʉhsa iñagʉta, yʉ'ʉ musinokhʉ ihietimipe yʉ'ʉ, mba!*

~bʉsá	*~i'yá-gʉ́'ʉ́-ta*	*yʉ'ʉ́*	*~busídó-kʉ́*
2PL	ver/olhar-ADD-EMPH	1SG	marupiara[42]/bom.de.tiro-1/2SGM

ihí-eti-~bi-i-pe	*yʉ'ʉ́*	*mba!*
COP-IPFV-FRUS- VIS.PFV.1-CONTR	1SG	INTJ:penso/afirmo.assim

‘Vocês sabem, eu (costumava ser) bom de tiro, isso mesmo!’

---

[41] O consultor explicou que a bala “legítima” é um tipo de cartucho de espingarda industrializado, ao contrário dos mais baratos e menos eficazes feitos manualmente, enchidos com pelotas de chumbo e chamados de *poseyedi* pelo narrador.

[42] Foi mantida a primeira tradução em Nheengatu dada pelos consultores “marupiara”, que significa ‘homem de sorte’ na caça ou pesca.

‘You know, I was (usually) a good hunter, indeed.’

(47) *o'õ to pitide*

~o'ó	*to*	*pití-dé*
DEIC.PROX	ANPH/DEF	acabar-VIS.IPFV.2/3

‘Aqui (a história) termina.’

‘That’s the end (of the story).’